

PARA ALÉM DOS MUROS:

relatos da extensão
universitária na Unimontes

Rogério Othon Teixeira Alves
Marcelo Brito
Organizadores

PARA ALÉM DOS MUROS:

relatos da extensão
universitária na Unimontes

Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

Wagner de Paulo Santiago
Reitor

Dalton Caldeira Rocha
Vice-Reitor

Ivana Ferrante Rebello
Pró-Reitora de Ensino

Marlon Cristian Toledo Pereira
Pró-Reitor de Pós-Graduação

Maria das Dores Magalhães Veloso
Pró-Reitora de Pesquisa

Pablo Peron de Paula
Pró-Reitor de Planejamento, Gestão e Finanças

Rogério Othon Teixeira Alves
Pró-Reitor de Extensão

©Editora Unimontes

Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro
Editora Geral

Conselho Editorial

Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
Ivana Ferrante Rebello
Leandro Luciano Silva Ravnjak
Luiz Henrique Carvalho Penido
Patrícia Takaki Neves
Tânia Marta Maia Fialho
Vanessa de Andrade Royo

Apoio:



PARA ALÉM DOS MUROS:

relatos da extensão
universitária na Unimontes

Rogério Othon Teixeira Alves
Marcelo Brito

Organizadores

2ª Edição

Laura Silveira Fahel
Projeto gráfico, capa e diagramação

Agência LCR
Revisão linguística

Maria Clara Maciel de A. Ribeiro
Ana Márcia Ruas de Aquino
Maria Gabriela de Souza
Luana Pereira Santos
Equipe editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

P221 Para além dos muros [livro eletrônico] : relatos da extensão universitária na Unimontes / Rogério Othon Teixeira Alves, Marcelo Brito, organizadores. – 2. ed. – Montes Claros, MG : Editora Unimontes, 2026.
136 p. il. ; E-book (PDF).

Vários colaboradores.

Bibliografia.

Modo de acesso: world wide web

<http://www.editora.unimontes.br/index.php/ebook>

ISBN: 978-85-7739-827-0. E-book (PDF).

1. Extensão universitária. 2. Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. 3. Relatos de experiência – Ensino superior. 4. Universidade e comunidade. 5. Educação superior. I. Alves, Rogério Othon Teixeira. II. Brito, Marcelo. III. Título. IV. Título: Relatos da extensão universitária na Unimontes.

CDD 378.1554

Elaborado por Biblioteca Central Professor Antônio Jorge / Roseli Damaso – CRB-6/1892



O conteúdo desta obra, quando não houver indicação específica em contrário, é disponibilizado sob a Licença Creative Commons 4.0 Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações. Os direitos desta edição pertencem à Editora Unimontes.

©Editora Unimontes

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro
Montes Claros - Minas Gerais - Brasil, CEP 39401-089 - Caixa Postal 126.
www.editora.unimontes.br | editora@unimontes.br

Filiada à



SUMÁRIO

Apresentação 8

Rogério Othon Teixeira Alves, Marcelo Brito

1

Extensão universitária e desenvolvimento urbano: relato de experiência das ações do Projeto Encontros Citadinos 10

Isabela Veloso Lopes Versiani, Giancarlo Marques Carraro Machado, Marcelo Brito, José de Andrade Matos Sobrinho, Mariana Fernandes Teixeira, Gustavo Souza Santos, Priscila Dias Alkimim, Maria Clara de Oliveira Silva, Enrico Spaggiari

2

Projeto Biblioteca Itinerante Vozes do Cárcere: a leitura como ponte para a remição e o letramento no sistema prisional 24

Daniela Imaculada Pereira Costa

3

Laboratório do Exercício (Labex): contribuições de um projeto de extensão universitária para a promoção da saúde, a formação profissional e a produção de conhecimento em Educação Física 38

Vinicius Dias Rodrigues, Saulo Daniel Mendes Cunha, Frederico Sander Mansur Machado, Mariana Rocha Alves, Eric Evangelista e Souza, Carlos Rogério Ladislau, José Roberto Lopes de Sales, Renato Sobral Monteiro Junior

4

Projeto Dancê: a extensão universitária entra na dança 50

Fernanda de Souza Cardoso

5

Quando brincar também é cuidar: experiência extensionista com crianças hospitalizadas 66

Ana Augusta Maciel de Souza, Mirela Lopes de Figueiredo, Patrícia Fernandes do Prado, Simone Guimarães Teixeira Souto, Márcia Eduarda Mendes Pinheiro

6

Projeto Vida: entre o viver e o sentir – experiências de ressignificação do cuidado e da vida 78

Claudiana Donato Bauman

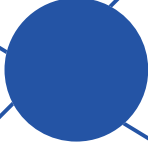
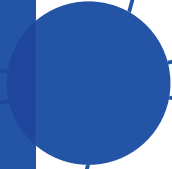
7

(In)Serto, uma experiência transviada (narrada a nove vozes) 100

Daliana Antonio, Marcelo Brito, Rafael Baioni

Sobre os organizadores 134

APRESENTAÇÃO



Organizar um livro que reúne relatos de extensão é, antes de tudo, um exercício de escuta e de tessitura. É reconhecer que a universidade não se esgota nos muros da sala de aula, nos laboratórios fechados ou nas páginas dos periódicos científicos. Ela pulsa, respira e se reinventa a cada encontro — por vezes inesperado — entre o saber acadêmico e a vida real. É exatamente sobre esses encontros que trata esta obra.

Os relatos aqui reunidos — que vão desde o cuidado lúdico com crianças hospitalizadas até a remição pela leitura no sistema prisional, passando pelo acolhimento de mulheres em tratamento oncológico, pela construção de um pensamento “transviado” no sertão, pela experiência libertadora da dança e pela reflexão crítica sobre o direito à cidade — não são meros registros de atividades. São testemunhos vivos de um fazer extensionista que opera como via de mão dupla: se por um lado leva à comunidade o conhecimento produzido na academia, por outro devolve ao estudante e ao professor algo que nenhuma prova ou artigo consegue capturar por completo: a consciência do impacto real de sua atuação.

A extensão universitária, como bem demonstram as experiências do Projeto Pró-Brincar, do Vozes do Cárcere, do Projeto Vida, do (In)Serto, do Dancê e do Encontros Citadinos, não é um apêndice do ensino e da pesquisa. Ela é, antes, o eixo que lhes confere sentido público. Quando um acadêmico de Enfermagem aprende que brincar também é cuidar, ele não está apenas aplicando uma técnica — está humanizando a saúde. Quando um estudante de Letras ou de Ciências Sociais senta-se com uma reeducanda para escrever um relatório de leitura, ele não está apenas ensinando gramática — está ajudando a reconstruir uma cidadania fragmentada pelo cárcere. Quando um futuro professor de Educação Física dança com mulheres que enfrentaram o câncer, ele não está apenas prescrevendo exercícios — está ressignificando a dor e celebrando a vida.

Essas vivências produzem um tipo de aprendizado que escapa às métricas tradicionais, mas que é, talvez, o mais decisivo na formação de um profissional consciente: a percepção de que todo conhecimento é, em última instância, um instrumento de transformação — e que transformar o mundo exige, antes, a disposição de ser transformado por ele.

As páginas que seguem, com relatos de coordenadores, bolsistas e parceiros, revelam essa dupla potência. Os autores nos mostram que

a extensão não é um favor que a universidade faz à sociedade, mas uma necessidade ética e formativa. É ela que nos lembra que o acadêmico não se prepara para uma carreira abstrata, mas para incidir sobre dores, sonhos, resistências e potências concretas.

Dessa forma, ao organizar este livro, nosso desejo é que ele sirva não apenas como registro institucional das ações da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), mas como inspiração para que mais estudantes e docentes se permitam atravessar os portões da universidade e encontrar, no diálogo com a comunidade, o sentido mais profundo de sua formação.

Que a leitura destas experiências nos lembre, sempre, do que há de mais belo e desafiador no ofício de educar e aprender: a certeza de que, quando a universidade se encontra com a vida, ninguém sai ileso. Todos saem maiores.

Boa viagem por estas páginas. E que você, leitor, também se sinta convidado a fazer parte dessa trama.

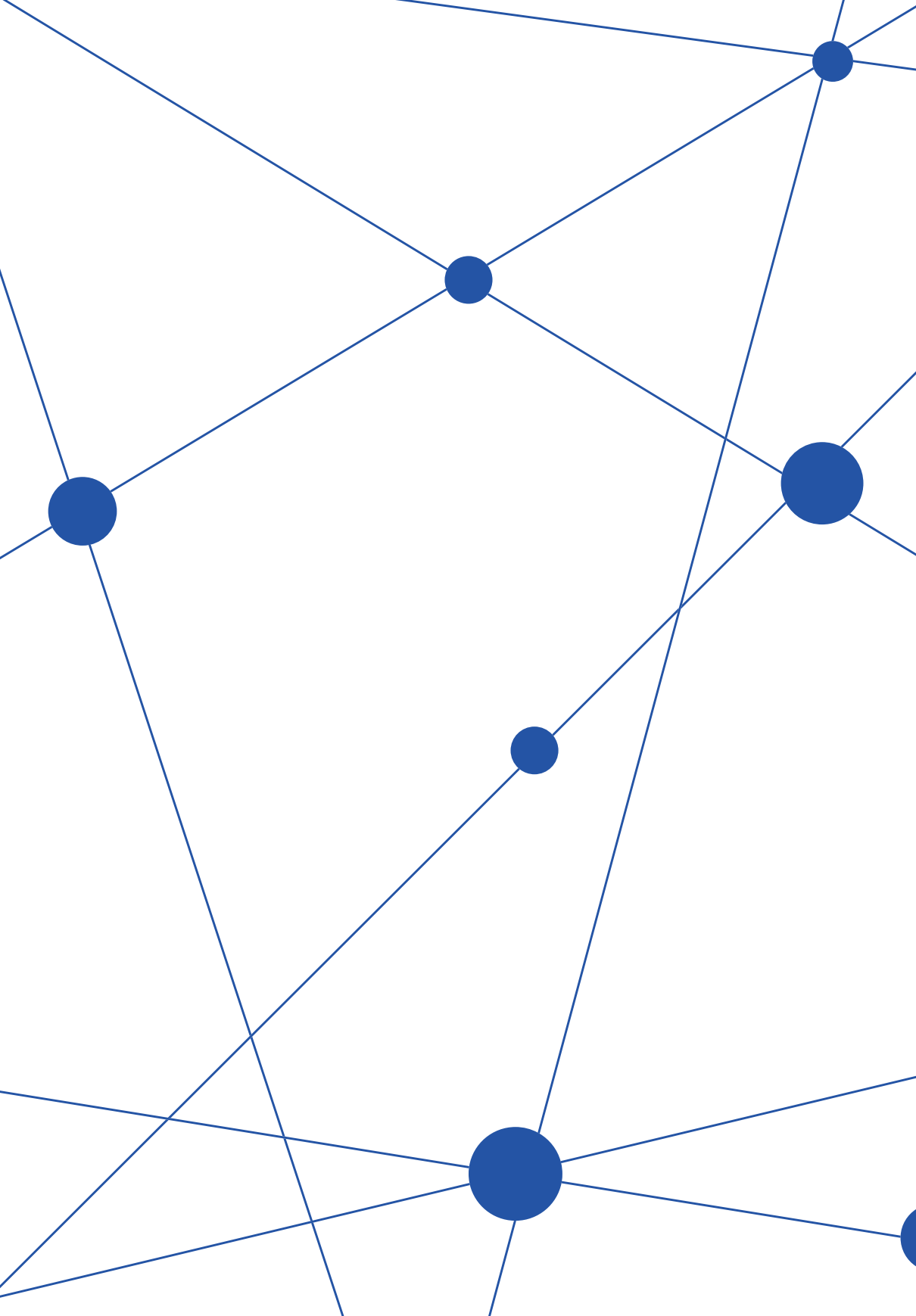
Rogério Othon Teixeira Alves

Pró-Reitor de Extensão da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)

Marcelo Brito

Pró-Reitor Adjunto de Extensão da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)





EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E DESENVOLVIMENTO URBANO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DAS AÇÕES DO PROJETO ENCONTROS CIDADINOS¹

Isabela Veloso Lopes Versiani²

Giancarlo Marques Carraro Machado³

Marcelo Brito⁴

José de Andrade Matos Sobrinho⁵

Mariana Fernandes Teixeira⁶

Gustavo Souza Santos⁷

Priscila Dias Alkimim⁸

Maria Clara de Oliveira Silva⁹

Enrico Spaggiari¹⁰

1 Agradecemos à Fundação do Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) pelo apoio e financiamento das ações e dos produtos apresentados neste capítulo, em especial por meio dos projetos "Encontros CIDADINOS: integração de pesquisa e extensão para o desenvolvimento urbano" (APQ-05171-24); "Maneiras de Fazer-Cidade: sobre os desafios cIDADINOS em Montes Claros (MG)" (APQ-03040-22); "Laboratório Multiusuário Cidadino: consolidação dos estudos urbanos no Norte de Minas" (APQ-03797-23).

2 Doutora em Desenvolvimento Social pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS/Unimontes). Coordenadora do projeto "Encontros CIDADINOS" e Coordenadora Adjunta do Núcleo Interdisciplinar de Temáticas Urbanas (Núcleo Cidadino). Professora do Departamento de Educação Física e do Desporto da Unimontes. isabela.versiani@unimontes.br

3 Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Permanente do PPGDS/Unimontes e do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes. Coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Temáticas Urbanas (Núcleo Cidadino). giancarlo.machado@unimontes.br

4 Doutor em Desenvolvimento Social pelo PPGDS/Unimontes. Pró-Reitor Adjunto de Extensão da Unimontes. Coordenador Adjunto do Núcleo Interdisciplinar de Temáticas Urbanas (Núcleo Cidadino). marcelobdireito@yahoo.com.br

5 Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Departamento de Educação Física e do Desporto da Unimontes. Colaborador do Núcleo Interdisciplinar de Temáticas Urbanas (Núcleo Cidadino). jose.sobrinho@unimontes.br

6 Doutora em Desenvolvimento Social pelo PPGDS/Unimontes. Coordenadora Adjunta do Núcleo Interdisciplinar de Temáticas Urbanas (Núcleo Cidadino). nanafeixeira@gmail.com

7 Doutor em Desenvolvimento Social pelo PPGDS/Unimontes. Colaborador do Núcleo Interdisciplinar de Temáticas Urbanas (Núcleo Cidadino). gustavo.ccpv@gmail.com

8 Doutoranda em Desenvolvimento Social pelo PPGDS/Unimontes. Bolsista Fapemig por meio do projeto "Encontros CIDADINOS". prialkimim@gmail.com

9 Doutoranda em Desenvolvimento Social pelo PPGDS/Unimontes. Bolsista Fapemig por meio do projeto "Maneiras de Fazer-Cidade". mariamcos@gmail.com

10 Doutor em Antropologia Social pela USP. Bolsista Fapemig por meio do projeto "Laboratório Multiusuário Cidadino". enricospaggiari@gmail.com

INTRODUÇÃO

A discussão sobre desenvolvimento urbano tem se consolidado como um campo estratégico para a atuação universitária, especialmente quando compreendida em sua natureza interdisciplinar e em sua relação direta com o tripé ensino, pesquisa e extensão. Em um contexto de intensificação das desigualdades socioespaciais, pensar a cidade e suas contradições exige abordagens que articulem produção de conhecimento, formação cidadã e intervenção social. Nesse sentido, a universidade pode desempenhar papel relevante tanto na leitura crítica dos processos urbanos quanto na construção de práticas socialmente referenciadas, e contribui para agendas mais amplas de desenvolvimento sustentável. Entre essas agendas, destaca-se a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), em especial o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 11, voltado à construção de cidades e comunidades mais inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis.

Nesse cenário, a extensão universitária assume centralidade como dimensão capaz de aproximar o conhecimento acadêmico das demandas concretas da sociedade, promovendo processos formativos, dialógicos e territorialmente situados. No âmbito da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), esse movimento também se expressa no fortalecimento de ações extensionistas voltadas às realidades locais e regionais, com especial atenção às problemáticas urbanas do Norte de Minas Gerais e à centralidade exercida por Montes Claros nesse contexto.

A relevância desse debate torna-se ainda mais evidente diante do aprofundamento das desigualdades urbanas, marcado pela precariedade de infraestrutura, pela distribuição desigual de serviços públicos e pela ocupação desigual do solo, especialmente nas periferias. O predomínio de modelos de desenvolvimento urbano subordinados a interesses econômicos tem aprofundado desigualdades socioespaciais e comprometido o acesso democrático à cidade. Nesse debate, o conceito de Direito à Cidade, desenvolvido por Lefebvre (2006; 2011) e Harvey (2012), permite compreender a cidade não apenas como espaço de acesso a bens e serviços, mas como campo de disputa e de participação coletiva na definição de seus rumos. No contexto brasileiro,

autoras como Maricato (2013) e Rolnik (2019) contribuem para evidenciar como a urbanização desigual, a precariedade das periferias e as disputas em torno da terra e da moradia permanecem centrais para a compreensão das contradições urbanas contemporâneas.

Em cidades médias como Montes Claros, essas contradições se manifestam com intensidade, o que evidencia a necessidade de ampliar espaços de reflexão crítica, participação social e construção coletiva de alternativas urbanas — contexto em que a Universidade pode desempenhar um papel importante na articulação entre diferentes agentes da produção do espaço, demandas sociais e mediações institucionais.

É nesse contexto que se insere o projeto de extensão Encontros Citadinos: Ciclo de Debates, Oficinas e Ações para o Desenvolvimento Urbano, promovido pela Unimontes por meio do Núcleo Interdisciplinar de Temáticas Urbanas (Núcleo Citadino). Implementado ao final de 2021, o projeto busca aproximar o conhecimento acadêmico das questões urbanas locais e regionais, com base em uma abordagem interdisciplinar e participativa, articulando ensino, pesquisa e extensão em ações voltadas à formação crítica, à produção compartilhada de conhecimento e à promoção do Direito à Cidade.

Ao se alinhar a essa perspectiva, o projeto reafirma o potencial da universidade como agente de mediação entre escalas local e regional, e contribui para a compreensão das dinâmicas urbanas e para o fortalecimento de práticas mais democráticas de produção da cidade. Assim, este capítulo tem como objetivo apresentar e analisar as ações desenvolvidas pelo “Encontros Citadinos”, destacando sua articulação entre ensino, pesquisa e extensão, bem como seus impactos formativos, sociais e territoriais. Para tanto, o texto está estruturado em três momentos principais: inicialmente, apresenta-se a contextualização do projeto e de sua trajetória institucional; em seguida, discutem-se as atividades desenvolvidas e seus principais impactos; por fim, são tecidas considerações sobre as contribuições da experiência para o fortalecimento da extensão universitária e para o debate sobre desenvolvimento urbano em cidades médias.

CONTEXTUALIZANDO O PROJETO DE EXTENSÃO

O projeto de extensão Encontros Citadinos, vinculado ao Núcleo Citadino da Unimontes, constitui uma iniciativa interdisciplinar voltada à articulação entre ensino, pesquisa e extensão no campo das questões urbanas. O Núcleo Citadino foi criado em 2020 e institucionalizado em 2021, em um contexto de fortalecimento de ações acadêmicas voltadas à compreensão crítica das dinâmicas urbanas de Montes Claros e do Norte de Minas Gerais. Esse processo foi impulsionado, sobretudo, pela consolidação de pesquisas e projetos financiados, especialmente com apoio da Fundação do Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), nos quais a extensão passou a se afirmar como dimensão integrada às ações de investigação e formação. Nesse cenário, a institucionalização do Encontros Citadinos respondeu à necessidade de fortalecer e organizar, com maior continuidade, as ações extensionistas vinculadas ao Núcleo.

Dentre a pluralidade de áreas temáticas e formas para o desenvolvimento das ações de extensão preconizadas (Unimontes, 2015), destaca-se que o referido projeto tem ligação prioritária ao tema dos Direitos Humanos e Justiça refletidos nas questões urbanas, principalmente no que se referente a direitos de grupos sociais e organizações populares – contexto em que a linha programática 11, sobre Desenvolvimento Urbano, contempla a finalidade da atividade e está diretamente ligada à caracterização das ações em torno do:

Desenvolvimento de programas e projetos, assessorias, consultoria, realização de eventos e outras ações voltadas para o planejamento, implementação e avaliação de processos e metodologias visando a proporcionar soluções e tratamento dos problemas das comunidades urbanas; urbanismo; formação, capacitação e qualificação de pessoas envolvidas na área; produção e divulgação de informações, conhecimentos e material didático na área (Unimontes, 2015, p. 39-40).

O projeto foi concebido como uma frente de atuação capaz de aproximar o saber acadêmico das demandas concretas da cidade, articulando produção de conhecimento, formação crítica e intervenção social. Seu foco recai sobre temas relacionados ao desenvolvimento urbano, sobretudo na articulação ao Direito à Cidade como eixo estruturante e nos desafios à melhoria da

qualidade de vida urbana em contextos marcados por desigualdades socioespaciais crescentes, com vistas a fomentar processos de cidadania ativa, reflexão crítica e construção coletiva de alternativas que dialogam com políticas urbanas setoriais, planejamento urbano e apropriação cotidiana da própria cidade pelos seus moradores.

Do ponto de vista teórico, o Encontros Citadinos dialoga com referenciais que sustentam uma compreensão crítica e participativa da produção do espaço urbano. Entre eles, destacam-se as contribuições de Henri Lefebvre (2006; 2011) e David Harvey (2012), especialmente no que se refere ao Direito à Cidade e à dimensão política da produção do espaço; de Michel de Certeau (1990) e Michel Agier (2011), ao enfatizarem as práticas cotidianas e os modos pelos quais sujeitos ordinários fazem e ressignificam a cidade; de Roberto Dagnino (2014), com a discussão sobre tecnologia social; de Pablo Páramo (2009), ao compreender a cidade como espaço educativo; de José Guilherme Cantor Magnani (2002), com a valorização do olhar etnográfico “de perto e de dentro” sobre a vida urbana; e de Ermínia Maricato (2013) e Raquel Rolnik (2019), cujas análises sobre a urbanização brasileira, a desigualdade socioespacial e as disputas em torno da moradia e da terra ajudam a situar criticamente a realidade urbana nacional. Esses aportes orientam o projeto na articulação entre leitura crítica da cidade, práticas extensionistas e construção coletiva de saberes.

Do ponto de vista metodológico, o projeto se estrutura com base em uma abordagem interdisciplinar, participativa e territorialmente situada. Interdisciplinar, porque mobiliza contribuições de diferentes áreas do conhecimento para a leitura e compreensão das problemáticas urbanas; participativa, porque busca construir suas ações em diálogo com estudantes, pesquisadores, moradores, movimentos sociais, coletivos urbanos, comunidades e instituições públicas; e territorialmente situada, porque parte das realidades concretas vividas em Montes Claros e em outros contextos do Norte de Minas Gerais. Nessa perspectiva, a extensão não é compreendida apenas como difusão de saberes, mas como prática de mediação, escuta, troca e produção compartilhada de conhecimento.

Essa metodologia se traduz em três eixos principais de atuação: os ciclos de debates, voltados à promoção de espaços de reflexão

e articulação entre diferentes agentes; as oficinas formativas, destinadas à capacitação e à circulação de conteúdos acadêmicos, técnicos e metodológicos; e as intervenções e ações em espaços públicos, orientadas à sensibilização, à apropriação coletiva da cidade e ao fortalecimento de vínculos comunitários. A esses eixos somam-se ações de assessoria, mediação e elaboração de materiais didático-pedagógicos, que ampliam o alcance social do projeto e reforçam seu compromisso com a democratização do conhecimento.

Desse modo, o projeto Encontros Citadinos afirma-se como expressão do amadurecimento institucional do Núcleo Citadino e da consolidação da extensão universitária como prática indissociável do ensino e da pesquisa. Ao articular formação, investigação e ações de intervenção social em torno das questões urbanas, o projeto reafirma o papel da universidade como agente de mediação entre escalas locais e regionais, e como espaço de produção de conhecimentos comprometidos com a construção de cidades mais justas e democráticas.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E IMPACTOS SOCIAIS

As atividades de extensão desenvolvidas pelo projeto Encontros Citadinos evidenciam a busca por uma formação educativa articulada com o ensino e a pesquisa, a produção de materiais didático-pedagógicos com difusão ampla do conhecimento, e ações em espaços públicos e intervenções urbanas. Mais do que iniciativas pontuais, essas ações compõem uma estratégia de aproximação entre universidade e sociedade, visando ampliar o acesso à informação, fortalecer repertórios críticos sobre a cidade e fomentar práticas coletivas de participação e transformação urbana.

Uma das frentes centrais desse processo tem sido a realização de oficinas de formação voltadas a estudantes, pesquisadores e demais interessados da sociedade civil. Abertas ao público e ofertadas regularmente, essas formações têm funcionado como espaços de capacitação e circulação de saberes, oferecendo subsídios teóricos e metodológicos para

a compreensão das dinâmicas urbanas e para a atuação em atividades de pesquisa e extensão. Entre essas experiências, destacam-se as oficinas de Pesquisa Participante e de Formação Etnográfica, vinculadas a uma das principais frentes de investigação desenvolvidas pelo Núcleo Citadino.

Nessa mesma direção, o projeto também tem promovido minicursos voltados a diferentes públicos e contextos institucionais. Entre os temas trabalhados, destacam-se discussões sobre plano diretor, planejamento urbano, Direito à Cidade e lógicas de segregação urbana. Essas atividades ocorreram tanto em eventos acadêmicos da Unimontes e do Núcleo Citadino, quanto em articulação com outras instituições de Ensino Superior, como o Centro Universitário FIPMoc (UNIFIPMoc) e as Faculdades Integradas do Norte de Minas (Funorte), especialmente junto a estudantes dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e de Direito.

Além das oficinas e minicursos, o projeto também atua na organização dos Colóquio Citadino, evento anual promovido pelo Núcleo Citadino, que já soma quatro edições, dedicado à discussão de diferentes temáticas relacionadas ao espaço urbano, suas contradições e seus agentes. Esses encontros reúnem mesas redondas, rodas de conversa, apresentações de trabalhos e outras atividades que articulam formação, debate público e difusão de saberes, fortalecem o diálogo interdisciplinar e promovem a aproximação entre universidade, comunidades urbanas, movimentos sociais, pesquisadores, instituições diversas e órgãos do poder público.

Outra frente importante do projeto diz respeito à elaboração de materiais didático-pedagógicos e à difusão do conhecimento produzido pelas pesquisas. Nessa direção, o projeto tem investido na tradução de dados, análises e levantamentos em linguagens mais acessíveis, por meio de cartilhas, guias, *e-books* e outros materiais de circulação ampliada. Busca-se, assim, democratizar o acesso à informação e aproximar o conhecimento acadêmico de públicos não especializados, como crianças, adolescentes e moradores de diferentes territórios da cidade. Tal esforço, ao acionar estratégias de produção e circulação do conhecimento orientadas por sua utilidade social, acessibilidade e capacidade de transformação, dialoga com a noção de tecnologias sociais proposta por Dagnino (2014).

Figura 1: Cartilhas impressas sobre temáticas urbanas locais

Fonte: Fotografias de Maria Clara Oliveira Silva e Priscila Dias Alkimim (2025).

Entre os materiais já produzidos, destacam-se a cartilha sobre as Festas de Agosto em Montes Claros, o guia e a cartilha sobre os parques urbanos de Montes Claros e o *e-book Territorialidades cidadinas*, todos disponibilizados gratuitamente no sítio eletrônico do Núcleo Citadino¹¹, o que reforça o compromisso do projeto com a socialização ampla e acessível do conhecimento produzido.

A cartilha sobre as Festas de Agosto reúne informações sobre o contexto cultural da celebração, apresenta termos e referências associados à festa e traz um mapeamento dos principais locais onde ocorrem os cortejos e manifestações relacionadas ao evento. Além da versão digital, o material foi impresso e distribuído em diferentes espaços: exemplares foram destinados à Associação dos Catopês de Montes Claros, circularam em eventos da própria universidade realizados no período das Festas de Agosto de 2025 e foram encaminhados à Secretaria Municipal de Cultura, que disponibilizou a cartilha ao público durante as festividades.

Já o guia e a cartilha sobre os parques urbanos de Montes Claros sistematizam informações sobre diferentes parques da cidade, incluindo

11. Disponível em: <https://nucleocitadino.wordpress.com/publicacoes/materialdidatico/>. Acesso em: 4 de maio 2026.

localização, equipamentos, infraestrutura, registros fotográficos e leitura crítica sobre sua distribuição espacial e as desigualdades no acesso ao lazer urbano. Além da disponibilização digital, as cartilhas foram impressas e distribuídas gratuitamente ao público em eventos da Unimontes e externos, com destaque para o Dia da Árvore de 2025, realizado no Parque Sapucaia em parceria com o Instituto Pegada Ambiental, com destinação de exemplares ao projeto de Educação Ambiental da Secretaria Municipal de Meio Ambiente.

Também se destaca o *e-book Territorialidades Cidades*, que reúne trabalhos e pesquisas desenvolvidos no Rio de Janeiro e em Montes Claros na interface entre pesquisa e extensão, produzido em parceria com o Laboratório e Grupo de pesquisa em Produção do território e de territorialidades (BAOBÁ) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). O material articula diferentes perspectivas sobre essas realidades urbanas, ampliando o diálogo entre experiências e contextos distintos. Disponibilizado gratuitamente no sítio eletrônico do Núcleo Cidadino, o *e-book* reforça o compromisso do projeto com a divulgação científica em formato acessível e com a circulação ampliada do conhecimento produzido em rede.

Nessa mesma frente, o projeto também tem apoiado a produção de documentários, compreendidos como instrumentos de registro, reflexão e socialização de experiências urbanas e comunitárias na linguagem audiovisual. Entre essas produções, destaca-se o documentário *Partilha*, que retrata o cotidiano das cozinhas solidárias de Montes Claros. O material foi produzido a partir de articulações com pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo Cidadino e posteriormente exibido em evento com a presença das cozinheiras entrevistadas, possibilitando uma devolutiva às participantes e à comunidade envolvida. Além de ampliar a circulação do conhecimento produzido, o documentário fortalece a visibilidade das experiências retratadas e aproxima a pesquisa acadêmica de públicos mais amplos.

No campo das intervenções em espaços públicos, o projeto também vem desenvolvendo ações voltadas à qualificação de espaços de uso coletivo e ao fortalecimento de vínculos com comunidades locais. Um exemplo significativo foi a intervenção na fachada da Associação de Moradores e Amigos do Bairro Bela Paisagem, realizada em 2025 com recursos oriundos de emenda

parlamentar. A ação possibilitou a aquisição de materiais de pintura e a revitalização do espaço, atendendo a uma demanda concreta da comunidade, uma vez que a adequação da fachada era importante para viabilizar o acesso da associação a recursos vinculados a projetos de captação de subsídios. Para além do aspecto físico, a atividade reforçou parcerias com os moradores e valorizou um espaço comunitário utilizado em ações de apoio a crianças e adolescentes do bairro.

Figura 2: Revitalização da fachada da Associação de Moradores do Bairro Bela Paisagem



Fonte: Fotografia de Priscila Dias Alkimim (2025). Imagem aprimorada com inteligência artificial (Google Gemini).

Essas diferentes frentes permitem observar impactos que ultrapassam a realização pontual das atividades. No plano formativo, o projeto contribui para a qualificação de estudantes, pesquisadores e participantes externos, ampliando repertórios teóricos, metodológicos e políticos sobre a cidade. No plano social, fortalece redes entre a universidade, as comunidades e outras instituições, ao mesmo tempo em que democratiza o acesso à informação e cria meios mais acessíveis de circulação do conhecimento. Já no plano territorial, as intervenções e materiais produzidos contribuem para valorizar espaços, visibilizar desigualdades urbanas e fomentar formas mais participativas de leitura e apropriação da cidade. Desse modo, o projeto Encontros Citadinos reafirma

a extensão universitária como prática de formação, mediação e produção compartilhada de alternativas urbanas socialmente referenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em uma abordagem interdisciplinar e participativa, o projeto Encontros Citadinos evidencia como a extensão universitária articulada ao ensino e à pesquisa pode ser uma ferramenta potente no enfrentamento das desigualdades urbanas e na promoção do Direito à Cidade, especialmente junto a populações e territórios mais vulneráveis. Isso reforça o papel da extensão na construção de pontes entre a universidade e a sociedade.

As ações realizadas também demonstram como a universidade pode se posicionar como mediadora de transformações sociais, aproximando conhecimentos acadêmicos de necessidades concretas da sociedade. Em uma realidade onde planos de desenvolvimento urbano, muitas vezes, ignoram demandas sociais, a abordagem interdisciplinar do projeto Encontros Citadinos contribui para dar visibilidade a problemáticas diversas ligadas às questões urbanas, alinhando-se às diretrizes de extensão da Resolução CNE/CES n.º 7, de 18 de dezembro de 2018, que preconiza a interação transformadora entre universidade e sociedade.

Assim, o projeto se desdobra em ações concretas, como ciclos de debates, oficinas, assessorias técnicas e intervenções em diferentes espaços e contextos, buscando enfrentar desigualdades, estimular processos mais participativos no planejamento urbano e dar visibilidade a dinâmicas de apropriação cotidiana da cidade pelos seus próprios moradores. As ações descritas ao longo deste trabalho demonstram múltiplas possibilidades do projeto de mobilizar diferentes saberes, públicos e agentes sociais em torno de objetivos comuns, como o fortalecimento da cidadania ativa, a valorização dos espaços públicos e a construção de cidades mais inclusivas. No entanto, os desafios permanecem. A consolidação do Direito à Cidade exige ações continuadas, que combinem a mobilização social com políticas públicas efetivas e sensíveis às demandas locais.

Ao olhar para o futuro, é fundamental que a universidade amplie cada vez mais suas frentes de atuação, nas quais o fortalecimento da extensão

reafirma cotidianamente sua relevância, especialmente no aprofundamento do diálogo com a sociedade que a constitui e a legitima, o que contribui cada vez mais para a transformação social tão necessária nos mais diversos campos.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES n.º 7, de 18 de dezembro de 2018. *Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei n.º 13.005/2014*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 49–50, 19 dez. 2018.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. v. 1.

DAGNINO, Renato. *Tecnologia social: contribuições conceituais e metodológicas*. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

HARVEY, David. O direito à cidade. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 29, p. 73 –89, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/ls.v0i29.18497>.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Primeira versão: início fev. 2006.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11 –29, jun. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>.

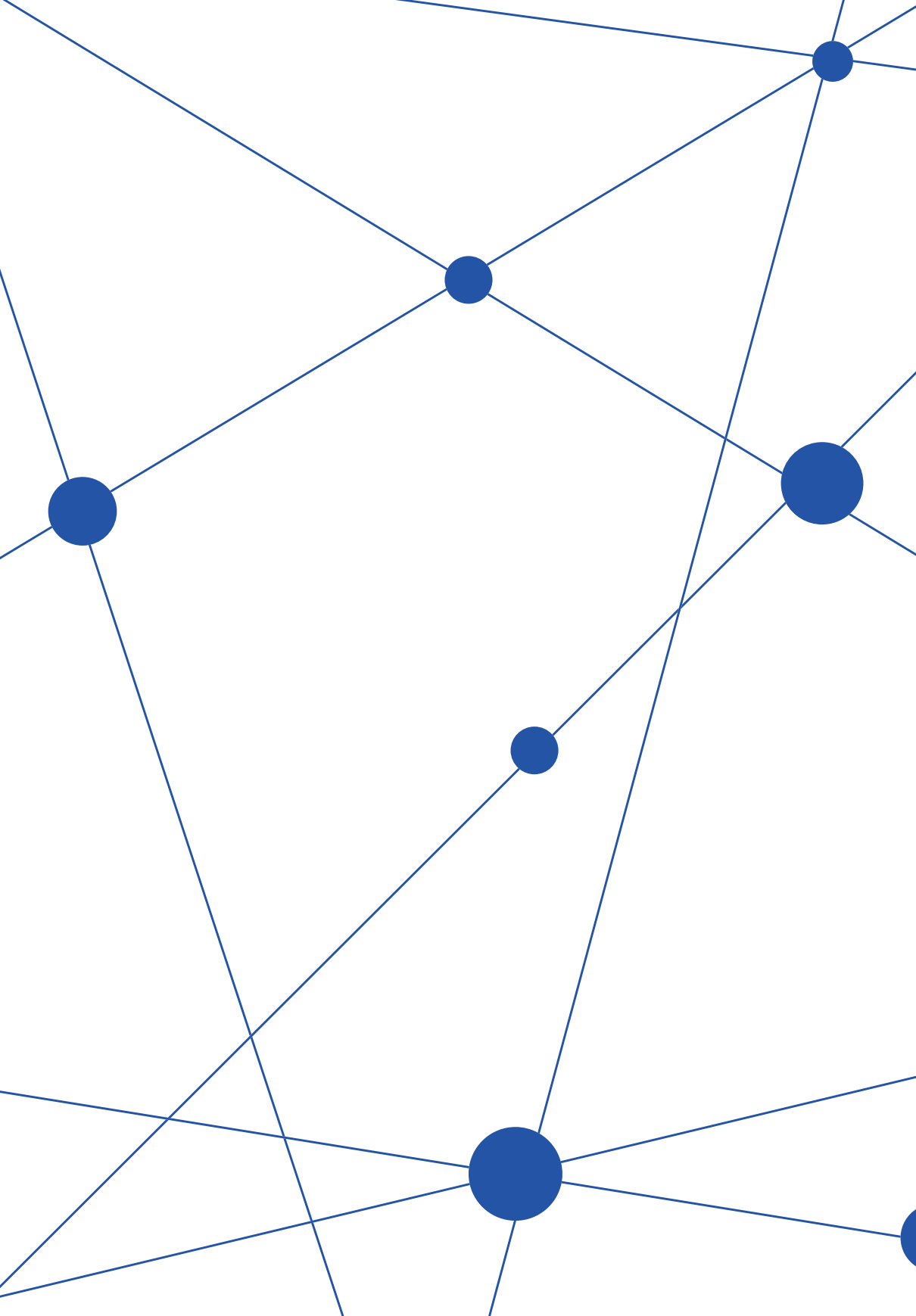
MARICATO, Ermínia. *Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana*. Petrópolis - RJ: Vozes, 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. New York: ONU, 2015.

PÁRAMO, Pablo. Pedagogía urbana: elementos para su delimitación como campo de conocimiento. *Revista Colombiana de Educación*, Bogotá, Colombia, n. 57, p. 14–27, 2009.

ROLNIK, Raquel. *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. São Paulo: Boitempo, 2015.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS. *Manual de Extensão: Procedimentos e Orientações Básicas para a Institucionalização - Normatização - Regulamentação de todas as ações da Pró-Reitoria de Extensão da Unimontes*. Montes Claros: Unimontes, 2015.



PROJETO BIBLIOTECA ITINERANTE VOZES DO CÁRCERE: A LEITURA COMO PONTE PARA A REMIÇÃO E O LETRAMENTO NO SISTEMA PRISIONAL

Daniela Imaculada Pereira Costa¹

1. Professora do curso de Letras Espanhol da Unimontes. Doutora e Mestra em Linguística e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Coordenadora do Projeto de Extensão Biblioteca Itinerante Vozes do Cárcere.

INTRODUÇÃO

Este relato aborda oficinas de leitura e produção textual desenvolvidas em contexto de privação de liberdade, nas quais a literatura é compreendida como instrumento de letramento, reflexão crítica e reconstrução subjetiva. Mais do que possibilitar a remição da pena — quatro dias por obra lida, limitados a doze obras anuais —, as ações buscaram transformar o tempo de reclusão em oportunidade de desenvolvimento intelectual, ampliação do repertório cultural e reintegração social por meio da leitura e da escrita.

Vinculado às ações de extensão da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), o Projeto Biblioteca Itinerante Vozes do Cárcere articula ensino, pesquisa e extensão ao promover práticas educativas no sistema prisional. A iniciativa reafirma o compromisso social da universidade pública com populações historicamente marcadas pela exclusão, defendendo o acesso à educação e à literatura como direitos fundamentais também em contextos de encarceramento.

Nesse sentido, a remição pela leitura ultrapassa sua dimensão jurídica prevista na Lei de Execução Penal (Lei n.º 7.210/1984) e regulamentada pela Resolução n.º 391/2021 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). A prática transforma o tempo de cumprimento da pena em espaço de formação crítica e produção de conhecimento, ao reconhecer a educação como instrumento de emancipação e cidadania. Conforme aponta Freire (1979), a educação possibilita ao sujeito compreender e transformar a realidade em que está inserido.

Ao longo das oficinas, observou-se que a leitura deixou de ocupar apenas o lugar de mecanismo institucional de redução da pena e passou a representar uma possibilidade concreta de expressão, escuta e reconstrução identitária. Nesse contexto, a literatura assume papel central no fortalecimento da autoestima, no desenvolvimento da escrita e na ampliação das perspectivas de reinserção social das participantes.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO

Esta experiência constitui o desdobramento de trajetória iniciada em 2016, marcada pelo compromisso ético e pedagógico com a educação em contextos de privação de liberdade. Sob coordenação da professora oficinaira, o projeto foi desenvolvido no Presídio Alvorada e no Presídio Regional de Montes Claros, com vistas a promover práticas de leitura e escrita voltadas à formação crítica e à reinserção social das pessoas privadas de liberdade.

Nesse contexto, a extensão universitária constituiu-se como eixo fundamental da proposta, permitindo estabelecer relação contínua entre universidade e sistema prisional. Mais do que levar atividades educativas ao cárcere, o projeto passou a construir espaços de escuta, diálogo e produção de conhecimento com base nas experiências das próprias reeducandas, reafirmando o compromisso social da universidade pública com populações em situação de vulnerabilidade.

Ao longo desses anos, a prática docente foi sendo moldada pelas especificidades do ambiente prisional e pelas demandas apresentadas pelas participantes. A continuidade das ações permitiu observar processos de transformação relacionados ao fortalecimento da autoestima, ao desenvolvimento da escrita e à ampliação do interesse pela leitura, além de evidenciar o papel da educação como direito fundamental também no sistema prisional.

O projeto possui os seguintes objetivos: promover a remição da pena por meio da leitura e da produção textual; estimular o hábito da leitura e a ampliação do repertório cultural das participantes; desenvolver práticas de escrita voltadas ao fortalecimento da expressão, da argumentação e da reinserção social.

METODOLOGIA DAS OFICINAS

De tal modo, o projeto Biblioteca Itinerante Vozes do Cárcere se fundamenta na perspectiva da pesquisa-ação (Thiollent, 1985), articulando

práticas de leitura, escrita e reflexão crítica em contexto de privação de liberdade. As ações foram desenvolvidas no Presídio Alvorada e no Presídio Regional de Montes Claros, em parceria com a Unimontes, envolvendo dez reeducandas dos regimes fechado e semiaberto, com faixa etária entre 23 e 48 anos. A seleção das participantes ocorreu por meio da Comissão Técnica de Classificação (CTC), que considerou critérios relacionados ao comportamento institucional e ao interesse pelas atividades educativas. Inicialmente, foi aplicado um questionário diagnóstico para levantamento do perfil educacional das participantes, de suas experiências anteriores com leitura e escrita e de seus interesses literários.

Os encontros ocorreram quatro vezes ao mês, contemplando períodos de mediação de leitura, rodas de conversa e produção textual. Num primeiro momento, foram apresentadas às participantes as diretrizes da remição pela leitura, regulamentada pela Lei de Execução Penal e pela Resolução n.º 391/2021 do CNJ. Posteriormente, as reeducandas foram orientadas na escolha das obras, com base em seus interesses pessoais e nos objetivos formativos do projeto. O acervo incluiu romances, contos, poesia, biografias, textos religiosos e obras relacionadas aos direitos das mulheres e à cidadania. Inspiradas pela perspectiva de Pennac (1993), as oficinas buscaram evitar uma imposição rígida das leituras, permitindo que as participantes escolhessem obras conforme seus interesses pessoais.

A produção textual se deu por meio da elaboração de relatórios de leitura, avaliados por comissão pedagógica responsável pela validação da remição. Durante esse processo, as participantes receberam acompanhamento individual voltado à organização das ideias, à interpretação textual e à reescrita —, compreendendo-se a escrita como prática social e instrumento de construção identitária, em consonância com a perspectiva dos letramentos sociais proposta por Street (2014). Além dos relatórios, as reeducandas utilizaram cadernos de apontamentos para registrar reflexões pessoais e impressões de leitura, o que permitiu acompanhar o desenvolvimento da oralidade, da escrita e da participação crítica ao longo das oficinas.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E IMPACTOS SOCIAIS: ENTRE O FAZER E O SENTIR

Hoje, os livros do ensino regular deram lugar ao labor do cárcere. Enquanto o tempo corre do lado de fora, elas buscam novos sentidos no interior. No artesanato, as mãos dessas mulheres transformam matéria em ocupação e vida. No projeto de poesia, algumas reeducandas encontraram a fenda por onde suas vozes escapam, transformando a dor em verso e a cela em expressão. Em essência, são vidas interrompidas que tentam se reescrever. Entre o trabalho e a arte, essas mulheres buscam mais do que a redução de uma pena; buscam, na remição e na palavra, o direito de ainda pertencerem a si mesmas.

Assim, no âmbito dessas ações de extensão universitária, voltamos o nosso olhar para esse grupo de dez mulheres — nossas reeducandas — cujas trajetórias de bom comportamento e resiliência lhes garantiram o aval da Comissão Técnica de Classificação² (CTC) para esse ciclo de descobertas. O palco desse encontro é o Presídio Alvorada, em Montes Claros, no coração do Norte de Minas, onde ecoam as ações do Projeto Biblioteca Itinerante Vozes do Cárcere.

As atividades se organizam em ciclos quinzenais de leitura, discussão e produção textual. As participantes mergulham em obras selecionadas, trocam vivências em rodas de conversa e traduzem suas reflexões em relatórios de leitura. Estes relatos, avaliados por uma comissão pedagógica, validam tanto a remição quanto a reconstrução da própria história.

A dinâmica da liberdade pelo saber se dá em ritos semanais: quatro vezes ao mês, nos reunimos em oficinas de leitura e escrita. O primeiro passo é apresentar o horizonte da remição pela leitura: a possibilidade de ler até 12 obras por ano. Cada livro lido, cada relatório tecido, não é

² A Comissão Técnica de Classificação (CTC) é um órgão obrigatório em estabelecimentos prisionais, previsto no art. 6º da Lei de Execução Penal (LEP), que avalia os presos para individualizar a pena. Composta por equipe multidisciplinar, sua função é traçar o perfil, os antecedentes e a personalidade do detento para sugerir a melhor forma de cumprimento de pena, trabalho ou estudo.

apenas um exercício acadêmico, mas a conquista de quatro dias de remissão. Mais do que subtrair tempo da pena — podendo chegar a 48 dias anuais —, o projeto atua como um sopro de humanidade: transforma as horas de isolamento em possibilidades para o pensamento crítico, ampliando o repertório dessas mulheres e oferecendo-lhes novas janelas para o mundo, tal qual Jesus (2014) vislumbra ao transformar miséria em poesia:

Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (Jesus, 2014, p. 50).

Nesse primeiro contato, buscamos escutar os silêncios e as histórias que as habitam. Por meio de um questionário sensível, sondamos quem são essas mulheres: seus trajetos com as letras, os sonhos que guardam e as lacunas que a educação deixou. Queremos entender o que as move a ler hoje, o que buscavam nos livros antes das grades e como a palavra escrita pode servir de ponte para suas necessidades imediatas e futuros possíveis — ecoando Candido (2004), que nos lembrava que a literatura é um direito inalienável, uma necessidade da alma. Cada resposta é o alicerce para os passos que virão.

O segundo encontro abre as portas para o relatório de leitura, desfazendo os nós da rigidez acadêmica para dar lugar à voz do sentir. Juntas, mediadora e leitoras mergulham em modelos literários, não como moldes prontos, mas como bússolas para que cada uma encontre sua própria estrutura e seus temas. Como ensina Bakhtin (2018), a palavra aqui é viva: prioriza-se a liberdade criativa e a história de cada mulher, permitindo que o texto floresça conforme o propósito de quem o escreve, em outras palavras, onde a forma se curva à potência da expressão pessoal.

Inspiradas ainda na perspectiva de Pennac (1993), as oficinas buscaram compreender a leitura como experiência de liberdade e construção subjetiva, valorizando os interesses das participantes na escolha das obras e evitando práticas impositivas de mediação literária.

Esse aspecto nos revela a leitura não como uma decodificação fria de signos, mas como uma partilha poética e estética. Ler é tecer sentidos em um encontro íntimo entre o texto, o leitor e o mundo. Trata-se de um ato singular, um mergulho subjetivo que recusa a padronização e se nutre apenas da paixão e do encontro pessoal.

Assim, tal máxima nos convoca, educadores e aprendizes, a um terno rearranjo de nossas práticas. Mais do que impor caminhos literários, cabe-nos semear o solo: oferecer mediações que acariciam, alargar horizontes, legitimar o gosto pessoal e, acima de tudo, resguardar a liberdade sagrada que abraça o encontro entre o leitor e o livro. Pois a leitura, em sua essência mais pura, só floresce onde a vontade é livre para voar.

Nesse ínterim, a ficção e a poesia surgem como frestas de luz, capazes de transportar o pensamento para além das grades e suavizar o peso do isolamento. Livros sobre a força e os direitos femininos atuam no resgate do espelho e da cidadania, enquanto as biografias e os textos de fé oferecem colo para as dores da solidão e do recomeço.

Ao final, cada reeducanda abraça seu primeiro livro e recebe um caderno de apontamentos — um solo fértil onde as primeiras impressões ganharão morada. O compromisso é renovado para dali a quinze dias, marcando o início da jornada de produção. O horizonte seguinte nos acena às oficinas de leitura e criação — o solo onde a palavra germina e floresce:

- o acompanhamento constante (monitoramento): um reencontro para partilhar o que foi colhido nas páginas, sanar dúvidas e regar as sementes do debate coletivo;
- a produção textual (elaboração): decorridos mais quinze dias, chega o tempo da colheita interna. É o momento em que as mãos encontram o papel e as vozes se traduzem em relatórios, transformando vivência em registro;
- a lapidação do olhar (reescrita): após a entrega dos relatórios, retornamos aos textos com um cuidado que transcende a regra

gramatical. Praticamos o letramento social³ ou do afeto e da realidade, onde a escrita é ponte para a vida. Ao reescrever, cada mulher corrige palavras, se reconhecendo, enfim, como autora da própria história; e

- o horizonte ampliado (expansão temática): amadurecida a base, rompemos as fronteiras iniciais. As oficinas passam a habitar os temas que inquietam o coletivo. O debate social ganha corpo e alma, manifestando-se ora pelo sopro da voz, ora pelo traço da caneta, garantindo que todas ocupem seu lugar de fala, independentemente do domínio das normas, celebrando a sabedoria que cada uma carrega.

Após o turbilhão, o silêncio convida à escuta: quais marcas o projeto deixou no tecido social? A verdade é vasta, transborda o papel, mas certas flores merecem ser contadas.

No silêncio do cárcere, onde a individualidade muitas vezes se apaga sob o peso dos números, o livro surge como um ato de rebeldia gentil. Ao folhear uma obra, a mulher deixa de ser um Infopen⁴ para tornar-se voz; deixa de ser estatística para ser pensamento. Cada relatório escrito é um mapa de volta para si mesma, um exercício de autonomia que devolve a consciência de sua própria inteligência e a beleza de sua capacidade criativa.

Assim, a literatura amplia o repertório cultural e favorece processos de reflexão crítica e reconstrução subjetiva. Para quem conheceu apenas as fronteiras da vulnerabilidade, o livro é o passaporte para novos

3 Baseados na perspectiva de Street (2014), os letramentos sociais tratam a leitura e a escrita como práticas culturais situadas, superando a visão puramente mecânica. Essa abordagem destaca o caráter ideológico e a relação de poder inerentes à escrita, valorizando a multiplicidade de contextos locais e a construção das identidades.

4 O Infopen (Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias) é o sistema de informações estatísticas do sistema penitenciário brasileiro, gerido pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública. Cada pessoa privada de liberdade recebe um número de cadastro nesse sistema, que funciona como seu identificador dentro do cárcere – uma espécie de “RG” institucional.

horizontes, vocabulários e destinos. Ao mergulhar em outras histórias, as mulheres ressignificam as próprias jornadas; a leitura ensina que a dor pode ser transformada em saber e que o conhecimento é a ferramenta mais poderosa para romper as correntes da violência e redesenhar o amanhã.

O impacto da palavra atravessa muros e alcança o coração do que ficou do lado de fora. Uma mãe que lê dentro do sistema se transforma em farol para seus filhos. Ao trocar o estigma pelo estudo, ela reconstrói o olhar da família sobre si mesma. A educação deixa de ser apenas dever para ser uma promessa de reencontro, ponte de esperança que prepara o solo para novo lar.

Muito além da contagem dos dias e da remição da pena, o hábito de ler e escrever lapida a mente para os desafios da vida em liberdade. A prática apura o raciocínio e a fala, mas, acima de tudo, desperta a consciência. O projeto não entrega apenas alguém apto ao trabalho; devolve à sociedade uma cidadã plena, consciente de seus direitos e deveres, pronta para caminhar com dignidade e não mais retornar aos caminhos que o conhecimento a ensinou a transcender.

Por fim, o impacto deste projeto não se mede apenas em certificados emitidos ou dias de pena reduzidos. Ele se manifesta na mudança de postura, no brilho nos olhos diante de um parágrafo compreendido e na desconstrução da imagem de “criminosa” para a afirmação da “estudante”.

Trata-se de utilizar a palavra para humanizar o que o sistema tende a mecanizar. Ao final de cada oficina, o que se vê não são mulheres privadas de liberdade, mas cidadãs em processo de reconstrução, prontas para atravessar a ponte que a educação ajudou a construir. O solo, antes árido, revela-se fértil quando regado com oportunidade, escuta qualificada e o rigor de uma educação que liberta o pensamento antes mesmo de abrir as celas.

Como um fio que se desenrola no labirinto da escrita, trazemos o relato de Carolina, reeducanda que nos permite observar o despertar de sua própria voz. Nos primeiros escritos de Carolina⁵ — nome que aqui

5 Homenagem à escritora Carolina Maria de Jesus.

emprestamos à sua voz —, ecoa mais o timbre dos personagens lidos do que o seu próprio punho de autora. Seus relatórios iniciais mergulham numa luz generosa, tecida por adjetivos de puro encantamento. Há neles uma arquitetura que remete ao sopro das histórias contadas ao pé do ouvido: uma oralidade latente que ignora a pausa das vírgulas, talvez pelo desconhecimento da norma, talvez pela pressa do dizer. Vale lembrar que a trajetória escolar de Carolina se interrompeu na sétima série, distanciando sua bagagem daquela das demais companheiras.

Esse laço com o universo da infância amarra sua trajetória: da escolha dos livros ao modo como define o ato de ler — para ela, um refúgio para “sorrir”. É no território do lúdico que ela se sente em casa.

Contudo, ao observarmos as trilhas linguísticas de seus textos, notamos o fortalecimento progressivo da autoria. Se no início Carolina parecia presa às amarras rígidas do relatório canônico — movendo-se com cautela entre o dever e o aceitável —, o tempo trouxe a mudança. A cada obra atravessada, a cada página preenchida, ela ensaiou passos mais corajosos. Viu-se, enfim, o desenvolvimento gradual de maior autonomia na escrita, algo que, embora tímida, começou a desafiar o modelo pronto para deixar transparecer aspectos mais subjetivos de sua experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde 2016, tecemos, entre as oficinas, fios de resistência por meio da palavra. Nossas ações de interpretação de textos são sopros contra a rigidez, buscando resgatar o indivíduo da anulação silenciosa que Foucault (1999) tão bem descreveu nas engrenagens das instituições totais.

A jornada revela que o livro, no silêncio do cárcere, é mais do que papel. A remição pela leitura abre janelas de pensamento onde só havia concreto, tornando-se um raro sopro de liberdade no peito de quem habita a sombra. Mas o sistema impõe seus muros: celas estreitas que negam o estudo, prateleiras de acervos finos e o relógio implacável da rotina prisional, que muitas vezes interrompe o voo da mente.

Ainda assim, entre fissuras e entraves, floresce a prova: quando o ser humano deixa de ser apenas o destino da palavra para se tornar seu autor, a alma se acende. Ao se redescobrir sujeito da própria história por meio do letramento, cada reeducanda encontra na caneta uma chave de emancipação. Nesse processo, a remição da pena ultrapassa sua dimensão jurídica e passa a assumir também um papel formativo e social; o verdadeiro triunfo é a escrita que liberta o sujeito antes mesmo de abrir os portões.

Ao longo dessa experiência, a extensão universitária se revelou tanto como prática de intervenção social quanto como espaço de formação humana e produção de conhecimento. Ao aproximar universidade e sistema prisional, o projeto reafirma o compromisso da universidade pública com a democratização do acesso à educação e com a construção de práticas voltadas à dignidade, à cidadania e à reinserção social.

Em suma, a leitura transforma a rotina prisional de um monólogo de silêncio para um diálogo de possibilidades. Ao promover a subjetividade, a reconstrução da identidade e o pensamento crítico, garantimos que o retorno ao convívio coletivo seja pavimentado pelo conhecimento, pela autoestima e pela luz e não apenas pelo cumprimento cego da sentença.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 169 –191.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

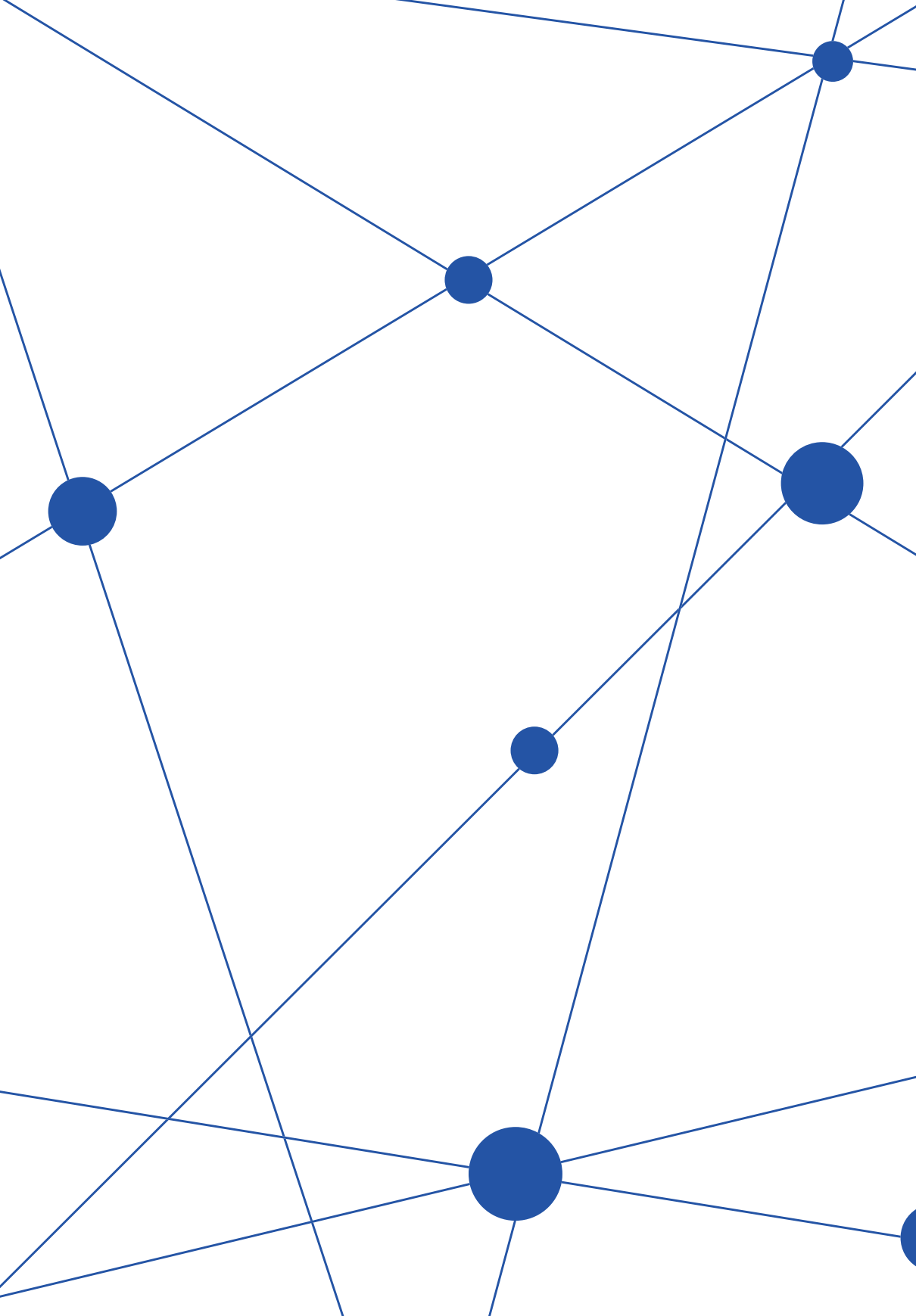
JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro: Editora Roco, 1993.

STREET, Brian V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985.





LABORATÓRIO DO EXERCÍCIO (LABEX): CONTRIBUIÇÕES DE UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE, A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Vinicius Dias Rodrigues¹

Saulo Daniel Mendes Cunha²

Frederico Sander Mansur Machado³

Mariana Rocha Alves⁴

Eric Hudson Evangelista e Souza⁵

Carlos Rogério Ladislau⁶

José Roberto Lopes de Sales⁷

Renato Sobral Monteiro Junior⁸

40

INTRODUÇÃO

1 Doutorado em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Montes Claros. Docente do Departamento de Educação Física e do Desporto da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

2 Doutorado em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Montes Claros. Docente do Departamento de Educação Física e do Desporto da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

3 Doutorado em Fisiologia e Farmacologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil. Docente do Departamento de Educação Física e do Desporto da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

4 Doutorado em Medicina (Neurologia) pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente do Departamento de Educação Física e do Desporto da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

5 Mestre em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde (PPGCS) - Unimontes. Docente do Departamento de Educação Física e do Desporto da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

6 Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor de ensino superior da Universidade Estadual de Montes Claros e professor permanente do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.

7 Mestrado em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Professor do Departamento de Educação Física e do Desporto da Universidade Estadual de Montes Claros.

8 Doutor em Medicina (Neurologia-Neurociências) pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente do Departamento de Educação Física e do Desporto da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

A extensão universitária constitui um dos pilares fundamentais da universidade pública brasileira, ao lado do ensino e da pesquisa, assumindo um papel estratégico na articulação entre o conhecimento acadêmico e as demandas sociais (Coelho, 2014). Por meio das ações extensionistas, a universidade amplia sua função social, promovendo intervenções que contribuem para a melhoria das condições de vida da população e para a formação profissional dos estudantes, consolidando-se como um espaço de produção e de difusão do conhecimento (Coelho, 2014).

No campo da Educação Física, a extensão universitária tem se destacado como uma importante estratégia de intervenção para a promoção da saúde, a prevenção de doenças e o combate ao sedentarismo, especialmente em um cenário marcado pelo aumento das doenças crônicas não transmissíveis, pelo envelhecimento populacional e pela necessidade de adoção de estilos de vida mais ativos e saudáveis (Henninton, 2005). Nesse cenário, a prática regular de exercícios físicos, quando orientada por profissionais qualificados, representa uma intervenção eficaz para a melhoria da saúde e da qualidade de vida, sendo fundamental que essa prática esteja pautada em princípios científicos e em procedimentos técnicos adequados (Nahas, 2017).

Nesse contexto, projetos de extensão universitária voltados à prática de atividade física e à promoção da saúde têm se consolidado como espaços privilegiados para o desenvolvimento de ações educativas, assistenciais e formativas, contribuindo tanto para o atendimento à comunidade quanto para a qualificação da formação acadêmica dos estudantes (Santana *et al.*, 2021). Além disso, essas iniciativas fortalecem o compromisso social da universidade pública e ampliam o acesso da população a serviços especializados (Santana *et al.*, 2021).

Diante desse cenário, o presente capítulo tem como objetivo apresentar e refletir sobre a experiência desenvolvida no Laboratório do Exercício (Labex) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), destacando sua trajetória institucional, as atividades realizadas e os impactos gerados nas dimensões da extensão, do ensino e da pesquisa. Busca-se evidenciar como a atuação integrada dessas três dimensões contribui para a promoção da

saúde da comunidade, para a formação profissional dos acadêmicos do curso de Educação Física e para a produção de conhecimento científico na área⁹.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO

O Labex é um projeto de extensão vinculado ao curso de Educação Física da Unimontes, cuja finalidade é desenvolver ações integradas de ensino, pesquisa e extensão voltadas à promoção da saúde, à prática de exercícios físicos e à formação profissional dos acadêmicos. O projeto foi instituído com o objetivo de oferecer um espaço estruturado para o desenvolvimento de atividades relacionadas à avaliação física, à prescrição de exercícios e ao acompanhamento de programas de treinamento físico, atendendo tanto à comunidade acadêmica quanto à população em geral.

O projeto apresenta uma trajetória consolidada de atuação institucional, com mais de 20 anos de funcionamento ininterrupto no campus universitário, constituindo uma importante iniciativa extensionista da universidade. Ao longo desse período, o Labex tem contribuído de forma significativa para a promoção da saúde, para a formação profissional dos estudantes e para o fortalecimento da relação entre a universidade e a comunidade.

A institucionalização do projeto ao longo de mais de duas décadas evidencia sua relevância acadêmica e social, consolidando-o como um espaço de referência para o desenvolvimento de ações extensionistas voltadas à atividade física e à qualidade de vida. Nesse sentido, o Labex não se limita à prestação de serviços, mas assume função estratégica na integração entre ensino, pesquisa e extensão, fortalecendo o compromisso social da universidade pública e contribuindo para a formação de profissionais qualificados.

9 Durante a elaboração deste capítulo, os autores utilizaram ferramentas de inteligência artificial generativa (ChatGPT) exclusivamente para revisão textual e formatação das referências conforme as normas da ABNT. O uso ocorreu sob supervisão humana direta, com verificação crítica de todas as informações geradas. Os autores assumem integral responsabilidade pelo conteúdo apresentado, em consonância com as recomendações de integridade acadêmica e uso ético de IA.

As atividades desenvolvidas no âmbito do projeto são realizadas por professores e acadêmicos do curso de Educação Física, sob supervisão técnica, garantindo a qualidade e a segurança das intervenções realizadas. O projeto atende, anualmente, em média, entre 100 e 150 pessoas da comunidade acadêmica e externa, oferecendo avaliações físicas, programas de musculação e atividades de ginástica de condicionamento físico, com valores acessíveis e, em alguns casos, gratuitamente para participantes vinculados a parcerias institucionais.

Além das ações voltadas ao atendimento à comunidade, o projeto desempenha papel essencial na formação acadêmica dos estudantes, oferecendo oportunidades de estágio extracurricular e capacitações técnicas que contribuem para o desenvolvimento de competências profissionais alinhadas às demandas do mercado de trabalho na área do *fitness* e da promoção da saúde.

Importante salientar que o espaço físico do Labex é utilizado para as aulas das disciplinas dos cursos de bacharelado e de licenciatura em Educação Física do Departamento de Educação Física e do Desporto.

As atividades desenvolvidas no âmbito do Labex estão organizadas de forma sistemática, contemplando ações voltadas à avaliação física, à prática de exercícios físicos supervisionados e à capacitação profissional de acadêmicos do curso de Educação Física. Essas atividades são realizadas com base em princípios científicos e pedagógicos, garantindo a qualidade dos serviços prestados à comunidade e contribuindo para a formação profissional dos estudantes envolvidos. Entre as principais ações desenvolvidas pelo projeto, destacam-se:

- realização de atendimentos de avaliação física;
- prescrição e acompanhamento de programas de treinamento físico;
- desenvolvimento de atividades de musculação e ginástica de condicionamento físico;

- realização de aulas e encontros de capoeira;
- atendimento à comunidade acadêmica e à comunidade externa;
- capacitação técnica e profissional de acadêmicos do curso de Educação Física;
- promoção de ações voltadas à saúde e à qualidade de vida.

Essas atividades representam importantes estratégias de intervenção social, contribuindo para a promoção da saúde e para o combate ao sedentarismo, além de fortalecer a formação acadêmica e profissional dos estudantes envolvidos.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E IMPACTOS SOCIAIS

Os impactos do projeto na dimensão da extensão universitária são evidenciados principalmente pelo atendimento direto à comunidade e pela promoção de ações voltadas à saúde e à qualidade de vida das pessoas que participam das atividades desenvolvidas. Ao oferecer serviços de avaliação física, programas de exercícios físicos individuais e coletivos supervisionados e práticas corporais, como a capoeira, o projeto contribui para a democratização do acesso à prática de atividade física orientada, especialmente para indivíduos que, muitas vezes, não possuem condições financeiras para frequentar academias privadas.

A atuação do projeto também fortalece o vínculo entre universidade e sociedade, promovendo a integração entre o conhecimento acadêmico e as necessidades reais da população. Essa interação contribui para o reconhecimento social da universidade pública como instituição comprometida com o desenvolvimento social e com a melhoria das condições de vida da comunidade.

Outro impacto relevante refere-se à promoção de hábitos saudáveis e à prevenção de doenças associadas ao sedentarismo, como obesidade,

hipertensão arterial e *diabetes mellitus*. A participação regular em programas de atividade física supervisionada tem contribuído para a melhoria da capacidade funcional, do condicionamento físico e da qualidade de vida dos participantes.

Além disso, o projeto possibilita a ampliação do acesso da população aos serviços de saúde preventiva, contribuindo para a redução de fatores de risco e para a promoção do bem-estar físico e social dos indivíduos atendidos.

No âmbito do ensino, o Laboratório do Exercício (Labex) constitui um importante espaço de formação acadêmica e profissional para estudantes do curso de Educação Física. O projeto oferece oportunidades de estágio extracurricular e de vivência prática, permitindo que os acadêmicos desenvolvam competências técnicas, científicas e comportamentais essenciais para o exercício profissional.

As atividades desenvolvidas no projeto possibilitam a integração entre teoria e prática, favorecendo o desenvolvimento de habilidades relacionadas à avaliação física, à prescrição de exercícios, ao atendimento ao público, ao planejamento de programas de treinamento e ao acompanhamento de resultados. Essa experiência contribui para o desenvolvimento da autonomia profissional, da responsabilidade ética e da capacidade de tomada de decisão em situações reais de atuação profissional.

Além disso, o projeto promove capacitações técnicas e atividades formativas que contribuem para o aprimoramento do conhecimento dos estudantes e para a qualificação da formação acadêmica. Essas ações favorecem o desenvolvimento de competências profissionais alinhadas às demandas do mercado de trabalho, preparando os futuros profissionais para atuar de forma segura, ética e fundamentada em evidências científicas.

Dessa forma, o projeto constitui um ambiente de aprendizagem significativo, no qual os estudantes têm a oportunidade de vivenciar situações reais de atendimento e de aplicar os conhecimentos adquiridos durante a graduação.

No âmbito da pesquisa, o Labex tem contribuído para a produção de conhecimento científico relacionado à atividade física, ao treinamento físico e à formação profissional na área da Educação Física. A equipe de professores vinculada ao projeto desenvolve pesquisas que buscam compreender fenômenos relacionados ao comportamento, à prática de exercícios físicos, à gestão profissional e à atuação no mercado *fitness*.

Essas investigações têm como objetivo produzir conhecimento científico aplicado à realidade da área da Educação Física, contribuindo para o aprimoramento das práticas desenvolvidas no projeto e para a qualificação da formação profissional dos estudantes. Entre as principais produções científicas desenvolvidas pela equipe vinculada ao projeto, destacam-se estudos relacionados a:

- *Percepções de alunos e profissionais sobre a formação e a atuação no mercado fitness (Souza et al., 2025);*
- *Motivos para a prática de atividades físicas em academias, com destaque para contextos específicos, como academias exclusivas para mulheres (Silva; Rodrigues, 2025);*
- *Gestão profissional e desenvolvimento profissional na área da Educação Física, com foco na organização do trabalho e no investimento em qualificação profissional (Chaves et al., 2025);*
- *Recomendações científicas para o treinamento de força em diferentes populações, especialmente no contexto do envelhecimento e da promoção da saúde (Costa et al., 2024);*
- *Percepções dos personal trainers sobre a atuação do Conselho Regional de Educação Física em academias, abordando aspectos relacionados à regulamentação e à fiscalização profissional (Oliveira et al., 2024);*

- *Atuação profissional no contexto das academias e do mercado fitness, considerando demandas, desafios e perspectivas da profissão* (Oliveira et al., 2024); e
- *Tradução e disseminação de posicionamentos científicos sobre modelos de progressão do treinamento de força para adultos saudáveis, contribuindo para a atualização e qualificação das práticas profissionais* (Rodrigues et al., 2022).

As pesquisas desenvolvidas no contexto do projeto contribuem para a consolidação da extensão universitária como espaço de produção de conhecimento científico, fortalecendo a articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Além disso, os resultados dessas investigações subsidiam o planejamento e a execução das atividades desenvolvidas no projeto, garantindo que as intervenções realizadas junto à comunidade sejam fundamentadas em evidências científicas atualizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Laboratório do Exercício (Labex) constitui uma importante iniciativa de extensão universitária voltada à promoção da saúde, à formação profissional e à produção de conhecimento científico na área da Educação Física. Ao longo de mais de 20 anos de funcionamento institucional, o projeto tem contribuído para a melhoria da qualidade de vida da população atendida e para o fortalecimento da formação acadêmica dos estudantes envolvidos.

Os resultados observados evidenciam que a integração entre ensino, pesquisa e extensão é fundamental para a consolidação de práticas educativas e sociais comprometidas com as necessidades da comunidade. Ao oferecer serviços acessíveis, o projeto amplia o acesso da população aos programas de atividade física orientada e contribui para a prevenção de doenças e para a promoção da saúde.

Do ponto de vista acadêmico, o projeto representa um espaço privilegiado de formação profissional, no qual os estudantes desenvolvem competências técnicas e científicas essenciais para o exercício da profissão. Além disso, a produção científica vinculada ao projeto fortalece a função social da universidade e contribui para o avanço do conhecimento na área da Educação Física.

Dessa forma, o Labex reafirma o papel da extensão universitária como instrumento de transformação social, contribuindo para a promoção da saúde, para a formação profissional e para o fortalecimento do compromisso social da universidade pública.

REFERÊNCIAS

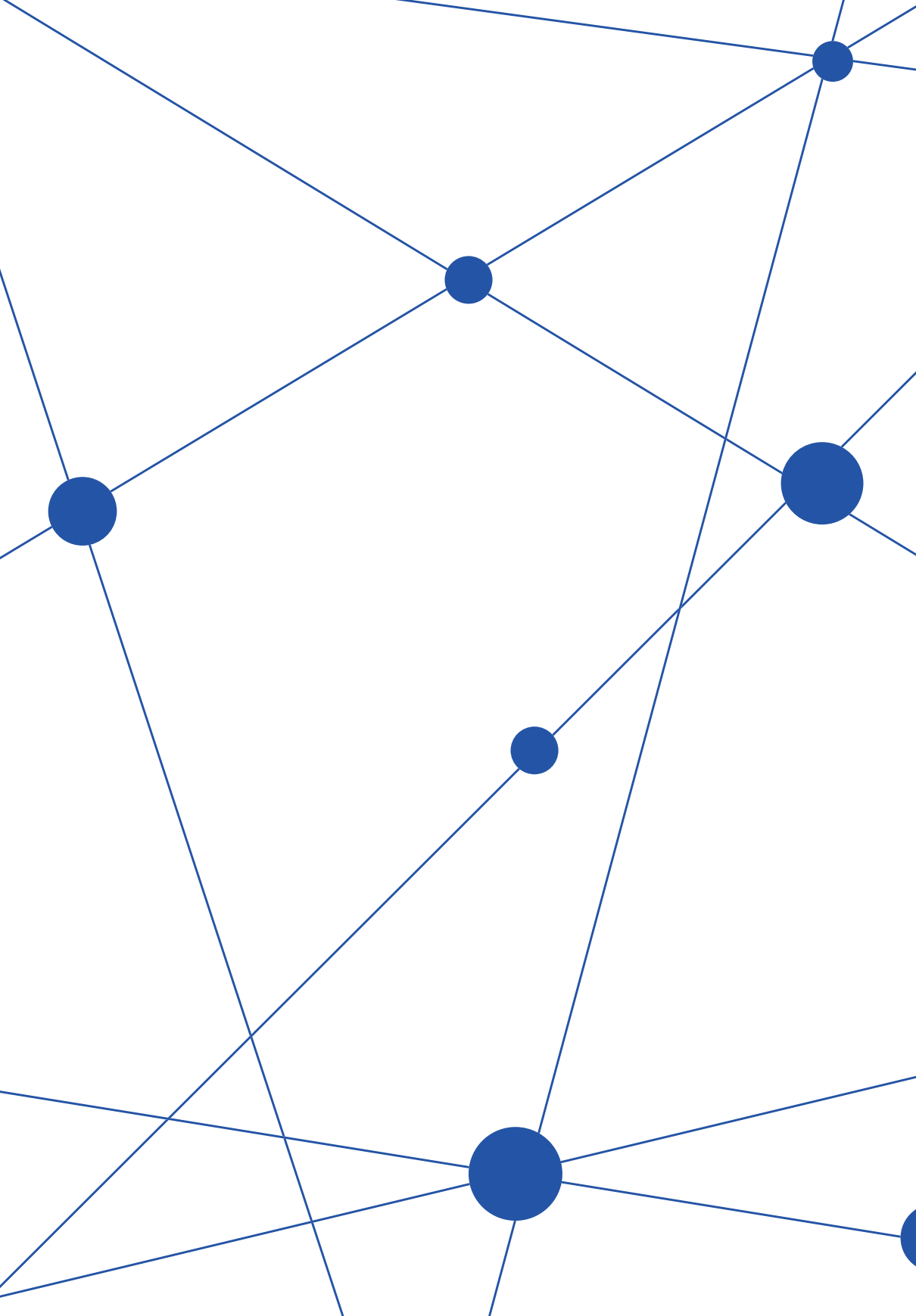
- COELHO, Geraldo Ceni. O papel pedagógico da extensão universitária. *Revista Em Extensão*, Uberlândia - MG, v. 13, n. 2, p. 11–24, jul./dez. 2014.
- COSTA, M. *et al.* Treinamento de força para idosos: uma síntese do posicionamento da National Strength and Conditioning Association. *RENEF*, [S. l.], v. 15, n. 23, p. 2–43, 2024. DOI: 10.46551/m2024152300081.
- CHAVES, F. de F. *et al.* Autoavaliação dos profissionais de Educação Física do mercado fitness sobre gestão de resultados e investimento em desenvolvimento profissional. *Biomotriz*, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 325–335, 2025. DOI: 10.33053/biomotriz.v19i1.1284.
- HENNINGTON, Élide Azevedo. Acolhimento como prática interdisciplinar num programa de extensão universitária. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro - RJ, v. 21, n. 1, p. 256–265, jan./fev. 2005.
- NAHAS, Markus Vinicius. *Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo*. 7. ed. Florianópolis: Ed. do autor, 2017.
- OLIVEIRA, S. J. B. *et al.* Percepções dos *personal trainers* sobre a atuação do Conselho Regional de Educação Física em academias. *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*, São Paulo - SP, v. 18, n. 115, p. 258–266, 2024.
- RODRIGUES, V. D. *et al.* Tradução do posicionamento “Modelos de progressão do treinamento de força para adultos saudáveis” do ano de 2002 e atualizações do ano de 2009. *RENEF*, [S. l.], v. 13, n. 19, p. 72–82, 2022. DOI: 10.46551/rn2022131900059.
- SANTANA, Regis Rodrigues *et al.* Extensão universitária como prática educativa na promoção da saúde. *Educação & Realidade*, [S. l.], v. 46, n. 2, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/98702>. Acesso em: 27 abr. 2026.

SILVA, M. C.; RODRIGUES, V. D. Motivos para a prática de ginástica em academias exclusivas para mulheres. *Revista Eletrônica Nacional de Educação Física*, Montes Claros, v. 16, n. 1, p. 1-12, 2025.

SOUZA, M. V. F. *et al.* Percepções dos alunos de treinamento personalizado sobre o processo de contratação, a formação profissional e o corpo dos *personal trainers*. *RENEF*, [S. l.], v. 16, n. 25, p. 98–122, 2025. DOI: 10.46551/rn20251622500109.

The background is a solid blue color. Overlaid on this is a network of thin, light blue lines that intersect to form various geometric shapes, primarily triangles. At several of these intersection points, there are small, solid dark blue circles, acting as nodes in the network. The overall effect is a technical or architectural aesthetic.

4



PROJETO DANCÊ: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA ENTRA NA DANÇA

Fernanda de Souza Cardoso¹

¹ Professora efetiva do Departamento de Educação Física e do Desporto da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Coordenadora do Projeto de Extensão Dancê/Unimontes.

INTRODUÇÃO

De acordo com Gadotti (2017), a primeira Política Nacional de Extensão ocorreu em 1975, tendo ampliado o rol de atividades de extensão, incluindo cursos, serviços, difusão cultural, comunicação de resultados de pesquisas e projetos de ação comunitária com participação docente e discente. “Nos anos seguintes, com a criação do Forproex, a Extensão Universitária passou a valorizar o reconhecimento do saber popular e a troca de saberes universidade-sociedade” (Gadotti, 2017, p. 3).

O Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, hoje denominado Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras (Forproex), criado em novembro de 1987, foi uma ação decisiva para o entendimento da extensão universitária como processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de maneira indissociável e possibilita a relação transformadora entre universidade e sociedade (Gadotti, 2017). Sobre essa relação indissociável, Abranches (2014) destaca:

A pesquisa está presente nas ações de extensão para permitir conhecer, analisar e intervir na realidade, pois a esta garante a oxigenação do ensino e da extensão a partir dos questionamentos sobre a realidade vivenciada. O ensino deve se articular com a pesquisa e a extensão para não se reduzir a reprodução de conteúdos, e a extensão precisa se articular à pesquisa e ensino para não se reduzir ao ativismo (Abranches, 2014, p. 50).

Então, “para o Forproex, a Extensão Universitária é ‘uma via de mão-dupla’ entre Universidade e sociedade. O saber acadêmico e o saber popular se reencontravam” (Gadotti, 2017, p. 2). A extensão universitária convida a universidade, permanentemente e sistematicamente, para o aprofundamento de seu papel como instituição que se empenha com a transformação social, que aproxima a produção e a transmissão de conhecimento de seus efetivos destinatários, se encarregando de corrigir, nesse processo, os impedimentos e bloqueios que fazem com que seja assimétrica e desigual a apropriação social do conhecimento, das ciências e das tecnologias (De Paula, 2013).

Diante do exposto, ressaltamos que a extensão universitária tem um papel importante para a universidade, ao lado do ensino e da pesquisa. As ações que viabiliza promovem diálogo e interação significativa entre o meio acadêmico e a sociedade, permitindo contribuições mútuas, valorizando e conectando os saberes produzidos em ambos. Projetos de extensão que envolvam a dança viabilizam experiências únicas ao focar em processos investigativos, sensíveis e criativos. Por intermédio da extensão, “a universidade socializa a cultura, porque [...] ela não se constitui para isolar da vida a cultura, mas trazê-la para a vida e torná-la a mestra da experiência” (Teixeira, 1997 *apud* Ribeiro, 2011, p. 85).

Nesse sentido, o projeto de extensão Dancê — Mover a essência tem na dança seu elemento de intervenção, de conexão com a comunidade, com seus corpos e seus movimentos e, portanto, com tudo que são, pensam e sentem. Assim, este artigo se constitui em um relato de experiência cujo objetivo é apresentar o referido projeto, ressaltando, como coordenadora do mesmo, as atividades desenvolvidas e os impactos sociais proporcionados a partir destes.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO/PROGRAMA DE EXTENSÃO

O projeto Dancê é coordenado pela Prof.^a Dr.^a Fernanda de Souza Cardoso, docente vinculada ao Departamento de Educação Física e do Desporto da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), e configura-se como uma proposta de intervenção sistematizada com vistas à promoção de ações de intercâmbio acadêmico e artístico, propiciando aumento de conhecimentos e experiências, especialmente com a dança. A proposta se sustenta principalmente na busca de uma ampliação dos diálogos entre a universidade, a comunidade, os(as) artistas, docentes e profissionais da dança da cidade de Montes Claros e outras regiões, propiciando ainda que a população (re)conheça esses(as) profissionais e seus trabalhos, valorizando a arte e a cultura local e de outros territórios.

Historicamente, o Dancê surgiu da experiência acumulada a partir do Grupo de Dança Compassos, apresentando-se, inicialmente, com

o nome de Ciclo de Debates sobre a Dança² — um fórum de discussão e vivências que permitia um aprofundamento sobre essa linguagem artística. Vale esclarecer que o Grupo Compassos foi um projeto de extensão criado em junho de 2000 e coordenado pela professora Dr.^a Elisângela Chaves, docente do Departamento de Educação Física da Unimontes, que desde 2014 é professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no mesmo curso. O Projeto Compassos encerrou suas atividades em 2013, com a produção de seu último espetáculo *É muita rápida esta história* (Fróis, 2022).

Essas informações são significativas para o que vem sendo proposto hoje no Dancê, uma vez que a autora foi integrante do Grupo de Dança Compassos desde a sua criação até o seu encerramento, tendo participado como bailarina, professora, coreógrafa e até coordenadora (durante a licença da professora Elisângela para cursar seu doutorado). Todo o repertório, as experiências e os aprendizados que foram absorvidos ao longo desse período foram determinantes para impulsionar a continuidade de algumas atividades instituídas pelo Ciclo de Debates sobre a Dança.

Assim, criou-se solo fértil para o nascimento do Dancê, nome dado por Deigo Xavier, amigo e artista montesclarenses que também é parceiro do projeto. Dessa maneira, o atual reitor da Unimontes aprovou a alteração de nomenclatura do Projeto Ciclo de Debates sobre a Dança para Projeto Dancê — Mover a essência, com a publicação da Resolução CEPEX/Unimontes n.º 135, de 16 de agosto de 2023.

O projeto Dancê prevê a oferta de aulas, oficinas ou cursos que envolvam a dança enquanto arte, manifestação expressiva e cultural, visando ainda experiências com outras práticas corporais que com ela dialoguem. Com base na referida proposta, também se viabiliza troca de

2 O primeiro Ciclo de Debates, promovido pelo Grupo de Dança Compassos, ocorreu em 2009, no Centro Cultural Hermes de Paula, em Montes Claros, e teve como objetivo promover reflexões acerca de questões importantes e quase nunca levantadas sobre a dança no Brasil. Em sua primeira edição, o Ciclo convidou o Prof. Dr. Arnaldo Leite de Alvarenga, docente dos cursos de Teatro e de Dança (licenciatura) da UFMG, destacando-se como professor de dança, pesquisador e coreógrafo. Para realização do evento, contou-se, na época, com a parceria da Associação Cultural Ditarso Companhia de Dança (Fróis, 2022).

conhecimentos, vivências e reflexões sobre essas manifestações como fenômenos socioculturais.

Metodologicamente, o Projeto oferece duas aulas/oficinas mensais a toda comunidade, ministradas, via de regra, por convidados(as) ou docentes da Unimontes, sempre propiciando intercâmbio de ideias e concepções sobre a dança, seu ensino e sua multiplicidade de expressões. As oficinas funcionam como aulas abertas, viabilizando o acesso a diferentes manifestações de dança. Em geral, essas atividades ocorrem aos sábados, no período da manhã, na sala de dança do Laboratório do Exercício (Labex), do curso de Educação Física da Unimontes. Porém, por meio de parcerias formadas com outros projetos e ações, esses espaços podem se modificar.

A participação nas ações promovidas pelo Dancê é gratuita e ocorre mediante a realização de inscrições divulgadas antecipadamente pelas mídias (*Instagram* e *WhatsApp*), dando, assim, oportunidade a todos e todas de conhecerem o projeto e vivenciarem diversificadas experiências corporais.

A coordenadora do Dancê, desde a criação do Sistema de Gestão da Extensão (Sigex), gera o link de inscrição das aulas ofertadas no referido sistema e o repassa, primeiramente, ao grupo de *WhatsApp* por ela criado, para facilitar a comunicação, o que tem auxiliado bastante na divulgação das ações. Este grupo de *WhatsApp* conta, hoje, com 209 membros, incluindo pessoas do meio acadêmico e da comunidade externa.

Cabe ressaltar que tem sido primordial o apoio da gestão, em especial da Pró-Reitoria de Extensão (Prex) e da Assessoria de Comunicação Social (Ascom) da Unimontes, para que mais pessoas possam conhecer o Dancê e se inscrever nas aulas, pois esses órgãos têm nos auxiliado, inclusive, na produção dos materiais de divulgação das aulas.

Para comprovação de participação nas atividades do projeto, têm sido, quase sempre, emitidos certificados de participação por meio do Sigex. Os certificados são repassados a todos(as) os(as) parceiros(as) internos(as) e externos(as), como também aos(as) participantes inscritos(as). Importante destacar ainda a disposição do Dancê em colaborar com os(as) acadêmicos(as) que queiram oferecer alguma atividade, constituindo-se, portanto, em espaço de protagonismo e atuação dos(as) estudantes universitários(as)

(de quaisquer cursos), sendo que estes(as) recebem seus certificados, pontuando como Atividades Integradas de Extensão (Aiex), com base na curricularização da extensão³.

Para Manchur, Suriani e Cunha (2013, p. 335), “a extensão universitária é um dos caminhos para desenvolver uma formação acadêmica completa, que integra teoria e prática numa comunicação com a sociedade e possibilita uma troca de saberes entre ambos”, sendo possível que ocorra a socialização e a construção de novos conhecimentos. No caso específico de projetos que têm a dança como foco, as ações extensionistas trazem à tona toda a potência da arte do movimento, dos corpos sendo mobilizados e em conexão. Assim, “a dança pensada na perspectiva da arte, da vivência de movimentos, da linguagem estética, da pesquisa e elemento da cultura de movimento, possibilita aos corpos-sujeitos significações e construções para sua formação humana [...]” (Kleinubing *et al.*, 2012, p. 77). “A arte é algo vital, e a vida necessariamente expressada na arte leva consigo movimento” (Borobio, 1998, p. 233 *apud* Vargas, 2007, p. 37).

Para Ribeiro, Mendes e Silva (2018, p. 337–338), a extensão propicia “a escuta sensível e implicada e não uma atuação sobre a comunidade e sobre o outro. Estabelecer diálogos horizontalizados favorece a alteridade e a alteração, ou seja, a relação com a ideia do outro e com a ação do outro. Não tem como haver extensão sem auto-formação”.

3 A curricularização da extensão diz respeito à inserção da extensão nos currículos dos cursos de graduação das instituições de ensino superior (Ribeiro; Mendes; Silva, 2018), sendo que, desde a formalização por meio da Resolução CNE/CES n.º 7/2018, do Ministério da Educação, determinou-se “que as Instituições de Ensino Superior (IES) incluam, obrigatoriamente, atividades de extensão em seus currículos de graduação, correspondendo a 10% da carga horária total dos cursos. Essa diretriz reforça o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, estabelecido no Art. 207 da Constituição de 1988, que propõe uma formação acadêmica comprometida com o desenvolvimento social. Com a regulamentação, as atividades extensionistas devem ser integradas aos Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs), incentivando o contato dos estudantes com a comunidade e proporcionando uma formação que articula teoria e prática. A norma também orienta que essas atividades priorizem áreas de grande relevância social, solidificando o papel das universidades como agentes de transformação” (Machado *et al.*, 2025, p. 1650).

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E IMPACTOS SOCIAIS

Durante todo o tempo em que esteve atuante na Unimontes, desde quando estava vinculado ao Grupo de Dança Compassos até os dias atuais, o Dancê tem contribuído com a oferta e o desenvolvimento de diversificadas ações extensionistas que, por consequência, têm gerado impactos sociais relevantes. Assim, além dos Ciclos de Debates sobre a Dança, promovidos na época da coordenação da professora Elisângela Chaves, após sua saída, a nova coordenadora deu continuidade a eventos que pudessem manter os objetivos do projeto, assim como ampliá-los, não somente no que diz respeito à quantidade de pessoas atendidas, mas também promovendo novas atividades e parcerias.

Assim, com o intuito de enriquecer este relato, serão aqui apresentadas algumas das atividades que vêm sendo desenvolvidas no Dancê, destacando as implicações e alcances dessas atividades. Vale ressaltar que o foco será dado ao período de 2023 a 2025, em função da Resolução já aqui mencionada, pela qual foi institucionalizado o novo nome do projeto.

Sobre as oficinas oferecidas em 2023, tivemos uma variedade de práticas, como de costume: balé; jazz; dança afro; educação somática; forró; danças urbanas (hip-hop e jazz funk), sendo todas essas ministradas por convidados(as) e parceiros(as) externos(as). É importante enfatizar ainda que a referida coordenadora do Dancê assumiu, como é feito normalmente, algumas aulas do projeto, dando aulas de dança com foco na consciência corporal. Cabe também destacar as parcerias com escolas de dança da cidade como o Studio Jaqueline Pereira, a Luna Escola do Corpo, o Levitar e a Christiane Tibo Escola de Dança.

Aqui damos atenção especial para a aula “Escuta do/pelo movimento”, que foi ministrada pela professora Jaqueline Pereira, proprietária do Studio Jaqueline Pereira, voltada para a educação somática, sendo oferecido um minicurso (duas oficinas), já que os(as) inscritos(as) participaram das aulas nos dias 2 e 3 de junho de 2023.

Uma outra iniciativa interessante a ser destacada diz respeito à parceria entre dois projetos de extensão da Unimontes: o projeto Dancê e o projeto Coral Vox, sendo este último coordenado pela professora Maria Amélia Castilho Feitosa Callado. A parceria foi feita com a finalidade de montagem

para o I Congresso Internacional de Educação e Inovação da Unimontes, unindo duas linguagens artísticas: a música e a dança. Além de reunir as coordenadoras, a colaboração propiciou um vínculo entre os(as) integrantes do Coral e uma acadêmica do curso de licenciatura em Educação Física, também bailarina e professora do Studio Jaqueline Pereira.

Assim, cabe pensamento de Marques e Santos (2022), ao explicarem sobre o projeto de extensão de dança que coordenaram na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), na cidade de Diamantina, em Minas Gerais (MG):

Ao desenvolver no espaço universitário um projeto de extensão e cultura vinculado à Educação Física, que explora procedimentos metodológicos diversificados, articulando a pesquisa gestual, a improvisação, a leitura e a composição coreográfica, pretende-se, além de privilegiar o processo criativo do gesto, promover reflexões sobre propostas artísticas, metodologias de ensino e as diferentes maneiras de compreender a dança e o corpo na contemporaneidade, o que contribui para a ampliação da formação humana e do conhecimento em dança, além de colaborar para novas elaborações metodológicas e sínteses de ensino de dança (Marques; Santos, 2022, p. 3).

Em 2024, tivemos: capoeira; danças populares; a aula “Dança Afro-Brasileira: ressignificação identitária”; forró; alongamento; yoga; e dança e consciência corporal, com parceiros(as) internos(as) e externos(as).

Podemos destacar a parceria com o artista mineiro Antônio Meira Fernandes, professor do Instituto Brincante de São Paulo. Outra atividade significativa em nosso ciclo foi o Curso “Dançando sobre fatos reais”, com objetivo de mesclar dança e autobiografia, que foi oferecido em três módulos, entre os meses de abril e junho, pelo artista Deigo Xavier.

Pudemos contar, também, com o apoio da Proex e do projeto de extensão Papos de Axé, que nos possibilitaram trazer, de Belo Horizonte, o professor Evandro Passos, grande nome da dança afromineira, para ministrar duas oficinas: uma no Dancê, e outra, pela primeira vez, no terreiro Roça Boiadeiro Volta Grande.

Já em 2025, construímos as seguintes ações: dança e consciência corporal; yoga; danças urbanas; *fit dance*; forró; as aulas “O despertar do

sensível na criação cênica”, “Escuta meu corpo negro” e “Todo corpo dança: qual é a dança da sua vida?”; alongamento; dança-terapia; e dança flamenca. Mais uma vez podemos destacar a presença de convidados(as) importantes para a diversificação das experiências propostas no projeto, além das atividades que são por vezes repetidas, em função da solicitação dos(as) participantes, como também da observação da coordenadora, interessada em propiciar um entendimento de dança não como mera reprodução de gestos, mas como um processo de autoconhecimento e de (re)conhecimento de nossas potencialidades e limites, demonstrando as inúmeras possibilidades que possuem nossos corpos em movimento.

Para Kleinubing *et al.* (2012), é essencial que tenhamos atenção com o modo como a dança está sendo desenvolvida com os corpos-sujeitos, pois acreditamos em um trabalho com a dança que respeite e leve em consideração o potencial de cada um(a), possibilitando a busca da própria linguagem corporal, tornando as experiências fontes de conhecimento próprio e de diferentes percepções do mundo em que vivemos.

É interessante enfatizar a presença do bailarino, coreógrafo e acupunturista Paulo Di Tarso, parceiro do projeto desde os tempos de Compassos, que nos presenteou com “O despertar do sensível na criação cênica”, aula proposta para incentivar uma escuta mais sensível de nossa corporeidade, nossa presença cênica e potencial criativo. Além disso, destaco a parceria feita com a Organização Não Governamental (ONG) Fé e Alegria, por duas vezes, em 2025. Em primeiro momento, os(as) alunos(as) da instituição foram para a Unimontes, e, no segundo, a coordenadora planejou oficina para atender aos(as) professores(as) da ONG. Essa última ação ocorreu em um clube da cidade de Montes Claros.

Outra ação que merece destaque foi a aula “Escuta meu corpo negro”, iniciativa colocada como meta, em 2024, para se tornar ação contínua do Dancê a partir de 2025. Essa aula propõe a partilha das experiências de ser um corpo negro no mundo, com atividades de escuta, criação e expressividade. Nesta primeira edição, tivemos a contribuição de dois parceiros(as): Katherine Pimenta, psicóloga e mulher negra, e Deço, Xavier, artista e homem negro já parceiro do Dancê.

Quanto aos impactos sociais, podemos apontar que o Dancê vem cumprindo seu papel extensionista e tem servido à comunidade, “abrindo as portas” da universidade para que a população possa usufruir dos conhecimentos produzidos pela instituição e também possa ter um espaço para demonstrar seus próprios saberes. Os objetivos traçados têm sido alcançados, desde o objetivo geral — promover intercâmbio entre professores(as), artistas, praticantes, pesquisadores(as) e interessados(as) em dança por meio de ações na referida área — até os específicos, oferecendo aos(às) participantes ampliar seu repertório corporal e conhecer-se mais, ao promover simultaneamente autoconhecimento e sociabilidade.

O projeto tem possibilitado o acesso a conhecimentos produzidos na área da dança, promovido um circuito de valorização, discussão, transmissão de saberes diversificados em dança e em outras práticas que com ela fazem diálogo, e incentivado artistas locais ou não a contar com o Dancê como mais um espaço de divulgação de seus trabalhos.

O projeto Dancê tem aumentado, cada vez mais, o número de pessoas que atende, o que torna inviável ampliar ainda mais esse quantitativo, uma vez que o espaço disponível para as aulas limita as inscrições a 30/45 pessoas, a depender do tipo de ação. Cabe ressaltar que muitas pessoas que se inscrevem nas ações não podem pagar por uma aula de dança em uma escola especializada; portanto, por meio do Dancê, essa oportunidade lhes é conferida.

Temos, portanto, grandes oportunidades de permitir, pela dança, que as pessoas vivenciem eventos que, na rotina atribulada e caótica dos tempos “modernos”, dificilmente alcançariam. Independentemente da situação ou motivo que levem a comunidade a se envolver com as ações oferecidas pelo Dancê, alguns pontos merecem destaque: naquele momento em que as aulas de dança ocorrem, as pessoas parecem conectadas a si mesmas e aos(às) outros(as) com quem partilham a experiência; os(as) participantes estão ali por uma escolha e foco em sua própria corporeidade; durante as aulas, as pessoas parecem “inteiras”, presentificadas, sensibilizadas e felizes. Como bem disse Vianna (2005, p. 32), “a dança se faz não apenas dançando, mas também pensando e sentindo: dançar é estar inteiro”.

Outro ponto que chama atenção é o fato de que a maioria dos(as) inscritos(as) nas ações nunca pensou que a dança era para eles(as); não são pessoas com experiência em dança, o que é muito positivo para o projeto, visto que o projeto não visa a profissionalização nem a espetacularização da dança, mas trazê-la para a vida como possibilidade para todos os corpos; como oportunidade, talvez única, de um “cuidado de si”, de ampliar sua consciência individual e coletiva, de “pausar” em meio à correria dos nossos dias cada vez mais tumultuados e exacerbadamente tecnológicos; dias cheios de pressa, mas vazios de contemplação e de demora nas sensações.

É preciso evidenciar também a viabilidade criada pelo projeto em contribuir com a formação acadêmica, constituindo iniciativa de impacto significativo. No universo da extensão, a vivência da e com a dança “amplia o olhar artístico e a forma como essa arte dialoga com o mundo através das experiências dentro e fora do ambiente acadêmico, onde os saberes se converterão em um aprendizado rico para a vida profissional e pessoal do discente” (Mendes *et al.*, 2020, p. 3).

Oliveira e Silva (2015) afirmam que a extensão universitária garante bons resultados quando aplicadas a projetos de dança, ao trazer impactos positivos no contexto universitário e estabelecer uma relação profícua entre o conhecimento acadêmico e as diversas formas de vivências que dialogam com o contexto social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A universidade tem na extensão uma das possibilidades de cumprir seu papel social e sua responsabilidade diante das demandas do contexto no qual está inserida. Observa-se que ações extensionistas que envolvam a dança podem ser fortes aliadas para transformações sociais necessárias: pessoas que se entendam melhor no mundo, se expressem como são, acolham e sejam melhor acolhidas, capazes de demonstrar o que sentem e de criar e compartilhar. Afinal, a dança é uma experiência tão subjetiva quanto coletiva.

Reitera-se, portanto, os resultados positivos e os impactos sociais que têm sido alcançados pelo Projeto Dancê — mover a essência, visto que suas contribuições de acesso às práticas corporais — em especial a dança — têm viabilizado oportunidades às quais a maioria da população não tem acesso. Contribuir por tanto tempo com a sociedade é bastante significativo, diante de um mundo que parece caminhar na contramão do que a dança permite e oferece às pessoas.

Nesse sentido, a proposta do Dancê é prosseguir se aperfeiçoando; contribuindo com a cidade e com as corporeidades diversas; alcançando cada vez mais a comunidade; valorizando o humano, os vínculos, as artes e as culturas; ampliando os espaços dentro de nós; e transformando ainda mais as pessoas e seus entornos.

Por fim, cabe ressaltar que seria imprescindível que os investimentos destinados à universidade fossem distribuídos de forma mais equilibrada entre o ensino, a pesquisa e a extensão, lembrando que essa tríade deve ser sempre complementar. Seria uma maneira mais justa e mais coerente para que a comunidade usufruísse de todo o conhecimento produzido no meio acadêmico e pudesse auxiliar na revisão e/ou atualização desses mesmos conhecimentos.

Assim, cabe destacar as iniciativas da Proex nesse sentido, inclusive com a publicação do edital do Processo Seletivo para o Programa Institucional de Iniciação à Extensão (Pibiex), solicitação feita há anos por professores(as) e acadêmicos(as) da Unimontes; bem como a oportunidade de produzirmos um relato de experiência como este, em que podemos fortalecer ainda mais nossos projetos.

É essencial que a universidade dê visibilidade cada vez maior à extensão universitária horizontalmente, já que esta última potencializa o alcance das Instituições de Ensino Superior (IES). A extensão pode ser um espaço singular para que a universidade olhe mais para si mesma, (re)avaliando seus compromissos sociais, e para que a população entenda, de fato, para que e a quem a universidade serve, ou deve servir.

REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Mônica. Política nacional de extensão universitária — 2012: identidade e diretriz para a prática extensionista no ensino superior brasileiro. In: CANDIDO, João Gremmelmaier; SILVA, Luciane Duarte da (org.). *Extensão universitária: conceitos, propostas e provocações*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2014.
- DE PAULA, João Antônio. A extensão universitária: história, conceito e propostas. *Interfaces — Revista de Extensão da UFMG, [S.l.]*, v. 1, n. 1, p. 5–23, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930/15904>. Acesso em: 3 out. 2022.
- FRÓIS, Ana Kecylla Rodrigues. No “Compassos” da extensão universitária. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) — Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2022.
- GADOTTI, Moacir. *Extensão universitária: para quê?* São Paulo - SP: Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: https://www.paulofreire.org/Extensão_Universitária_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf. Acesso em: 13 mar. 2026.
- KLEINUBING, Neusa Dendena *et al.* Projeto Contradança: a extensão universitária dialogando com a dança e a diversidade. In: SARAIVA, Maria do Carmo; KLEINUBING, Neusa Dendena. *Dança: diversidade, caminhos e encontros*. Jundiá: Paco Editorial, 2012.
- MACHADO, Débora Mendonça Monteiro *et al.* Curricularização da extensão no ensino superior: análise de caso e práticas no Centro Universitário FAVENI. *ARACÊ, [S. l.]*, v. 7, n. 1, p. 1647–1660, 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsiencepubl.com/arace/article/view/2788>. Acesso em: 22 mar. 2026.
- MANCHUR, Josiane; SURIANI, Ana Lucia Affonso; CUNHA, Marcia Cristina da. A contribuição de projetos de extensão na formação profissional de graduandos de licenciaturas. *Revista Conexão UEPG*, Ponta Grossa – PR, v. 9, n. 2, p. 334–341, 2013. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/5522/3672>. Acesso em: 12 mar. 2026.
- MARQUES, Danieli Alves Pereira; SANTOS, Gilbert de Oliveira. Dança e ensino: um relato de experiência na extensão universitária em Diamantina-MG. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 1–19, 2022. DOI: 10.5007/2175-8042.2022.e85969
- MENDES, Esther Santos *et al.* Compreensão de dança dos estudantes da Asces-Unita a partir do projeto de extensão Brincantes do Agreste. *Motrivivência*, Florianópolis - SC, v. 32, n. 63, p. 1–21, 2020. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/motrivivencia/v32n63/2175-8042-motri-32-63-e77216.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2026.
- OLIVEIRA, Paula Dias; SILVA, Camila Magalhães da. Gestão de projetos de extensão universitária: Uma experiência no curso de licenciatura em dança da UFMG. *XV Colóquio Internacional de Gestão Universitária – CIGU*. Desafios da gestão universitária no século XXI. Mar del Plata–Argentina. 2015. ISBN: 978-85-68618-01-1.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes; MENDES, Francisco Fabiano de Freitas; SILVA, Etevaldo Almeida. Curricularização da extensão em prol de uma universidade socialmente referenciada. *Revista Conexão UEPG*, v. 14, n. 3, 2018, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514161580004>. Acesso em: 20 mar. 2026.

RIBEIRO, Raimunda Maria da Cunha. A extensão universitária como indicativo de responsabilidade social. *Revista Diálogos*, Brasília - DF, v. 15, n. 1, jul. 2011, p. 81–88. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/3185/2079>. Acesso em: 25 fev. 2026.

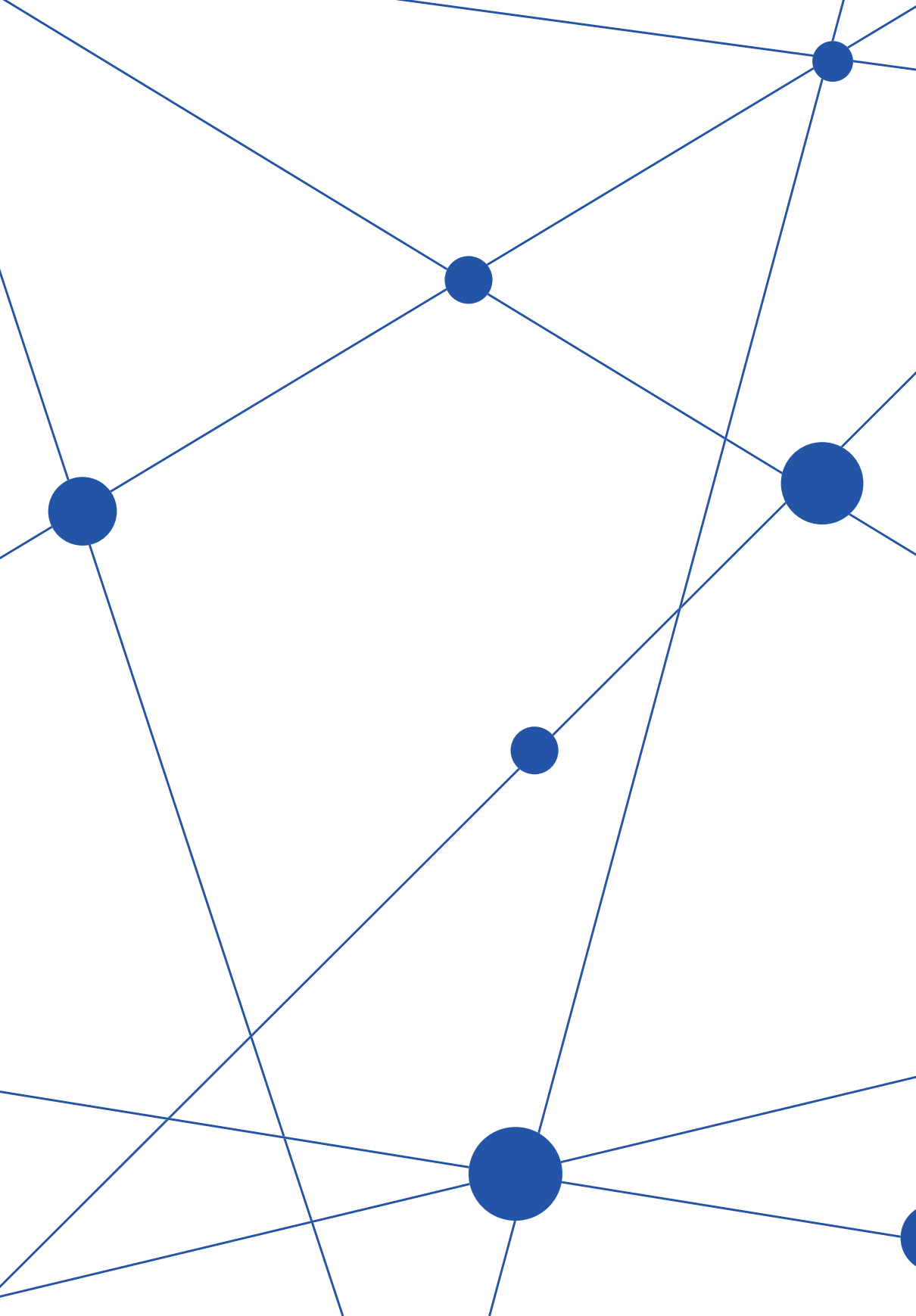
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS. Conselho de ensino, pesquisa e extensão. *Resolução CEPEX/Unimontes n.º 135, de 16 de agosto de 2023. Aprova a alteração de nomenclatura do Projeto Ciclo de Debates sobre a Dança para Projeto Dancê — Mover a essência*. Reitoria da Universidade Estadual de Montes Claros, 16 ago. 2023.

VARGAS, Lisete Arnizaut Machado de. *Escola em dança: movimento, expressão e arte*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

VIANNA, Klauss. *A dança*. São Paulo: Summus, 2005.

The background is a solid blue color. Overlaid on this is a network of thin, light blue lines that intersect to form various geometric shapes, including triangles and polygons. At several of these intersection points, there are small, solid dark blue circles, creating a node-and-link structure.

5



QUANDO BRINCAR TAMBÉM É CUIDAR: EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA COM CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

Ana Augusta Maciel de Souza¹

Mirela Lopes de Figueiredo²

Patrícia Fernandes do Prado³

Simone Guimarães Teixeira Souto⁴

Márcia Eduarda Mendes Pinheiro⁵

1 Mestra em Ciências da Saúde. Docente do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

2 Doutora em Ciências da Saúde. Docente do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

3 Doutora em Ciências da Saúde. Docente do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

4 Doutora em Ciências da Saúde. Docente do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

5 Graduanda em Enfermagem. Bolsista de Extensão. Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

INTRODUÇÃO

O processo de hospitalização infantil representa um evento potencialmente traumático na vida da criança, marcado pelo distanciamento do ambiente familiar, por mudanças de rotina e pela exposição a procedimentos invasivos, fatores que podem acarretar consequências emocionais, psicológicas e sociais, com repercussões a longo prazo (Carvalho *et al.*, 2023; Wernet *et al.*, 2024).

O hospital é, frequentemente, associado a um ambiente estranho e hostil. O cenário intimidador do desconhecido, atrelado à dor e ao isolamento, é responsável por desencadear sensações negativas tanto para os pacientes quanto para seus acompanhantes (Claudino; Carvalho; Sigaud, 2021; Stein; Malaquias, 2023). Diante desse contexto, a incorporação sistemática de práticas lúdicas no cuidado pediátrico contribui significativamente para a humanização da assistência, constituindo ferramenta essencial na promoção da saúde integral da criança hospitalizada.

O cuidado lúdico contribui para a transformação do espaço hospitalar em um local mais agradável e menos assustador para o público pediátrico. O conceito de ludicidade está profundamente relacionado às necessidades do desenvolvimento infantil. O brincar é uma atividade fundamental na formação da linguagem, do pensamento simbólico e das habilidades sociais (Vygotsky, 1998).

Ao ser incorporado ao cuidado à saúde, o brincar não apenas ajuda a reduzir o estresse da criança, mas também fortalece o vínculo entre o paciente, sua família e os profissionais, promovendo um ambiente mais acolhedor e facilitando o processo de recuperação (Leôncio *et al.*, 2022; Martins *et al.*, 2024). A realização de práticas lúdicas nessa abordagem constitui uma estratégia qualificadora do cuidado, capaz de promover bem-estar, segurança emocional e melhor adaptação ao meio hospitalar.

Corroborando essa perspectiva, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece o brincar como um elemento essencial para o desenvolvimento saudável e para a promoção da qualidade de vida de crianças e adolescentes (World Health Organization, 2018). No Brasil, a Resolução n.º 41/1995 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente assegura, entre

outros direitos, o acesso a atividades recreativas durante a hospitalização, reforçando a importância da ludicidade no cuidado (Brasil, 1995).

Adicionalmente, a Política Nacional de Humanização (PNH) fortalece estratégias dessa natureza na atenção hospitalar, ao orientar novos arranjos de trabalho e estimular os profissionais a desenvolverem métodos que qualifiquem o ambiente e as práticas de cuidado humanizado. Nessa perspectiva, a incorporação de estratégias lúdicas alinha-se diretamente aos princípios da humanização ao reconhecer a criança como sujeito ativo no cuidado em saúde.

Proporcionar atividades lúdicas no serviço de pediatria deve fazer parte da rotina da unidade e compor o rol de competências dos profissionais de enfermagem, como parte de seu processo de trabalho, conforme a Resolução do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) n.º 546, de maio de 2017. Para isso, o enfermeiro deve dominar conhecimentos, instrumentos e habilidades que envolvem o universo do brincar na vida das crianças.

Dentre as ferramentas lúdicas para o aperfeiçoamento do cuidado em enfermagem à criança e à sua família, o Brinquedo Terapêutico (BT) constitui como um método que permite a interação da equipe com a criança, para construir ou fortalecer vínculos, por meio de uma comunicação que informe, mas também acolha e incentive a demonstração de sentimentos do paciente durante a internação (Ciuffo *et al.*, 2023). Trata-se de um recurso eficaz e de baixo custo, utilizado intencionalmente em atividades estruturadas, com o intuito de promover educação em saúde, alcançar maior bem-estar físico e emocional e exemplificar procedimentos, por meio da dramatização das situações vividas e da manipulação de materiais utilizados ou objetos que os representem (Abreu; Abrão, 2022).

A contação de histórias também se destaca como instrumento lúdico para uma assistência mais humanizada, tendo como princípio terapêutico estimular a participação da criança durante todo o processo, compartilhar sentimentos e emoções e auxiliar na resolução de conflitos internos, para favorecer a aceitação de procedimentos médicos durante a hospitalização (Lopes *et al.*, 2023). O ato de contar uma história durante a hospitalização infantil não se restringe à escolha do conto, mas envolve também aos diversos fatores que influenciam o alcance dessa forma de intervenção (Wernet *et al.*, 2024).

Face ao exposto e para fortalecer a integração dessas práticas no ambiente hospitalar e promover uma cultura de cuidado mais empática e menos traumática, foi criado em 2016 o projeto Pró-brincar: programa de atenção integral à criança hospitalizada, como uma iniciativa de extensão universitária vinculada ao curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

O presente trabalho tem como objetivo relatar e refletir sobre a experiência extensionista do Projeto Pró-Brincar, destacando a utilização de práticas lúdicas como recurso terapêutico na assistência à criança hospitalizada e a seus familiares. O trabalho evidencia, ainda, as contribuições do projeto para a qualificação do cuidado pediátrico, para a formação acadêmica de estudantes de enfermagem e para a promoção de impactos sociais no contexto da atenção à saúde infantil.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO

No âmbito da atenção à criança hospitalizada, as ações extensionistas assumem relevância ainda maior, por favorecerem a implementação de práticas inovadoras e humanizadas no cuidado pediátrico, além de promoverem a articulação entre ensino, pesquisa e assistência. Nesse cenário, destaca-se a criação do Projeto Pró-Brincar, cuja identidade visual, associada a valores como ludicidade, alegria, acolhimento, cuidado humanizado e respeito à criança, foi desenvolvida em 2013 por um grupo de pesquisadores do Departamento de Enfermagem da Unimontes.

A iniciativa surgiu como desdobramento do projeto intitulado Implantação do Brinquedo Terapêutico em unidades de internação pediátrica: uma proposta de ensino, pesquisa e extensão, cujo objetivo principal foi implementar o brinquedo terapêutico em unidades pediátricas de hospitais do município de Montes Claros e evidenciar o potencial dessa estratégia para a qualificação do cuidado à criança hospitalizada.

Com base nos resultados obtidos nesse estudo inicial e diante da necessidade de dar continuidade às ações desenvolvidas, bem como de responder às demandas por um cuidado mais humanizado e menos traumático

no contexto da hospitalização infantil, foi instituído, em 2016, o Projeto Pró-Brincar: Programa de Atenção Integral à Criança Hospitalizada. Trata-se de um projeto de extensão universitária voltado à inserção sistemática do brincar na assistência às crianças em unidades pediátricas.

O projeto tem como propósito promover e implementar práticas lúdicas no cuidado pediátrico, envolvendo crianças hospitalizadas, familiares, estudantes e profissionais de saúde, a fim de contribuir para a humanização da assistência. Nessa perspectiva, o brincar é compreendido não apenas como atividade recreativa, mas como uma estratégia terapêutica capaz de favorecer o bem-estar emocional da criança, facilitar sua adaptação ao ambiente de internação e auxiliar na compreensão das experiências relacionadas ao adoecimento e ao tratamento.

As ações do Pró-Brincar estão alinhadas aos princípios do cuidado atraumático e da PNH, para minimizar os impactos negativos da hospitalização infantil com estratégias que respeitem a singularidade da criança e valorizem suas necessidades emocionais e psicossociais. Dessa forma, o projeto possibilita que as crianças vivenciem experiências educativas, recreativas e terapêuticas durante o período de internação, e torna o ambiente hospitalar mais acolhedor e menos ameaçador.

Além disso, a iniciativa dialoga com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) ao fortalecer práticas que incentivam relações mais solidárias entre gestores, trabalhadores da saúde, usuários e instituições formadoras. Ao integrar ações de cuidado, educação e produção de conhecimento, o projeto contribui para a qualificação das práticas assistenciais e para o fortalecimento das políticas públicas voltadas à humanização da atenção à saúde.

O projeto é desenvolvido com a participação ativa de professores e acadêmicos do curso de graduação em Enfermagem da Unimontes, proporcionando aos discentes vivências práticas que aproximam os saberes acadêmicos das necessidades reais da comunidade. Essa atuação extensionista favorece a construção de uma formação profissional mais crítica e sensível, estimulando a consolidação de competências e habilidades relacionadas à empatia, à comunicação e à atenção qualificada.

Nesse sentido, o Projeto Pró-Brincar constitui um importante espaço de articulação entre ensino, pesquisa e extensão, ao promover intervenções transformadoras nos serviços de saúde e contribuir para a formação de profissionais mais críticos, sensíveis e comprometidos com a realidade social.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E IMPACTOS SOCIAIS

As ações conduzidas pelo Pró-Brincar envolvem diferentes etapas de planejamento, execução e avaliação. Inicialmente, ocorrem reuniões periódicas entre os integrantes da equipe, para organizar as atividades, distribuir responsabilidades e elaborar materiais de apoio, garantindo a sistematização das intervenções.

No campo assistencial, o projeto executa práticas lúdicas e educativas desenvolvidas semanalmente em uma unidade de internação pediátrica do município de Montes Claros. Para sua implementação, o projeto utiliza metodologias participativas que permitem aos envolvidos estruturar e aplicar estratégias voltadas à promoção do bem-estar físico e emocional das crianças e de seus acompanhantes.

Durante as sessões de BT, são utilizados diversos materiais, como bonecos, animais em miniatura, utensílios domésticos, carrinhos, materiais gráficos e instrumentos hospitalares reais ou representados por brinquedos. Esses recursos permitem simular situações vivenciadas no ambiente hospitalar, favorecendo a comunicação entre a criança e os profissionais de saúde e contribuindo para a redução do medo e da ansiedade diante dos procedimentos.

A operacionalização do BT considera a idade e o estágio de desenvolvimento da criança. Para auxiliar na aplicação dessa estratégia, a equipe organizou caixas contendo brinquedos e materiais médico-hospitalares, disponibilizadas no setor pediátrico onde o projeto atua. Ressalta-se que todos os materiais utilizados atendem às normas de segurança estabelecidas pela ABNT NBR 11786:2003 – Segurança do brinquedo e são higienizados após cada uso, conforme as orientações do Serviço de Controle de Infecção Hospitalar da instituição.

A contação de histórias também constitui uma estratégia terapêutica relevante no âmbito do projeto, uma vez que estimula a imaginação, favorece a expressão de sentimentos e permite que a criança elabore simbolicamente as experiências vivenciadas durante a hospitalização. As histórias são contadas na Escola Hospitalar da unidade ou à beira do leito, respeitando as particularidades e limitações físicas dos pacientes e a rotina do setor.

As histórias são previamente selecionadas de acordo com a faixa etária e abordam temas como empatia, respeito, amizade e superação, contribuindo para o desenvolvimento emocional e social das crianças. A atividade é conduzida por meio de diferentes recursos expressivos e técnicas narrativas, de forma lúdica e interativa. Ao final de cada sessão, é realizada uma reflexão sobre o conteúdo apresentado, possibilitando que as crianças e seus acompanhantes expressem percepções, sentimentos e aprendizados. Complementarmente, a equipe desenvolve dinâmicas nas quais os participantes representam elementos significativos das narrativas por meio de desenhos, pinturas, massa de modelar, entre outros recursos.

No âmbito da pesquisa, o Pró-Brincar também contribui para a produção de conhecimento científico, por meio da sistematização e avaliação das práticas desenvolvidas. Ao longo de sua trajetória, o projeto produziu relatórios técnicos, trabalhos de conclusão de curso, artigos científicos e apresentações em eventos acadêmicos institucionais e regionais. Essas produções ampliam a visibilidade do projeto e contribuem para a disseminação de práticas humanizadas no cuidado ao público infantil em situação de internação hospitalar.

No campo do ensino, o projeto desempenha papel relevante na formação de estudantes e profissionais da área da saúde, ao proporcionar experiências que articulam teoria e prática assistencial. Os graduandos de enfermagem, ao ingressarem no projeto, passam por um processo de capacitação voltado a estratégias de abordagem da criança hospitalizada, com ênfase na comunicação terapêutica, buscando reunir técnicas e experiências que estimulem a criatividade na utilização dos recursos expressivos utilizados nas ações de cuidado humanizado.

Paralelamente às ações assistenciais, são promovidos ciclos de estudos destinados à fundamentação teórico-metodológica das práticas desenvolvidas,

possibilitando a discentes e docentes discutirem temas relacionados à humanização da assistência, à ludicidade no contexto hospitalar e ao cuidado pediátrico. Esses encontros constituem espaços de formação continuada e reflexão crítica sobre as práticas assistenciais, contribuindo para o aprimoramento das intervenções realizadas junto às crianças hospitalizadas e seus acompanhantes.

Os discentes envolvidos também participam da elaboração de materiais educativos e terapêuticos utilizados nas intervenções, como cartilhas lúdicas para preparar a criança para procedimentos hospitalares, jogos interativos e histórias infantis relacionadas às condições de saúde enfrentadas pelas crianças.

Essas iniciativas contribuem para reduzir a ansiedade do público pediátrico, favorecer a compreensão da hospitalização e fortalecer a comunicação entre equipe de saúde, pacientes e familiares. Ao mesmo tempo, possibilitam que os estudantes desenvolvam competências relacionadas à criatividade, à comunicação terapêutica e ao cuidado humanizado.

Sob a perspectiva extensionista, o Pró-Brincar evidencia o potencial transformador das ações universitárias quando articuladas às demandas sociais. Ao aproximar a universidade do contexto hospitalar e das necessidades reais da população, o projeto promove interação dialógica entre saberes acadêmicos e experiências vivenciadas na prática assistencial.

Nesse sentido, o impacto social do projeto manifesta-se tanto na melhoria da experiência de hospitalização das crianças e de seus familiares quanto na formação de profissionais mais preparados para atuar de forma sensível e humanizada. Além disso, ao incentivar a produção científica e disseminar práticas inovadoras, o projeto fortalece a consolidação da extensão universitária como eixo fundamental na transformação social e na qualificação do cuidado em saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações do Projeto Pró-Brincar visam à inserção de práticas lúdicas no cuidado à criança hospitalizada, contribuindo para sua recuperação, favorecendo a expressão de sentimentos, a redução da ansiedade e ampliando a aceitação dos procedimentos terapêuticos. A incorporação sistemática da ludicidade no ambiente hospitalar representa uma estratégia efetiva para a humanização

da assistência pediátrica, ao considerar as necessidades emocionais e psicossociais da criança. Além disso, as abordagens adotadas possibilitam a construção de vínculos mais próximos entre profissionais de saúde, estudantes, crianças e familiares, promovendo um cuidado mais acolhedor, inclusivo e respeitoso.

No âmbito da formação acadêmica, o projeto constitui uma importante oportunidade de aprendizado para estudantes de enfermagem, ao proporcionar experiências práticas que integram ensino, pesquisa e extensão. Essa vivência contribui para o desenvolvimento de competências técnicas, éticas e humanas essenciais ao exercício profissional, estimulando uma postura crítica, reflexiva e comprometida com práticas humanizadas em saúde.

Adicionalmente, o projeto apresenta impacto social ao promover intervenções que contribuem para a melhoria da qualidade do cuidado ofertado às crianças hospitalizadas, ampliando o alcance das ações universitárias junto à comunidade.

Sob essa perspectiva, o Pró-Brincar reafirma o papel da extensão universitária como eixo fundamental na articulação entre conhecimento acadêmico e demandas sociais, evidenciando seu potencial transformador no campo da saúde.

Como implicação prática, evidencia-se a importância de incorporar estratégias lúdicas na assistência pediátrica, ampliar iniciativas extensionistas e incentivar o desenvolvimento de estudos que avaliem os impactos dessas estratégias, fortalecendo as evidências científicas na área.

REFERÊNCIAS

ABREU, V. P. L.; ABRÃO, R. K. Tecendo laços na construção de material formativo voltado aos espaços de recreação e lazer hospitalar. *Humanidades & Inovação*, Palmas - TO, v. 9, n. 2, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/6111>. Acesso em: 12 mar. 2026.

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. *Resolução n.º 41, de 13 de outubro de 1995*. Dispõe sobre os direitos da criança e do adolescente hospitalizados. Brasília: CONANDA, 1995. Disponível em: <https://www.gov.br/participamaisbrasil/a-resolucao-n-41-de-09-13-de-outubro-de-1995>. Acesso em: 10 mar. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. *Política Nacional de Humanização – PNH: documento base*

para gestores e trabalhadores do SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_folheto.pdf. Acesso em: 10 mar. 2026.

CARVALHO, Ângela Patrícia Souza *et al.* Decretos hospitalares: alegrias e tristezas reveladas por crianças hospitalizadas. *Revista Norte Mineira de Enfermagem*, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 40–50, 2023. DOI: <https://doi.org/10.46551/rnm20230205>.

CIUFFO, Lia Leão *et al.* O uso do brinquedo pela enfermagem como recurso terapêutico na assistência à criança hospitalizada. *Revista Brasileira de Enfermagem*, [S. l.], v. 76, n. 2, p. e20220433, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2022-0433pt>.

CLAUDINO, T.V.V.; CARVALHO, G.S.R.; SIGAUD, C.H.S. Percepções de crianças hospitalizadas acerca da contação de histórias. *Revista da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras*, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 22–28, jun. 2021. Disponível em: <https://journal.sobep.org.br/article/percepcoes-de-criancas-hospitalizadas-acerca-da-contacao-de-historias/>. Acesso em: 18 mar. 2026.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução nº 546, de 17 de maio de 2017. Revoga a Resolução COFEN nº 295/2004 - Utilização da técnica de brinquedo terapêutico pela Enfermagem. *Diário Oficial da União*, n.º 93, 17 maio 2017, p. 136, Brasília, 2017. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-05462017/html>. Acesso em 15 mar. 2026.

LEÔNICIO, Josly Santiago Martins *et al.* A perspectiva de crianças e adolescentes sobre brincar durante a hospitalização. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 1295–1307, 2022. DOI: <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto53666>.

LOPES, A. C. M. *et al.* A contação de histórias como prática de humanização na pediatria: vivências dos acadêmicos de enfermagem. *REC- Revista Extensão e Cultura da UFRB*, [S. l.], v. 24, n. 01, p. 46-55, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/revistaextensao/article/view/3380>. Acesso em: 15 mar. 2026.

MARTINS, P. S. dos S. *et al.* O brinquedo terapêutico na hospitalização da criança em idade pré-escolar. *Revista Recien*, [S. l.], v. 14, n. 42, p. 655–665, 2024. DOI: <https://doi.org/10.24276/rrecien2024.14.42.655>.

STEIN, C.; MALAQUIAS, T. da S. M. O brinquedo terapêutico e a criança hospitalizada. *Revista Eletrônica Polidisciplinar Voos*, v. 19, n. 2, 2023. DOI: <https://doi.org/10.69876/rv.v19i2.54>.

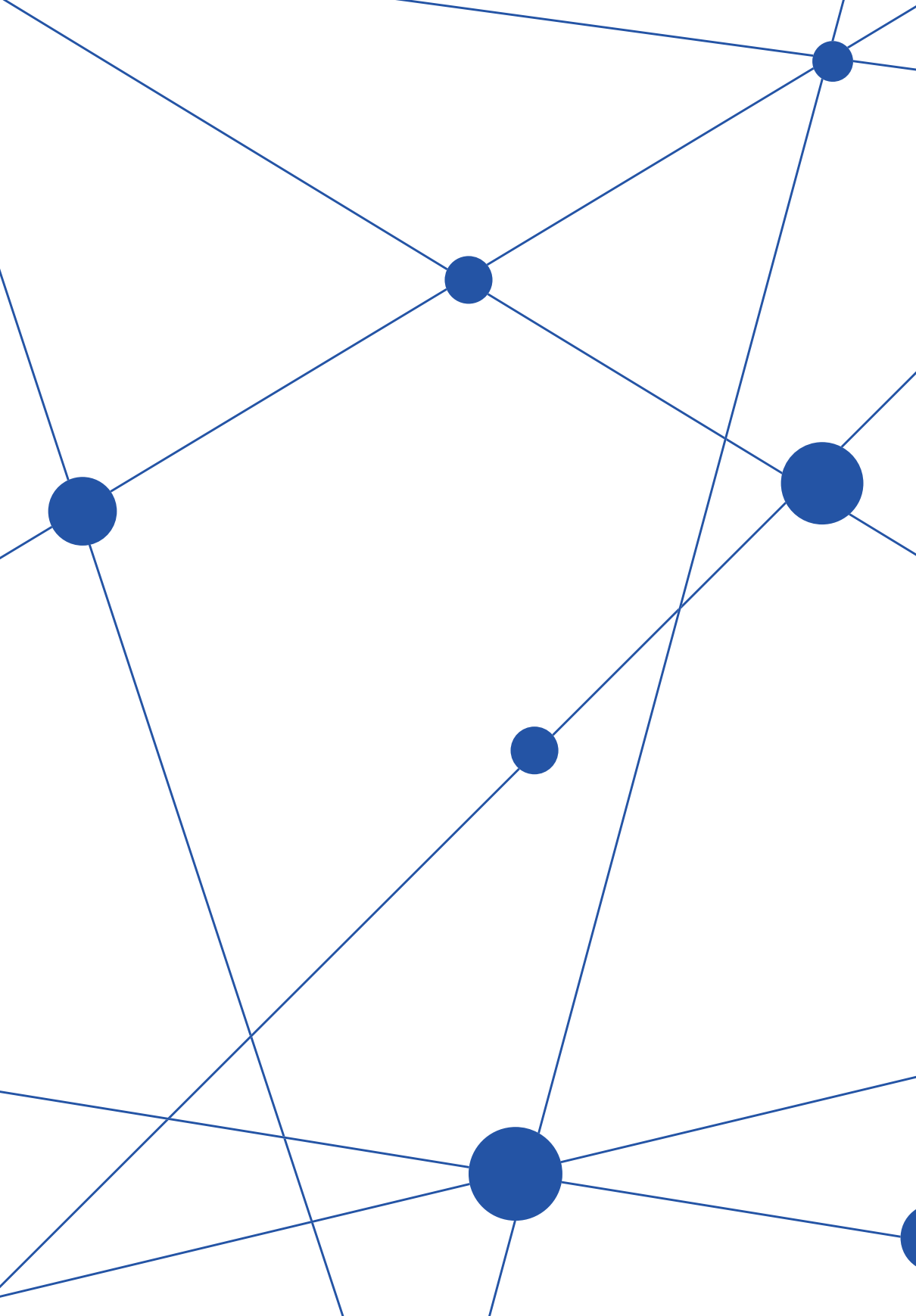
VYGOTSKY, Lev Semyonovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WERNET, M. *et al.* Storytelling during children's hospitalization: mothers' perceptions in the light of Symbolic Interactionism. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, Goiânia - GO, v. 26, p. 1–9, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ree.v26.77632>. Acesso em: 15 mar. 2026.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Standards for improving the quality of care for children and young adolescents in health facilities*. Geneva: World Health Organization, 2018. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241565554>. Acesso em: 10 mar. 2026.



6



PROJETO VIDA: ENTRE O VIVER E O SENTIR – EXPERIÊNCIAS DE RESSIGNIFICAÇÃO DO CUIDADO E DA VIDA

Claudiana Donato Bauman¹

¹ Professora efetiva do Departamento de Educação Física e do Desporto da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Coordenadora do Projeto de Extensão Projeto Vida.

INTRODUÇÃO

A construção do cuidado em saúde, quando atravessada por experiências humanas profundas, revela-se como um processo que transcende intervenções técnicas e alcança dimensões simbólicas, afetivas e sociais da existência. É nesse horizonte que se insere o Projeto de Extensão Vida, cuja história, ao longo de mais de duas décadas, vem sendo tecida por vivências, encontros e transformações que ressignificam o viver.

Consolidado como um espaço de integração entre ensino, pesquisa e extensão, o Projeto Vida articula ciência, prática profissional e sensibilidade, constituindo-se em uma estratégia de atenção integral à saúde. Ao longo de seus 21 anos de atuação, acompanha mulheres cujas trajetórias são marcadas por desafios, fragilidades, superações e conquistas, evidenciando que a atenção integral se fortalece por meio da escuta qualificada, da construção de vínculos e do reconhecimento das singularidades. Para além de sua dimensão assistencial, o projeto configura-se como um ambiente de encontro — com o outro, consigo mesmo e com novas possibilidades de existir. Nesse contexto, as vivências compartilhadas revelam a extraordinária capacidade humana de adaptação e ressignificação, reafirmando que, mesmo diante das adversidades, a vida encontra caminhos para se reinventar.

Este capítulo propõe um olhar que ultrapassa a perspectiva, estritamente, acadêmica, convidando o leitor a refletir sobre a complexidade do viver, especialmente, em cenários que exigem coragem, acolhimento e permanente capacidade de adaptação. Trata-se de compreender o cuidado como uma prática relacional, construída na interação entre sujeitos e capaz de produzir transformações mútuas.

A atuação multiprofissional, característica estruturante do Projeto Vida, possibilita a construção de estratégias integradas, nas quais diferentes saberes dialogam e se complementam para promover intervenções voltadas à saúde, ao fortalecimento da autonomia, ao sentimento de pertencimento e à reconstrução de projetos de vida.

Ao longo de sua história, o projeto evidencia um aspecto essencial: o processo de cuidar não se estabelece de forma unidirecional. Ao contrário,

circula entre todos os envolvidos, produzindo efeitos que ultrapassam as práticas assistenciais, propriamente, ditas. Nesse movimento, ensinar e aprender, cuidar e ser cuidado tornam-se experiências indissociáveis, alimentadas pelo compartilhamento de conhecimentos, afetos e vivências. Dessa forma, o Projeto Vida consolida-se como um território de experiências humanas e científicas, no qual a interface entre conhecimento e sensibilidade sustenta práticas voltadas ao enfrentamento das adversidades, à promoção da saúde e à valorização da vida em todas as suas dimensões.

Em síntese, ao longo de mais de duas décadas de atuação, o Projeto Vida evidencia que a promoção da saúde transcende intervenções técnicas, constituindo-se como um processo contínuo de construção de vínculos, fortalecimento da autonomia e valorização da vida. Ao integrar ensino, pesquisa e extensão em uma perspectiva multiprofissional, o projeto reafirma que ciência, sensibilidade e compromisso social são dimensões indissociáveis na construção do cuidado integral e na formação de profissionais mais humanos, críticos e comprometidos com a realidade das pessoas.

Figura 1: Movimento, descontração e qualidade de vida na terceira idade



Fonte: Arquivo próprio (2026). Imagem melhorada por inteligência artificial (Google Gemini).

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO

• Sobre os encontros que nos transformam

Existem encontros que permanecem apenas na memória. Outros, porém, transformam, silenciosamente, a maneira como percebemos o mundo, o sofrimento, a esperança e a própria vida. São encontros que ultrapassam a casualidade, constroem vínculos, despertam novas formas de compreender o outro e, inevitavelmente, modificam também quem se dispõe a caminhar ao seu lado. No Projeto Vida, esses encontros acontecem diariamente. Eles se estabelecem entre mulheres que compartilham experiências semelhantes, entre estudantes que descobrem o significado do cuidado para além das salas de aula, entre profissionais de diferentes áreas que constroem saberes de forma colaborativa e entre todos aqueles que compreendem que o processo de cuidar é, antes de tudo, uma experiência profundamente humana.

Cada história compartilhada amplia perspectivas, desafia certezas e evidencia que o adoecimento não define a identidade de uma pessoa. Ao contrário, revela capacidades, frequentemente, desconhecidas de adaptação, resiliência, solidariedade e reconstrução. Nesse contexto, o cuidado deixa de representar apenas uma prática assistencial para tornar-se uma experiência coletiva de acolhimento, aprendizagem e transformação. É nesse cenário que o Projeto Vida desenvolve suas ações, consolidando-se ao longo de mais de duas décadas como um espaço onde ciência, sensibilidade e compromisso social caminham de forma indissociável. Mais do que promover intervenções voltadas à saúde, o projeto favorece a construção de vínculos capazes de fortalecer a autonomia, estimular o pertencimento e produzir mudanças que ultrapassam o contexto do tratamento oncológico.

Figura 2: Momento de alegria e cumplicidade entre gerações



Fonte: Arquivo próprio (2026).

• Entre a dor e a luz: caminhos de cuidado, fé e transformação

Ao longo de mais de duas décadas de atuação, o Projeto Vida reuniu experiências que, ao se entrelaçarem, constituíram uma trajetória marcada por intensos processos de aprendizagem, acolhimento e transformação. Desde sua concepção, buscou consolidar um ambiente em que o cuidado fosse orientado pela intencionalidade, pela sensibilidade e pelo compromisso com a vida, favorecendo a construção da esperança, da serenidade e de vínculos fundamentados no respeito, na solidariedade e na confiança.

Essa caminhada revela dimensões profundas da condição humana. Gestos de generosidade, altruísmo e compaixão convivem com experiências de dor, limitações, perdas e incertezas que desafiam a compreensão. Ainda

assim, mesmo diante das adversidades, emergem manifestações de coragem, esperança e superação, expressas em atitudes, palavras e sorrisos que atribuem novos significados ao viver.

A convivência estabelecida entre participantes, estudantes, professores e profissionais amplia as formas de compreender o cuidado e a própria existência. A escuta torna-se mais sensível e atenta, ultrapassando a dimensão das palavras para reconhecer, nos silêncios, nos gestos e nos olhares, narrativas que, muitas vezes, não conseguem ser verbalizadas. Assim, compreende-se que o cuidado, frequentemente, manifesta-se em dimensões que transcendem a materialidade das intervenções em saúde, alcançando aspectos subjetivos, afetivos e espirituais da experiência humana.

Com o passar do tempo, revela-se também a profundidade do ciclo da vida. Algumas participantes já não permanecem, fisicamente, entre nós, mas continuam presentes na memória coletiva do projeto, nas histórias compartilhadas e nas marcas que deixaram ao longo de sua caminhada. Suas trajetórias seguem inspirando outras mulheres e todos aqueles que tiveram o privilégio de compartilhar parte desse percurso. A consciência da finitude confere novo significado aos encontros, reforçando o valor da presença, da convivência e da construção de memórias que permanecem vivas para além da ausência.

O adoecimento por câncer de mama mobiliza dimensões complexas da existência, envolvendo aspectos físicos, emocionais, sociais e espirituais. Medos, inseguranças, alterações na imagem corporal e incertezas quanto ao futuro repercutem, diretamente, na autoestima, no autoconceito e nas relações interpessoais. Cada mulher vivencia esse processo de maneira singular, mobilizando diferentes estratégias de enfrentamento, que precisam ser reconhecidas, acolhidas e respeitadas em sua individualidade.

Diante dessa complexidade, o tratamento médico constitui prioridade absoluta e fundamento indispensável para o cuidado. Entretanto, reconhece-se que a atenção integral à pessoa com câncer de mama também requer estratégias complementares voltadas à promoção da saúde, da qualidade de vida e do bem-estar, sempre em consonância com as recomendações clínicas e com as necessidades individuais de cada participante.

É nesse contexto que o Projeto Vida organiza suas ações. Por meio de encontros regulares realizados no Laboratório do Exercício da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), desenvolvem-se programas sistematizados de exercícios físicos que incluem treinamento aeróbico, fortalecimento muscular, exercícios de flexibilidade, dança e atividades recreativas, com ênfase na reabilitação funcional, na promoção da saúde e na melhoria do condicionamento físico e emocional.

As ações, entretanto, não se restringem ao ambiente universitário. O acompanhamento psicológico, os encontros voltados à espiritualidade, as visitas domiciliares, as caminhadas orientadas, os momentos de integração e outras iniciativas direcionadas ao bem-estar ampliam o alcance das intervenções. Essas atividades são viabilizadas por meio de parcerias institucionais, do apoio da APROVIDA (Amigas do Projeto Vida) e da atuação integrada de uma equipe multiprofissional comprometida com a atenção integral às participantes.

Ao integrar ciência, acolhimento, espiritualidade e compromisso social, o Projeto Vida consolida-se como um espaço de cuidado ampliado, no qual diferentes dimensões da existência são reconhecidas e valorizadas. Suas ações ultrapassam os limites do tratamento da doença e alcançam aspectos emocionais, sociais e espirituais da experiência do adoecimento, promovendo fortalecimento, pertencimento e qualidade de vida.

Mais do que um conjunto de intervenções, o Projeto Vida constitui um ambiente em que cada encontro reafirma o valor da vida, da esperança e da capacidade humana de reconstruir caminhos diante das adversidades. Nesse percurso, compreende-se que a verdadeira transformação não se manifesta apenas na recuperação física, mas, também, na reconstrução dos vínculos, dos sentidos e da confiança na vida. Afinal, quando o cuidado é compartilhado, a esperança deixa de ser apenas um sentimento para tornar-se uma experiência vivida coletivamente.

Foi entre a dor e a esperança que encontrei a beleza da vida. Na aparente fragilidade, reconheci uma força extraordinária; em cada história, um novo motivo para seguir em frente (Maria Dionízia Afonso Souza, participante do Projeto Vida).

Figura 3: Alegria e vitalidade em movimento

Fonte: Arquivo próprio (2026).

• Pilares científicos

O Projeto Vida fundamenta-se em um modelo de cuidado integral em oncologia, alinhado às evidências científicas contemporâneas que reconhecem o exercício físico como componente essencial do cuidado à pessoa com câncer. Nas últimas décadas, a produção científica tem demonstrado, de forma consistente, que a prática regular e supervisionada de exercícios físicos proporciona benefícios significativos durante e após o tratamento oncológico, repercutindo, positivamente, sobre a capacidade funcional, a qualidade de vida e diversos desfechos clínicos (Schmitz *et al.*, 2019).

As diretrizes mais recentes da American Society of Clinical Oncology (ASCO) reforçam que o exercício físico deve ser incorporado ao cuidado oncológico como uma estratégia segura, eficaz e baseada em evidências, contribuindo para a melhora da capacidade funcional, redução da fadiga relacionada ao câncer, atenuação dos efeitos adversos dos tratamentos, preservação da aptidão física e promoção da qualidade de vida (Ligibel *et al.*, 2022). Além disso, estudos de elevada qualidade metodológica demonstram

seu potencial para reduzir o risco de recorrência em alguns tipos de câncer e favorecer melhores desfechos clínicos a longo prazo, consolidando o exercício físico como uma intervenção indispensável na oncologia moderna (Campbell *et al.*, 2019).

O fortalecimento dessas recomendações tem sido continuamente evidenciado no *Annual Meeting* da ASCO, considerado o mais importante congresso científico mundial em oncologia. Nas edições mais recentes, estudos multicêntricos apresentados no evento demonstraram que programas estruturados de exercício físico estão associados à redução da fadiga relacionada ao câncer, à preservação da capacidade funcional, ao melhor controle de sintomas, ao aumento da adesão aos tratamentos antineoplásicos e à melhoria da qualidade de vida. Esses achados reforçam que o exercício físico deixou de ser compreendido apenas como uma medida complementar, passando a integrar, de forma definitiva, as estratégias contemporâneas de cuidado oncológico centrado na pessoa.

De forma convergente, as diretrizes do *American College of Sports Medicine* (ACSM) estabelecem que a prática de exercícios físicos em populações clínicas deve ser compreendida como parte integrante de um modelo ampliado de cuidado. Nesse modelo, a atuação de uma rede multiprofissional estruturada exerce papel fundamental na promoção da adesão, na manutenção da continuidade das intervenções e na potencialização dos resultados em saúde. Assim, o exercício físico ultrapassa sua dimensão, estritamente, biológica, articulando benefícios físicos, emocionais, funcionais e sociais ao longo do processo de cuidado (ACSM, 2021).

No contexto brasileiro, o Ministério da Saúde também reconhece a atividade física como um dos pilares da promoção da saúde e da prevenção e controle das doenças crônicas não transmissíveis, incluindo o câncer. As recomendações nacionais enfatizam que sua prática deve ser regular, individualizada e adaptada às condições clínicas de cada pessoa, especialmente, em populações com necessidades específicas, como sobreviventes do câncer (Brasil, 2021).

Em consonância com esse conjunto de evidências, o Projeto Vida adota o exercício físico sistematizado como eixo estruturante de suas ações. Os programas são desenvolvidos por equipe multiprofissional e contemplam

treinamento aeróbico, exercícios de fortalecimento muscular, flexibilidade, mobilidade, equilíbrio, dança e atividades recreativas, organizados de forma individualizada e fundamentados nos princípios da reabilitação oncológica contemporânea. Essas intervenções integram-se às demais áreas de atuação do projeto, promovendo um cuidado contínuo, interdisciplinar e centrado na pessoa, com o objetivo de favorecer a recuperação funcional, reduzir os impactos físicos e emocionais do tratamento, estimular a autonomia e contribuir para a melhoria da qualidade de vida das participantes.

Dessa forma, o Projeto Vida traduz para a prática assistencial as recomendações das principais organizações científicas nacionais e internacionais, consolidando um modelo de atenção que integra ciência, exercício físico, atuação multiprofissional e cuidado humanizado. Ao alinhar suas ações às melhores evidências disponíveis, reafirma seu compromisso com uma assistência segura, efetiva e baseada em evidências, na qual o movimento representa não apenas um recurso terapêutico, mas, também, uma expressão de autonomia, esperança e reconstrução da vida.

Figura 4: Cuidando do corpo e da mente



Fonte: Arquivo próprio (2026). Imagem melhorada por inteligência artificial (Google Gemini).

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E IMPACTOS SOCIAIS

• Modelo de cuidado e organização das atividades

O Projeto Vida foi criado em 2005, como uma iniciativa de extensão da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), vinculada ao Departamento de Educação Física e do Desporto, com o propósito de oferecer atenção integral a mulheres em tratamento e pós-tratamento do câncer de mama. Em seus primeiros anos, suas atividades estiveram voltadas à integração entre ensino, pesquisa e assistência, possibilitando a construção das bases científicas e metodológicas que sustentam sua atuação. Em 2008, por meio da Resolução CEPEX nº 245/2008, foi institucionalizado como projeto de extensão universitária, ampliando sua inserção junto à comunidade e fortalecendo seu compromisso com a formação acadêmica, a produção do conhecimento e a responsabilidade social.

Ao longo de sua trajetória, consolidou-se como um modelo interdisciplinar de atenção em oncologia, fundamentado na promoção da saúde, na prevenção de agravos, na reabilitação e na melhoria da qualidade de vida. Sua proposta reconhece a complexidade do processo de adoecimento e compreende que o cuidado deve contemplar, de forma integrada, as dimensões biológica, funcional, psicológica, social e espiritual da experiência humana.

A atuação do projeto desenvolve-se por meio de uma abordagem multiprofissional e interdisciplinar, reunindo profissionais, docentes, pesquisadores, residentes, acadêmicos e voluntários de diferentes áreas do conhecimento na construção de um cuidado ampliado e centrado nas necessidades das participantes. Nesse contexto, o exercício físico sistematizado constitui o eixo estruturante das intervenções, contribuindo para a reabilitação funcional, a redução dos efeitos adversos do tratamento, a melhoria da capacidade física e a promoção da qualidade de vida.

As atividades são realizadas regularmente às terças e quintas-feiras, das 7h30 às 9h30, no Laboratório do Exercício (LABEX) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Esse ambiente oferece condições adequadas para o desenvolvimento de intervenções seguras, individualizadas e fundamentadas nas necessidades clínicas e funcionais de cada participante.

Os programas contemplam treinamento aeróbico, fortalecimento muscular, exercícios de flexibilidade, mobilidade, equilíbrio, coordenação motora, dança e atividades recreativas, organizados de acordo com princípios científicos da prescrição do exercício e adaptados às condições clínicas de cada mulher. O acompanhamento sistemático possibilita monitorar a evolução funcional, favorecendo ganhos na capacidade física, na autonomia e na realização das atividades da vida diária.

De forma integrada, o Projeto Vida incorpora diferentes frentes de atenção à saúde, oferecendo acompanhamento nutricional, apoio psicológico, fisioterapia, assistência odontológica, acompanhamento oftalmológico e práticas integrativas e complementares, como acupuntura e dançaterapia. Essa articulação amplia o alcance das intervenções, promovendo um cuidado que ultrapassa a dimensão física do tratamento e contempla o bem-estar em sua integralidade.

Além das ações assistenciais, o projeto fortalece, permanentemente, a articulação entre extensão universitária, ensino e produção científica. Diversas pesquisas desenvolvidas no âmbito do Projeto Vida têm contribuído para o avanço do conhecimento em áreas como exercício físico em oncologia, qualidade de vida, genética do câncer, epidemiologia, saúde coletiva e reabilitação. Destacam-se, entre essas iniciativas, investigações relacionadas às mutações em genes supressores tumorais, como o TP53, e em genes associados à predisposição hereditária ao câncer de mama, como o BRCA2, ampliando a compreensão sobre fatores genéticos envolvidos na doença e contribuindo para estratégias futuras de prevenção, diagnóstico e cuidado.

O Projeto Vida também reconhece que o enfrentamento do câncer envolve dimensões emocionais, sociais e espirituais. Por essa razão, desenvolve iniciativas como o Café com Fé, encontros comemorativos em datas especiais, o Dia de Rainha, atividades de educação em saúde, palestras conduzidas por especialistas de diferentes áreas, visitas domiciliares e ações voltadas ao fortalecimento da autoestima e do sentimento de pertencimento. Essas estratégias complementam o cuidado clínico e favorecem a construção de vínculos duradouros entre participantes, familiares, profissionais e estudantes.

Essa diversidade de ações fortalece a rede de apoio social e transforma o Projeto Vida em um espaço permanente de convivência, aprendizagem, formação profissional e produção de conhecimento. Ao integrar assistência, ensino, pesquisa e extensão em uma perspectiva multiprofissional, o projeto reafirma seu compromisso com um cuidado humanizado, cientificamente, fundamentado e, socialmente, comprometido.

Nessa perspectiva, o Projeto Vida consolida-se como uma iniciativa alinhada às principais recomendações nacionais e internacionais para o cuidado integral em oncologia. Ao articular ciência, inovação, humanização e compromisso social, promove benefícios que ultrapassam a esfera clínica, favorecendo o fortalecimento físico, emocional, social e espiritual, a autonomia, o sentimento de pertencimento e a melhoria da qualidade de vida das mulheres acompanhadas. Mais do que um programa de extensão universitária, constitui um modelo de atenção que demonstra como a integração entre conhecimento científico e sensibilidade humana pode transformar vidas.

Figura 5: Atividade física coletiva do Projeto Vida



Fonte: Arquivo próprio (2026).

• Equipe multiprofissional: ciência, formação e compromisso social

A construção do Projeto Vida fundamenta-se em um trabalho coletivo, estruturado pela integração entre ensino, pesquisa, extensão universitária e assistência em saúde. Desde sua criação, o projeto consolidou-se como um espaço no qual diferentes saberes dialogam, de forma permanente, permitindo que profissionais, docentes e acadêmicos atuem de maneira colaborativa na promoção do cuidado integral às mulheres acompanhadas.

Atualmente, a equipe é composta por três acadêmicos bolsistas de extensão (PIEX-PREX – 01/2026) e nove acadêmicos bolsistas de iniciação científica (PIBIC/FAPEMIG – PRP e PROINIC – PRP), vinculados aos cursos de Educação Física, Odontologia, Medicina, Biologia e Sistemas de Informação, além de 5 professores do Departamento de Educação Física e do Desporto da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), responsáveis pela coordenação, supervisão e desenvolvimento das atividades acadêmicas, assistenciais e científicas do projeto.

Somam-se, a esse grupo, profissionais de diferentes áreas da saúde que atuam de forma interdisciplinar, ampliando o alcance das intervenções e fortalecendo um modelo de cuidado centrado nas necessidades das participantes. Essa composição multiprofissional favorece o compartilhamento de conhecimentos e experiências, permitindo que diferentes perspectivas dialoguem na construção de estratégias integradas de promoção da saúde, reabilitação e acompanhamento contínuo.

A participação dos acadêmicos representa um dos principais diferenciais do Projeto Vida. Inseridos em um ambiente de aprendizagem baseado em situações reais de cuidado, desenvolvem competências técnicas, científicas, éticas e relacionais que, dificilmente, poderiam ser, plenamente, construídas apenas em sala de aula. A convivência com mulheres em tratamento e pós-tratamento do câncer de mama favorece a integração entre teoria e prática, estimula o pensamento crítico e fortalece uma formação comprometida com os princípios da humanização, da integralidade e da responsabilidade social.

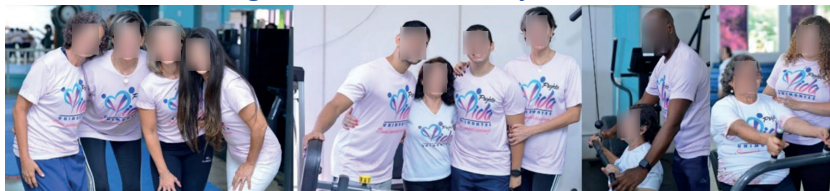
Ao mesmo tempo, a articulação entre extensão universitária e iniciação científica cria oportunidades para o desenvolvimento de pesquisas

voltadas ao aprimoramento da atenção oncológica. Essa integração fortalece a produção do conhecimento, incentiva a formação de novos pesquisadores e permite que as experiências vivenciadas no projeto sejam, continuamente, transformadas em evidências científicas capazes de qualificar a assistência e subsidiar novas práticas em saúde.

A diversidade de formações, experiências e trajetórias acadêmicas constitui um dos pilares do Projeto Vida. O compromisso compartilhado entre professores, profissionais e estudantes evidencia que a construção do cuidado ultrapassa competências individuais, tornando-se um processo coletivo fundamentado na cooperação, no respeito e na responsabilidade ética. Mais do que uma equipe de trabalho, o Projeto Vida reúne pessoas comprometidas com um propósito comum: transformar conhecimento em cuidado e cuidado em conhecimento. Essa relação dinâmica fortalece, simultaneamente, a formação acadêmica, a produção científica e a assistência às participantes, demonstrando que ensino, pesquisa e extensão se tornam mais potentes quando desenvolvidos de forma indissociável.

Dessa forma, o Projeto Vida consolida-se como um espaço de excelência na formação profissional, na produção científica e na atenção integral à saúde. O trabalho articulado de professores, acadêmicos e profissionais de diferentes áreas assegura a continuidade, a qualidade e a relevância social do projeto, reafirmando seu compromisso institucional com a ciência, a educação e a promoção da vida.

Figura 6: Membros do Projeto Vida



Fonte: Arquivo próprio (2026).

O Projeto Vida realiza encontros regulares na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), atendendo, diretamente, em média, 45 mulheres por sessão. Além das atividades presenciais desenvolvidas no Laboratório

do Exercício (LABEX), aproximadamente, 102 mulheres encontram-se cadastradas no projeto e participam das diferentes ações voltadas à promoção da saúde, à reabilitação e ao cuidado integral.

Desde sua criação, o Projeto Vida caracteriza-se por ser uma iniciativa gratuita e aberta à comunidade, reafirmando o compromisso social da Universidade Estadual de Montes Claros com a promoção da saúde e o acolhimento das mulheres acometidas pelo câncer de mama. Ao longo de sua trajetória, a universidade mantém suas portas, permanentemente, abertas para receber mulheres em tratamento ou em acompanhamento pós-tratamento, oferecendo um ambiente de escuta, respeito, convivência e cuidado humanizado.

A participação nas atividades físicas requer a apresentação de atestado médico emitido pelo oncologista responsável, autorizando a prática de exercícios físicos. Quando houver comorbidades associadas, especialmente, de natureza cardiovascular, também é solicitada avaliação e liberação por cardiologista, assegurando que todas as intervenções sejam realizadas de forma segura, individualizada e compatível com as condições clínicas de cada participante.

Todas as ações desenvolvidas no Projeto Vida são pautadas pelos princípios da segurança clínica, da ética profissional, do respeito à individualidade e da promoção da saúde, buscando proporcionar um ambiente acolhedor, inclusivo e comprometido com a melhoria da qualidade de vida das participantes.

Mais do que uma extensão universitária, o Projeto Vida representa o compromisso permanente da Unimontes com a comunidade, transformando a universidade em um espaço de acolhimento, cuidado, aprendizagem e esperança. Ao longo de mais de duas décadas, centenas de mulheres encontraram no projeto não apenas acompanhamento multiprofissional, mas, também, uma rede de apoio capaz de fortalecer vínculos, promover autonomia e reafirmar que a universidade pública pode exercer um papel decisivo na transformação da vida das pessoas.

Informações adicionais podem ser obtidas junto à Coordenação do Projeto Vida, vinculada ao Departamento de Educação Física e do Desporto da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

Figura 7: Membros e participantes do Projeto Vida



Fonte: Arquivo próprio (2026).

No campo da formação, o Projeto Vida destaca-se por integrar acadêmicos, professores e profissionais de diferentes áreas em um ambiente de aprendizagem fundamentado na prática, na interdisciplinaridade e no compromisso social. Essa experiência fortalece a articulação entre teoria e prática, favorecendo a formação de profissionais, tecnicamente, qualificados, eticamente, comprometidos e sensíveis às múltiplas dimensões do cuidado em saúde.

Ao mesmo tempo, as experiências vivenciadas pelas participantes demonstram que o enfrentamento do câncer ultrapassa os limites do tratamento da doença. Para muitas mulheres, o Projeto Vida representa um espaço de acolhimento, pertencimento e fortalecimento, no qual vínculos são construídos, trajetórias são ressignificadas e novos projetos de vida tornam-se possíveis. Essa rede de apoio, alicerçada na integração entre assistência, ciência e relações humanas, contribui para promover autonomia, esperança e qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o Projeto Vida evidencia o potencial transformador da extensão universitária quando sustentada por rigor científico, atuação multiprofissional e compromisso com a comunidade. Ao integrar cuidado, formação acadêmica e produção de conhecimento, reafirma que a

universidade pública pode constituir um espaço privilegiado de promoção da saúde, desenvolvimento humano e transformação social. Mais do que desenvolver ações assistenciais, o Projeto Vida demonstra que o encontro entre ciência e sensibilidade é capaz de produzir conhecimento, fortalecer pessoas e transformar vidas.

Figura 8: Momento em uma atividade do Projeto Vida



Fonte: Arquivo próprio (2026).

“Quando recebi o diagnóstico, pensei que minha vida tinha parado. Hoje compreendo que ela apenas tomou um novo rumo. No Projeto Vida, encontrei muito mais do que exercícios ou atendimento: encontrei acolhimento, amizades, esperança e forças para continuar. Minha fé me sustentou, Deus caminhou comigo em cada etapa, e a Unimontes abriu suas portas para que eu redescobrisse que ainda era possível sorrir, sonhar e viver. Minha gratidão será eterna ao Projeto Vida, à Universidade e a cada pessoa que fez parte da minha caminhada. O câncer mudou a minha história, mas o amor, o cuidado e a esperança escreveram um final muito mais bonito do que eu poderia imaginar” - Lizete Moura (participante do Projeto Vida).

Figura 9: E ela... floresce



Fonte: Arquivo próprio (2026).

REFERÊNCIAS

AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE. *ACSM's guidelines for exercise testing and prescription*. 11. ed. Philadelphia: Wolters Kluwer, 2021.

AMERICAN SOCIETY OF CLINICAL ONCOLOGY. *2025 ASCO Annual Meeting*. Chicago, IL, USA, 2025.

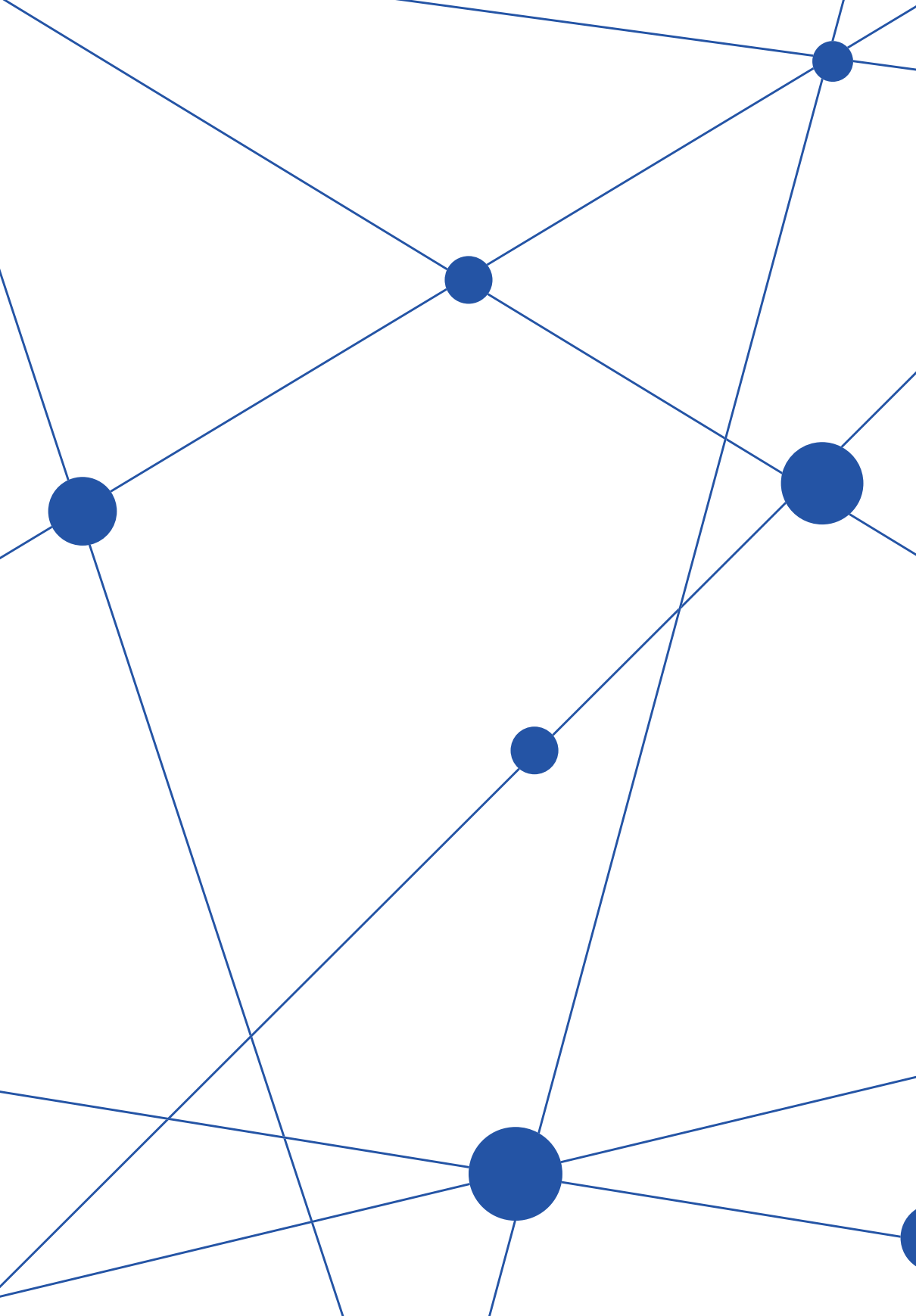
AMERICAN SOCIETY OF CLINICAL ONCOLOGY. *Exercise, diet, and weight management during cancer treatment: ASCO guideline update*. Alexandria, VA: American Society of Clinical Oncology, 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Guia de atividade física para a população brasileira*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021.

CAMPBELL, K. L. *et al.* Exercise guidelines for cancer survivors: consensus statement from an international multidisciplinary roundtable. *Medicine & Science in Sports & Exercise*, v. 51, n. 11, p. 2375–2390, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1249/MSS.0000000000002116>.

LIGIBEL, J. A. *et al.* Exercise, diet, and weight management during cancer treatment: ASCO guideline. *Journal of Clinical Oncology*, v. 40, n. 22, p. 2491–2507, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1200/JCO.22.00687>.

SCHMITZ, K. H. *et al.* Exercise is medicine in oncology: engaging clinicians to help patients move through cancer. *CA: A Cancer Journal for Clinicians*, v. 69, n. 6, p. 468–484, 2019. DOI: <https://doi.org/10.3322/caac.21579>.



(IN)SERTO, UMA EXPERIÊNCIA TRANSVIADA (NARRADA A NOVE VOZES)

Virginia Santos¹

Renan Nascimento²

Jojo Rodrigues³

Tim Loyákejù⁴

Albert Kelvin⁵

Luiz Fukushiro⁶

Daliana Antonio⁷

Marcelo Brito⁸

Rafael Baioni⁹

1 Graduada em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

2 Mestre em História pelo Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

3 Doutora em Microbiologia Agrícola pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

4 Licenciado em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

5 Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

6 Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP).

7 Docente efetiva do Departamento de Políticas e Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

8 Docente efetivo do Departamento de Direito Público Substantivo da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

9 Docente efetivo do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

INTRODUÇÃO

Transviar é atravessar vias. Muito antes do caminho dos tropeiros e, depois, das rodovias de asfalto, o cerrado já era esse lugar aberto de muita riqueza e múltiplas possibilidades. A experiência que vamos contar aqui é a de um grupo de pessoas que tentou, não apenas na universidade, mas em suas vidas, resgatar e inventar essa outra ideia de Sertão, um sertão “inserto”, rizomático, diriam Deleuze e Guattari (1995; 2010), onde as vias capitalistas e edipianas de gênero, sexualidade, raça e muitas outras, se tornam móveis, instáveis e criativas. Por onde só cabiam suor, transpiração e reprodução, ousamos respirar e nos inspirar.

O (In)Serto, cujo nome oficial é (In)Serto – Núcleo pela Diversidade Sexual e de Gênero, é um projeto de extensão da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), oficialmente criado pela Resolução n.º 199 do Cepex, de 13 de dezembro de 2017. O ato escrito, porém, não marca o momento de origem, que remonta, pelo menos, ao ano anterior. Desde o início, o projeto já agregava muitas vontades, e seria uma tarefa enorme buscar na memória e refazer na escrita todos esses múltiplos caminhos.

Acontece frequentemente que tarefas dessa monta sejam deixadas para um amanhã que nunca chega. Para evitar isso, escolhemos trazer aqui apenas o começo dessa história pelas palavras de algumas de suas personagens: Virginia Santos, Renan Nascimento, Jojo Rodrigues, Tim Loyákejú e Albert Kelvin, estudantes da graduação, na época, que assentaram a fundação ou estavam entre as primeiras pessoas a levantar uma paredezinha de terra batida de nosso sonho “inserto”. Luiz Fukushiro, na época estudante de doutorado, mas não institucionalmente ligado à Unimontes, e sim pessoalmente a Rafael Baioni, nos conta um pouco da história gráfica, artística e criativa do grupo por meio de seu olhar, tanto de autor como de mediador da identidade visual, em elementos como o logotipo e os cartazes de eventos de nossos primeiros anos, assim como de nossa performance de estreia.

Nove vozes retomam aqui o começo da história do (In)Serto, em um exercício de memória realizado nove anos depois. É interessante observar como no próprio tom de cada depoimento se pode sentir a polifonia intrínseca

do grupo, que mistura linguagem urbana, acadêmica e digital. É importante ter em mente que a memória é uma reconstrução seletiva, aumentada, editada e atravessada por uma lente individual, o que se mostra quando um mesmo evento aparece em depoimentos diferentes.

Já nós três aqui nos autointitulamos “coordenação inserta”, dividindo a missão de manter o (In)Serto vivo e constante, sabendo que a universidade é um lugar de passagem para muitas pessoas que integraram e integrarão o grupo. Algumas vezes, essas pessoas voltam, em outros cursos, na pós-graduação ou por outras modalidades de participação. Na maioria das vezes, não voltam. Mas deixam suas marcas. E levam sempre algo de “inserto” consigo.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO

O Projeto de Extensão (In)Serto – Núcleo pela Diversidade Sexual e de Gênero tem por alicerce a relação entre estudantes e professores, voltando-se ao estudo das questões de gênero e sexualidade. O (In)Serto consolidou-se como um espaço interdisciplinar e uma referência regional em diversidade sexual e identidade de gênero, articulando os três pilares universitários: ensino, pesquisa e extensão.

O nome (In)Serto, escrito com “S”, em referência ao sertão, inscreve no próprio nome o pertencimento e a crítica à imagem estereotipada da cultura sertaneja, frequentemente atravessada pelo machismo, pelo conservadorismo e pela heteronormatividade, para afirmar que o sertão também é lugar de desejos, de vidas, de corpos, de resistência e de existência LGBTQIAPN+.

(In)Serto também evoca a palavra “incerto”, como um sentido do indeterminado, da liberdade, da recusa de um destino social previamente traçado, da multiplicidade das experiências e da fluidez das identidades. “Inserto”, aqui, foge da gramática tradicional, pois nem tudo o que é chamado de certo o é de fato.

No campo do ensino, o núcleo se orienta para estudar e difundir os conhecimentos sobre gênero e sexualidade. No campo da pesquisa, busca apoiar e desenvolver investigações científicas sobre essa temática, servindo como referência de interlocução e fomento intelectual. No âmbito

da extensão universitária, o (In)Serto se faz presença concreta na realidade cotidiana dos acadêmicos e em seu entorno, promovendo eventos, oficinas, sessões de cinema e outras atividades extensionistas que aproximam reflexão e experiência, teoria e vida, universidade e comunidade.

Nessa tessitura, o (In)Serto segue fazendo do sertão um espaço de invenção e da universidade uma casa de passagem, mas também um espaço de permanência, de escuta e de transformação.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E IMPACTOS SOCIAIS: VOZES EM TRAVESSIA PELO (IN)SERTO

Virginia Santos

Quando Rafa veio até mim e solicitou que eu escrevesse um texto de retrospectiva do (In)Serto, respondi que esse texto já existia. O texto foi originalmente publicado em meu blog pessoal no ano de 2021, sob o título *No Rest for the Wicked* — “Não há descanso para os ímpios”. Sempre achei essa frase, de origem bíblica, bonita, e acredito que sua escolha ilustra muito bem um processo característico da teoria e práxis feminista-queer: o da inversão performativa. Reivindiquei para mim, e para todas as pessoas envolvidas nesta narrativa, o lugar da perversão e brinquei com a noção de castigo e sofrimento eterno. Escrevi não como uma das fundadoras do (In)Serto que tinha um plano para seu texto, mas como quem explorou, com afeto, a auto-ficção enquanto uma prática de si queer.

O texto, como meu gênero, não permaneceu preso a uma certa temporalidade, espacialidade e destino; em vez disso, encontrou um lugar aqui. Espero que, ao ser lida, vejam que o eterno trabalho ao qual me refiro foi muito mais do que sofrimento. Como perversa, tenho orgulho. Celebro, com as outras vozes aqui reunidas, a nossa missão iniciada há quase dez anos: a de entortar a Unimontes.

Algum lugar do Norte de Minas, cerca de 2016. Estou sentada em frente ao Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual. Ao meu lado, tenho uma “sapatão” e melhor amiga à época — que depois

transicionaria comigo — e uma “bicha”. Eu não conseguiria explicar o que estava acontecendo em minha cabeça ali, mas eu me apresentava como “bissexual e não conformista de gênero”. Encaro as minhas amizades e, sem contexto, pergunto: “Vocês não acham que precisamos de um espaço para falar sobre essas... questões, militância, no campus?”

Essas palavras, as minhas primeiras para todos os efeitos, hoje estão guardadas no “arquivo-vivo” que é o meu corpo como o momento em que as nossas micropolíticas queer romperam o solo considerado infértil dos Sertões. A “bicha” tira uma agenda pessoal da mochila: sabia de quais questões eu estava falando. Erguendo o indicador como gesto para que esperássemos um segundo, começa, sem dizer nada, a folhear as páginas em busca de algo. O que encontrou foi um panfleto de um projeto de extensão em “homocultura” que era ativo na universidade anos antes. “Então isso já existiu”, penso. Embora essa afirmação precise ser feita com cautela para evitar anacronismos, não deixa de ser uma verdade dizer que isso sempre existiu, em todo lugar.

No dia seguinte, visitamos o arquivo de monografias do curso de Ciências Sociais em busca de uma etnografia sobre a “população LGBT” daqui. Não faço ideia agora, enquanto estilizo e contesto essas memórias, de como essa informação chegou até nós. O fato é que a monografia existia mesmo. Lemos coletivamente a história dos “territórios homossexuais” da cidade. O grupo apresentado no panfleto era parte dessa história. Procuramos saber o que aconteceu com essas pessoas e fomos informadas de que o grupo chegou ao seu fim quando um dos três professores responsáveis por sua coordenação se desligou da Unimontes. Mas não era o fim — esse legado chegou em nossas mãos.

Devorando a “homocultura” que encontramos ali, apodrecida, o próximo passo era criar um produto dessa digestão, e que fosse “mais-que-homo”. Lembro-me de sair andando, no sol quente (o sol é sempre muito quente aqui), de prédio em prédio do campus, acompanhada por colegas e por uma folha de caderno na qual iríamos anotar os nomes de todas as bichas, sapas e pessoas trans do campus. Lembro disso com um ar cômico e costumo pensar que era uma espécie de “iniciativa Avengers” queer.

Quarenta nomes na lista. Quarenta corpos que foram quase agressivamente abordados por nós com a interpelação:

— Você é gay? Lésbica? Bissexual? Trans? Você quer fazer parte disso?

Naquela época, não encontramos outra estratégia que não fosse, sem querer, causar um segundo *coming out* em massa de minorias sexuais que frequentavam a universidade. Talvez não fosse o ideal, mas vejam os quarenta itens com números de celular.

Algum tempo depois, não existiam mais quarenta nomes. Restava meia dúzia. A mesma pessoa que fazia a proposta de um evento tinha que fazer a arte de divulgação, implorar para usar a impressora de algum departamento e falar na frente de trinta indivíduos, dos quais quinze pareciam querer nos matar. Não vão nos matar agora, então seguimos em frente. A essa altura, havíamos deixado de operar com o nome do antigo grupo e usávamos o nosso próprio. Esbanjávamos uma camiseta com uma arte que compramos de um artista não binário que eu tinha no Facebook. Éramos conhecidas nas redondezas como as “pós-modernas”, mas não tínhamos tempo para essas bobagens. A agenda queer é lotada.

Na segunda-feira, andávamos com uma caixa muito feia de papelão, decorada com bandeiras, outros símbolos e alguns rostos de ativistas, e íamos até as salas dos professores exigindo que contribuíssem para a causa enfiando uma nota pelo burquinho. Era nosso irônico “caderno de ouro”. Nós vimos seus carros caros no estacionamento, então coloquem logo o dinheiro. Quem mais vai colocar?

Na terça-feira, distribuíamos mesas de inscrição pelos espaços de convivência de cada prédio, e com projetores contrabandeados dos departamentos lançávamos slides com informações sobre nossos simpósios nas paredes de tinta descascada. Dez ou quinze estudantes passavam a cada hora, oitenta por cento faziam uma análise silenciosa por alguns milésimos, identificavam os signos da abjeção, e davam as costas sem dizer nada, dez por cento chegavam perto para fazer perguntas com a voz de quem provavelmente só queria fofocar mais tarde sobre “os viados” que estavam perto da cantina. Os demais assinavam a ficha de inscrição.

Às quartas-feiras, tínhamos o nosso grupo de estudos: Butler, Foucault, Haraway, Wittig, Rubin. Começamos com os cânones do

pós-feminismo; até hoje sou grata por isso. Sempre aparecia alguém novo, e sempre voltávamos ao início desenhando gráficos da Matriz Heterossexual no quadro-negro. Era um ritmo quase geológico e muito repetitivo, mas jamais negávamos uma introdução a quem por qualquer motivo caísse ali e precisasse de uma dose da “suspeita de gênero”.

Na quinta-feira, batíamos às portas das salas de aula, pois sabíamos que seriam forçados a nos ouvir se o professor nos deixasse “dar um recado”. Normalmente, o mesmo professor que permitia a entrada se arrependia de imediato, assim que abríamos a boca. Explicávamos que éramos bichas e sapas transviadas, que o crepúsculo da heterossexualidade poderia ser observado a olho nu e que chegara a hora do comunismo somático. Fazíamos isso elaborando, em dez minutos, do que se tratava o “Q” da sigla. Os homens das turmas nos olhavam com cara de merda, alguns recusavam os panfletos e outros riam sem fazer esforço para disfarçar. As mulheres geralmente forçavam gentileza: “Vocês têm tanta coragem! Tenho um primo gay e acho muito importante falar sobre isso aqui”. Eram mais raras as vezes em que nossos olhos encontravam rostos semelhantes aos nossos. Alguns tinham a coragem de compartilhar o entusiasmo na cara de seus colegas de Medicina ou Direito — esses eram sempre os piores cursos.

Na sexta-feira, aconteciam os eventos. Convidávamos uma parcela cada vez maior de docentes que nos apoiavam e que tinham alguma pesquisa que se relacionasse com nosso *feminist work*. Mas só para os eventos mais elaborados. Sem quase nenhum apoio financeiro, era muito comum que apenas jogássemos uma das bichas num auditório para fazer um freestyle do “*Queer 101*”. Dois ou três membros do grupo, eu inclusa, podiam falar sobre uma possível revolução no sistema sexo/gênero sem precisar de notas. Às vezes, fazíamos festivais de filmes; às vezes, fazíamos oficinas de performance.

No fim de semana, comemorávamos. Um professor muito gentil e grande amigo, que estava entre nós como igual desde o início, cedia a casa para confraternizações. Bebíamos e comíamos. Essas festas nem sempre eram boas e muitas acabavam em brigas, mas quase ninguém deixava de ir. A realidade é que, “sobrecarregades” e jovens demais, não éramos doces e pacientes uns com os outros. Mas todo mundo ali ia dormir sabendo que

plantamos flores no sertão e que elas seriam regadas por gerações, ainda que pisem em nossos jardins.

Renan Nascimento¹⁰

A minha trajetória pessoal e acadêmica foi profundamente marcada pelo (In)Serto. Certamente me transformei em outra pessoa depois dele. Como um de seus fundadores, em 2016, vi-o nascer, desenvolver-se e amadurecer, acolhendo hoje novas gerações de estudantes e docentes (o que muito me orgulha), chegando a outras comunidades e desenvolvendo atividades que vão desde o estudo, a organização de eventos universitários e o apoio à pesquisa até a capacitação de trabalhadores/as e o diálogo com os movimentos sociais.

Voltado às desigualdades, violências, disputas e problemas que envolvem as dissidências sexuais e de gênero, o (In)Serto tem se mostrado fundamental para ampliar o imaginário norte-mineiro acerca do que significa “incluir”, “tolerar”, dos sentidos de “diversidade” e “diferença”, dos enquadramentos históricos e sociais do que se entende como “respeito” e “direitos”. Sua atuação visa, sobretudo, suscitar a reavaliação do incômodo, do estranhamento e da rejeição que a dissidência sexual e de gênero eventualmente gera nas pessoas, direcionando esse estranhamento para as normas culturais que dividem o mundo entre bem e mal, superior e inferior, certo e errado, normal e anormal. Afinal, quem definiu que algo é estranho? Quantas estranhezas não há em nós? Quem não é estranho ou estrangeiro para o outro?

Como fruto da educação básica pública de Brasília de Minas, uma pequena cidade próxima a Montes Claros, eu quase nunca tive espaços de apoio e diálogo sobre subjetividade, identidade, discriminação ou relações de poder. A tônica era reproduzir o que já era comum e aceitável, suportar a violência LGBTfóbica e não questioná-la. Quando entro no turno noturno do curso de História da Unimontes, logo nos primeiros períodos começo a me reconhecer nas trajetórias daqueles colegas, a refletir sobre meu corpo

10 Quando nos enviou seu relato, Renan o intitulou *A estranheza no sertão*.

no mundo, a indagar sobre os silêncios das ementas das disciplinas, além de questionar o autoritarismo e o disciplinamento tão naturalizados no cotidiano escolar. Naquele momento, eu ainda estranhava o ambiente universitário, mas ao mesmo tempo ficava admirado com a liberdade das pessoas, inclusive a liberdade de pensamento.

Coletivamente, colegas, estudantes de outros cursos e eu alimentamos a ideia de criar um coletivo para nos conectarmos, nos divertirmos, estudarmos e promovermos ações educativas sobre gênero e sexualidade. Nesse meio-tempo, eu me mudo para Montes Claros e passo a me dedicar mais a essa ideia. Criamos o nome do projeto e as redes sociais; passamos nas salas de aula de vários cursos; reunimos e debatemos a construção das imagens e dos primeiros eventos; selecionamos as primeiras leituras feministas, queer e pós-estruturalistas que faríamos. Lembro-me da dificuldade das primeiras leituras, dos termos em inglês, mas também do meu enorme interesse e da sensação de que algo estava mudando, a começar de dentro de mim.

Poucos meses antes, eu sofria com pressões e “piadas” heterocissexistas dentro do ônibus que me transportava de uma cidade a outra; agora, eu começava finalmente a questioná-las.

Éramos bastante diversos, com origens de classe, raça, religiosidade, identidades de gênero e sexualidades distintas, o que por vezes gerava desconforto e atritos. Mesmo assim, buscamos estranhar os discursos rasos (inclusive entre nós mesmos) e contrapor perspectivas ditas neutras, técnicas, liberais, essencialistas, higienistas e assimilacionistas, o que exigia de nós uma coragem persistente, uma criticidade aguçada e ao mesmo tempo uma sensibilidade diante das vulnerabilidades que vivíamos. Com a coordenação do professor Rafael Baioni e o apoio fundamental de docentes como Ivete Almeida, Mônica Amorim, Cláudia Maia, Heiberle Horácio, consolidamos nosso grupo de estudos e posteriormente, em 2017, fomos institucionalizados como projeto de extensão.

Nesse momento, já me entendendo e defendendo minha existência como um estudante dissidente — naquele momento gay, hoje como bicha não binária —, passo também a dialogar com a minha família, levar referências, incentivar a pesquisa científica e filosófica, buscando acima de tudo

sensibilizá-los para a dignidade dos/as sujeitos/as dissidentes e para as inúmeras lutas que travamos.

Não posso deixar de falar da força das amizades e relações que desenvolvemos. Talvez pela desconfiança (e até aversão) que tínhamos em relação aos pressupostos identitários, talvez pelas caras tortas e portas na cara que levamos, talvez ainda pela falta de recursos e de mais pessoas mobilizadas, nos apegamos a nós mesmos/as, resolvíamos as questões práticas e nos dividíamos para falar de linguagem, filosofia, biologia, sociologia, história, educação e saúde em duas horas (rsrs). Mas os momentos que mais me marcaram foram fora das salas de aula.

Lembro-me de me ver segurando os saltos de uma *drag queen* enquanto ela se montava para uma apresentação na calourada; de vestir um vestido pretinho lindo e ir para o RU com as amigas do (In)Serto para sermos a atenção do almoço; de ficar cantando na rampa do Centro de Ciências Humanas (CCH) com uma amiga; de assistir e comentar sobre *RuPaul's Drag Race* com outra; de ir para as mangueiras conversar sobre um livro ou sobre o futuro.

A maioria de nós era composta por estudantes pobres, sendo esses momentos fundamentais para o nosso reconhecimento, para a nossa conexão (não sem tensões) e mesmo para nossa alegria. Encontrar uma de nós pelo campus era como um respiro em meio a tantas tarefas, exigências e problemas. Carrego imenso carinho pelas risadas, pelos aprendizados, pelos choros, pelas curas e pelos cuidados que ofereci e recebi de pessoas amigas como Jojo, Virginia e Albert. Sem vocês eu não teria a força que tenho para lutar hoje!

Passamos a movimentar coletivamente a universidade com intervenções artísticas, saiaços, peças de teatro, protestos, deixando nossos rastros nos quatro cantos da Unimontes. Aos poucos, fomos também às paradas LGBTQ+ da cidade, às exposições literárias, a eventos de outras faculdades e universidades e grupos de reflexão de familiares de pessoas LGBTQ+. Conectamo-nos às urgências de letramento dos serviços de saúde, na educação, lazer e no mercado de trabalho, realizando, desde então, dezenas de minicursos, aulas, palestras, mesas-redondas, rodas de conversa.

Sinto que todas essas atividades de alguma forma nos amadureceram intelectualmente e nos fortaleceram para enfrentamentos, inclusive com docentes

e colegas. Lembro-me que defendemos repetidamente a importância da crítica e do combate à heterocisnorma, ao patriarcado e ao racismo para a construção de uma radical democracia, comprometida com a solidariedade, a justiça e os direitos humanos. Isso a partir dos pensamentos das margens e da estranheza.

A estranheza aqui é potência. A estranheza no sertão norte-mineiro, mais ainda. O (In)Serto me ensinou a estranhar aquilo que adoece, que oprime, que fixa, que subjuga, que desvaloriza, que retira de mim a capacidade de me indignar, de trocar afetos, de experimentar meu gênero, de me relacionar e de criar coisas. Ser estranho no (In)Serto me permitiu prosseguir nos estudos, fazer um mestrado e estar hoje no doutorado, pesquisando gênero e sexualidade.

Aprendi, nisso tudo, que somos várias na vida e que minha trajetória faz mais sentido quando acompanhada dos meus e das minhas, daqueles e daquelas que sentem na pele, no coração e na consciência algo do que passei. Daquelles e daquelas que me amam. Espero que muitas outras pessoas possam habitar a estranheza e se reinventar no (In)Serto também.

Jojo Rodrigues¹¹

Este relato conta a história de uma trans norte-mineira e sua jornada de autorreconhecimento, iniciada dentro de um grupo de estudos sobre gênero e sexualidade da maior universidade pública do Norte de Minas Gerais, uma região marcada pelo coronelismo, por práticas religiosas predominantemente cristãs e carência de representatividade de minorias em espaços elitizados. Aos 29 anos de idade, doutora em microbiologia agrícola e filha de um pai pedreiro analfabeto e de uma mãe auxiliar de serviços gerais, fico contente e emocionada por contar a minha história na certeza de que muitas “Jojos” que estão por vir, ao se depararem com este texto, vão sentir o leve e árduo sabor da vitória. Para isso, permitam-me uma apresentação apropriada.

11. Jojo intitulou seu relato de *A mulher trans que floresceu em mim: o convite mais “(In)Serto” da minha vida*.

Eu sou a Jojo Silva Rodrigues, tenho 29 anos, pele parda, cabelos cacheados e crespos, castanho-escuros, 1,80 m de altura que sustenta uma “bela raba” da qual tenho muito orgulho, pés um pouco tortinhos para dentro que trazem um charme ao andar da “gata”, mas que a afastam de uma vida de modelo. Sou filha caçula de João Rodrigues Pereira, um homem negro, com mais de 50 anos, e de Luzia Railda Ferreira da Silva Rodrigues, uma mulher negra de pele clara de cerca de 50 anos de idade com uma carinha de 30. Sou bióloga formada pela Unimontes, mestra em Biologia Celular e Estrutural e doutora em Microbiologia Agrícola pela Universidade Federal de Viçosa, com período sanduíche na *Queen’s University Belfast*. Sim! Teve trans latina estudando na Europa, sim.

Tenho muito orgulho de dizer que a história que vou contar não será pautada no sofrimento, na dor e na rejeição comuns à realidade da maioria das mulheres trans, principalmente no Brasil, o país que mais mata mulheres trans no mundo. Embora minha história seja marcada por muitas vitórias e aprendizados, não se engane: as lágrimas estiveram presentes em todos os momentos, pelas felicidades e pelas dificuldades a que fui exposta pelo simples fato de ser uma pessoa que não se reconheceu no gênero de nascimento imposto.

Quando tinha entre 16 e 17 anos, me formei no Ensino Médio em escola pública e rapidamente passei no vestibular seriado da Unimontes, no curso de Bacharelado em Biologia. No início, eu tinha o desejo de ser dentista e compartilhei-o com a minha mãe, que prontamente me lembrou que éramos pobres e não teríamos como arcar com os custos inerentes da faculdade de odontologia: mesmo que pública, os materiais são muito caros. Naquela época, o curso de biologia acabou sendo a melhor opção e mal sabia que iria me sentir tão feliz e apaixonada pelos encantos das ciências biológicas. Nesse período, 2014 se não me engano, já me entendia como uma “gay-zinha” afeminada, afinal, sempre fui uma criança “viada”. Gostaria de ter a felicidade de relatar que fui muito acolhida no seio familiar, mas, apesar de ter dito que esta é uma história de vitórias, há um limite quando falamos de uma família extremamente religiosa, conservadora, sem informação e cheia de expectativas a serem supridas por mim como um “futuro pai de família”. Como amo dizer: “Passo mal”.

Meu primeiro ano de faculdade foi marcado pela determinação e pela disciplina nos estudos, mas também pela perpetuação de crenças machistas, intolerantes e desrespeitosas que um berço católico, conservador e bitulado tem a oferecer.

Não me entendam mal: eu ainda sou católica e muito devota de Nossa Senhora, mas não sou cega a ponto de não perceber como a Igreja e os cristãos se utilizam de crenças religiosas para atacar, menosprezar, julgar e matar tudo aquilo que entendem como “escória”. Não é preciso ser culto ou detentor de grande inteligência para associar que a tal escória que tanto desprezam é a imagem mais viva de Jesus Cristo ressuscitado.

Entretanto, quem sou eu para julgar? Já estive nesse papel.

Apesar de já me aceitar como uma gay, as crenças religiosas deturpadas e a falta de representatividade não me permitiam entender que, na verdade, o que estava prestes a desabrochar era uma linda flor que um dia se chamaria Jojo.

No quinto período, estava na cantina do prédio das Ciências Humanas, o famoso hall do CCH, onde estudantes da universidade se encontravam em algum momento para comer um salgado e observar os possíveis fíctícios que encontraríamos em alguma calourada ou manifestação política e cultural — o pessoal das Humanas ama um fervo. Quando percebi, um grupo de homens gays me chamou e se apresentou, dizendo ter interesse em discutir a vivência da comunidade LGBT no campus. Preciso dizer que foram bem afrontosos e, desde o início, me chamavam de “bicha”, termo jocoso, mas que foi totalmente ressignificado dentro da comunidade.

Como sempre fui comunicativa, aceitei e resolvi participar de um encontro em uma sala no CCH. Mal sabia eu que ali ajudaria a fundar o primeiro coletivo LGBT da universidade, que viria a se chamar (In)Serto – Coletivo Sertão Transviado, e que aquele seria o início do processo por meio do qual eu poderia me autoconhecer, me libertar e florescer como a mulher trans que desde então venho construindo.

No início, confesso que achava tudo maçante e não entendia muito bem o que estava sendo discutido nas reuniões. O pessoal das Humanas ama um filósofo que utiliza de todos os artifícios cultos da linguagem para deixar o texto

o mais inacessível possível para meros leigos e ignorantes como eu. Era um tal de Foucault, de Lacan, de Miskolci, de Preciado, de Butler para lá e para cá.

No fundo, o que mais me chamava a atenção e cativava eram as discussões acerca das nossas vivências, e foi assim que nasceram amizades incríveis como a que eu tive com Renan Nascimento, uma gay doce, afeminada, e que sabia se despir do linguajar inacessível e traduzir para mim o que eu precisava para entender que as vivências da comunidade LGBT vão além de textos acadêmicos de filósofos estadunidenses brancos.

Foi nas conversas íntimas que eu tinha com Renan e Albert sobre nossas vivências plurais, associadas às leituras acadêmicas que, com o tempo, passaram a se tornar mais fluidas e acessíveis — principalmente quando eram de escritoras da área da Educação, como Guacira Lopes Louro, e de referências trans, como Jaqueline Gomes de Jesus e Amara Moira — que percebi haver um incômodo dentro de mim.

Aos poucos, compreendi que o motivo da falta de amor-próprio e autoestima não era o fato de eu ser uma gay afeminada que não se aceitava, mas sim o fato de eu ser uma mulher trans presa em um discurso sobre a própria existência trans que a sociedade insiste em nos impor: o discurso da marginalização, da prostituição, do desprezo e da impossibilidade de amor.

Primeiramente, peço que não se apeguem à fala aparentemente negativa em relação à prostituição, pois tenho plena consciência de que o problema não é a prostituição em si, mas as condições às quais as mulheres trans são expostas quando se prostituem e a ausência de outras possibilidades. A partir do momento em que entendi que a transfobia me era imposta desde a infância, de forma quase inconsciente, por meio de frases como:

- “Você não pode se sentar com as pernas cruzadas.”
- “Sua voz é muito fina.”
- “Você anda rebolando.”
- “Seu corpo é muito feminino.”
- “Você é muito sensível.”
- “Você não pode gostar de Floribela.”
- “Você tem muitos trejeitos.”
- “Você parece uma menina.”

compreendi que eu não era um homem gay afeminado, mas uma mulher. E compreendi também que poderia ser uma mulher trans, doutora e amada, exatamente como desejei no mais íntimo dos meus sonhos.

Lembro como se fosse hoje da primeira vez que coloquei uma saia, em uma intervenção planejada pelo (In)Serto. Foi libertador me ver com curvas e com o cabelo um pouco maior, uma vez que já estava, aos poucos, mesmo sem me entender por completo, desabrochando. Lembro também que foi nas manifestações e reuniões do (In)Serto que voltei às lembranças da minha infância. Assim que meus pais saíam para trabalhar, enrolava-me nos lençóis brancos da cama e imaginava-os como um vestido de noiva, cortava joias que encontrava nas revistas e colava nas orelhas e pescoço, simulava um cabelo com uma camisa na cabeça para fazer um penteado e andava pela casa ao encontro do meu noivo que me aguardava no altar. Pobre criança trans.

O (In)Serto e as amigas cresceram, e a cada dia a coragem de me identificar como Jojo tomou conta de mim. Não queria mais ser chamada pelo meu nome morto e, no dia em que escolhi o meu nome, logo avisei ao coletivo e todas as pessoas ao meu redor que Jojo havia matado João Vitor.

João Vitor demorou muito tempo para morrer para meus pais e para minha família. Sou muito apegada à minha mãe e, infelizmente, escutei da boca dela: “Prefiro ver você morto”. É algo de que tenho certeza que minha mãe se arrependeu no mesmo instante em que saiu de sua boca. Apesar de minha família ter demorado a matar o João Vitor que haviam construído, não fui expulsa de casa nem violentada física e psicologicamente, como acontece com a maioria das pessoas trans. Para uma grande parcela da população trans, a condenação à morte acontece dentro do próprio seio familiar, lugar em que deveríamos nos sentir seguras e amadas.

Sou imensamente grata por ter sido salva por pessoas daquele grupo de homens gays que, sem imaginar, fizeram o convite mais importante da minha vida — costume refletir que a Jojo nasceu nesse dia.

Nasceu de um convite seguido de um “sim” não apenas mais “inserto”, se me permitem o trocadilho, mas também improvável.

Hoje sou uma mulher retificada, aceita pela minha família, doutora em Microbiologia Agrícola, pesquisadora e pós-doutoranda em Virologia e

Biologia Molecular na Universidade de São Paulo (USP). Sinto-me vitoriosa e esperançosa de que seja cada vez maior a presença de pessoas trans na política, como professoras nas escolas, como jornalistas na mídia, como atores e atrizes nas novelas e como estudantes e servidores nas universidades. Assim, referências trans nos livros didáticos tendem a se tornar cada vez mais frequentes. Por mais coletivos LGBTs em todos os espaços. Obrigada, (In)Serto!

Tim Loyákejù

Saudações a todas as pessoas; a bênção a quem é de bênção.

Eu sou Ailton da Guia Gonçalves Júnior, conhecido socialmente como Tim, mas também sou Loyákejù. Sou uma pessoa preta, LGBTI+ e de terreiro (macumbeiro), nascida e criada na periferia de Montes Claros. Sou egresso de escola pública, graduado em História pela Unimontes, mestrando em História na mesma instituição. Sem mais delongas, o (In)Serto foi meu meio de inserção na universidade. Conheci o grupo ainda em 2017, quando um amigo de um ex-namorado, que era um dos fundadores do grupo, me convidou para participar das atividades do núcleo. Passei, então, a frequentar as reuniões e, a partir daí, comecei um processo de imersão em minha formação profissional, acadêmica e pessoal.

O (In)Serto me atravessou como uma flecha — ligeira, porém “inserta” —, suscitando em mim diversas questões que, até então, estavam pairando na superfície ou suprimidas no âmago da minha existência que de certa nada tinha (ou tem). A aproximação com a diversidade, que, particularmente, gosto de chamar de diferença, ampliou os meus horizontes e me fez cada vez mais embrenhar nas possibilidades de existências livres das amarras do colonialismo, da heteronormatividade e das violências de gênero.

O sertão, ao contrário do que dizem por aí, é um terreno muito fértil para se viver a diversidade. Esse espaço frutífero de ideias vai de encontro às mazelas e aos problemas sociais impostos sobre nós de forma combativa a todas as formas de discriminação. Não à toa o (In)Serto nasceu aqui, para levantar poeira sobre a normatização de práticas excludentes que em nada contribuem para o avanço e a garantia de direitos das pessoas LGBTQIAPN+.

O (In)Serto me conectou com o mundo de Judith Butler, de Paul Preciado, de Frantz Fanon, de Guacira Lopes Louro, de Chimamanda Ngozi Adichie, de Achille Mbembe e de tantos outros. Através de suas vozes escritas, pude maturar minhas ideias e situar-me nessa sociedade mascarada, farmacopornográfica, que, por medo do gênero em toda sua pluralidade, preconiza o necropoder sobre aqueles, aquelas e aqueles que são “insertos”. O (In)Serto também me ajudou a fazer parte de um meio acadêmico crítico e assertivo, que rompe com as estruturas de poder ditadas pela heteronormatividade e pelo cartesianismo.

Minha experiência “inserta” me treinou a ter um olhar “inserto”, que me possibilita criticar os essencialismos e me ensinou a desviar dos rabos de olho, do mau-olhado colonial, dos olhos que se cerram para a violência e para as discriminações. Meu olhar cada vez mais “inserto” me recria todos os dias quando penso ter absoluta certeza.

Albert Kelvin

Me chamo Albert Kelvin Antunes de Oliveira, conhecida por uns como Alby e por outros como “A bixa”. E isso se deve a uma interpretação, talvez errônea, do conceito de “bixa” trazido por Paco Vidarte em “Ética bixa”, que diz gostar do fato de “bixa” ser um substantivo e não um adjetivo. Então temos a bixa Tim, a bixa Renan, e por aí vai...

Entrei na Unimontes em maio de 2017, no curso de Ciências Sociais. Em seguida, comecei estágio de extensão no Núcleo Sociedade Inclusiva (Nusi) — um programa de inclusão da universidade para pessoas com deficiência — para ter dinheiro e conseguir minimamente me manter na faculdade. Numa conversa casual com a psicóloga do Programa de Apoio Psicológico e Psicopedagógico (Pappo), outro programa de extensão da Unimontes, soube que existia o (In)Serto, mas tinha muita vergonha de participar por me sentir intelectualmente despreparada (burra) em comparação com as outras bixas — tinha acabado de sair do ensino médio e mal sabia ler um texto de primeiro período de Sociologia!

Mas, no segundo semestre, fui assistir a uma roda de conversa no principal congresso realizado pela gestão da universidade, o Congresso de

Ensino, Pesquisa e Extensão, e a bixa Renan me convidou para participar do grupo. Peguei minha caneta, meu caderninho amarelo (para fingir que era estudiosa) e fui!

Me senti abraçada pelos olhares e pelas falas, sobretudo quando inventei de participar da roda de conversa. Eu mais perguntava do que “contribuía”, já que contribuição para mim seria já ter um pensamento formado sobre o que estava sendo discutido!

Refletir sobre nosso lugar no ambiente acadêmico e fora dele sempre foi algo que estive no cerne do (In)Serto, um projeto de extensão que critica as certezas de sujeitos dissidentes no sertão. Acho bizarro de chique! E, quando me vi participando do grupo de estudos com frequência, indo ao RU ou socializando com outras pessoas do projeto em momentos de descontração, me senti parte de algo dentro da universidade. Finalmente senti que estava entendendo o que era ser acadêmico.

Não me formei porque, em 2019, me candidatei a uma bolsa e hoje sou aluno e professor de dança. Ia tentar conciliar, mas, no entanto, veio a pandemia, e isso foi o bastante para não querer saber sobre coisas do universo acadêmico. Porém, as leituras (quando eu conseguia ler e entender) e as reflexões realizadas durante o curso, tanto as Ciências Sociais quanto o (In) Serto, até hoje servem de lentes e armaduras que ajudam a me desvencilhar do preconceito que eu e as minhas enfrentamos cotidianamente!

Gratidão a Rafael, Daliana, Virginia, Renan, Tim, Jojo, Marcelo, Thiago, Larissa, Luiz, Roger — e peço perdão para quem eu não citei. Sou grata por ajudarem a tirar o ranço do ensino médio e estarem comigo durante minha passagem pela universidade!

Luiz Fukushima

Eu fazia parte do grupo demográfico “cônjuges da Unimontes”, uma identidade que unia um grupo bastante diverso com um ponto em comum: tratava-se de todos aqueles que caíram de gaiatos num grande navio a centenas de milhas no meio do mar como consequência da vida conjugal. A cidade recebeu uma leva de mestres e doutores de diversos pontos do país,

na maioria paulistas, que trouxeram consigo seus sonhos, projetos, conhecimento, *pets* e... cônjuges. E, de gay, pouco tinham esses gaiatos (sim, chequem a etimologia). Na verdade, eu era o que mais se aproximava disso.

Havia uma espécie de dilema coletivo no grupo de cônjuges da Unimontes que consistia em conectar-se a Montes Claros e encontrar algo para chamar de seu. Eu resisti à mudança total e ficava na ponte aérea — na verdade, era em um ônibus que levava umas dezoito horas — da capital paulista à capital norte-mineira a cada um ou dois meses. Após cerca de dois anos de seu estabelecimento, Rafael Baioni, que já tinha consigo seus sonhos, projetos e conhecimento para Montes Claros, finalmente levaria definitivamente os *pets* e o cônjuge.

Giovanni Giorgio e Donna Summer — os *pets* — não só se adaptaram bem, como pareciam mais felizes com o sol do sertão, os passarinhos que perseguiram e os metros quadrados a mais que ganharam. Eu não encontrava o que perseguir. Seguiu o dia todo no computador, trabalhando com pessoas em três continentes, mas ainda não tendo meu sotaque compreendido ao comprar pão na padaria. A cultura nipo-brasileira, algo que me era corriqueiro, não estava mais ali — e mesmo sua máxima expressão se esvaía do alcance de minhas mãos: como viver sem o pastel de feira, patrimônio imaterial indiretamente *okinawa* paulista?

Vendo essa situação e cansado do mau-humor doméstico, Rafael tentou me convidar para atividades que teriam potencial de sentido para mim. Só que quem o conhece sabe que Rafael vive a Unimontes desde o dia em que desceu da sua primeira viagem de Gontijo. E escrevo isso aqui para que alguém possa citar, em ABNT, com meu sobrenome, ano e página: Rafael Baioni se dedicou e se dedica à Unimontes de forma que a docência opera como sua própria missão de vida, e a docência é vista não como vetor onipotente de mão única, mas sim como um diálogo individual com cada estudante, para que a formação, no sentido romântico, conceito que une toda sua pesquisa — união esta constelação, e não em um conceito-feixe, que amarra tudo que abarca —, possa ser elemento emancipador em cada indivíduo que passa por seu caminho. O que significa, enfim, que ele só me convidou e tinha tempo para atividades na Unimontes.

A menina dos olhos da vez era um grupo que estudantes gostariam de formalizar, mas que docente algum aceitava coordenar, menos ainda se dedicar a explicar teoria queer e afins. Eis que entrei mais uma vez de gaiato, agora no (In)Serto. Causos, conflitos, anedotas, fofocas e lendas dariam em si um artigo — e atesto o interesse acadêmico em todas essas micronarrativas. Mas tergiverso.

Rafael queria aproveitar o momento de refundação do (In)Serto para estabelecer uma nova identidade visual para o grupo, que já tinha uma marca¹². Havia nela uma dificuldade técnica: quando aplicada em tamanhos pequenos, perdia rapidamente a legibilidade. O cacto, rubrica visual que fazia menção ao sertão, era um pouco universal demais, não lembrava as espécies locais. O subtítulo *Coletivo Ser-tão Transviado* não representava todas as categorias que gostaríamos de abarcar no grupo.

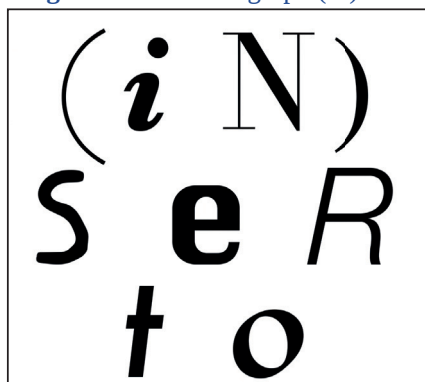
A identidade visual — e aqui foco na palavra “identidade” — precisaria refletir a diversidade do grupo e, ao mesmo tempo, trazer elementos do local sem cair no fetiche ou exotismo, ou, como dizia Mário de Andrade (1928), “sensações fortes, vatapá, jacaré, vitória-régia”. Só que mesmo o cuidadoso pensamento andradiano poderia refletir um certo bandeirantismo residual do paulista que chegava ao norte de Minas Gerais com um modernismo universal, aquele que acredita que 1922 foi seminal para toda a arte e repertório brasileiros (assim como tão paulista é o excesso de cuidado de não parecer paulista).

Porém, é difícil distanciar-se de nossas formas — e fôrmãs. Tendo aprendido design gráfico com pessoas em sua maioria formadas pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, a redução geométrica, a primazia da tipografia e a estrutura do grid entram quase como elementos básicos ao desenvolver uma identidade visual. A saída conciliadora foi criar uma regra para a bagunça: primeiro, focar no nome, sem mais nenhum elemento visual. Regra número dois: cada letra seria composta de uma família tipográfica, sem repetição (e para uma delas, pela tendência da época, seria inevitável utilizar uma tipologia dita vernacular, dessas de inspiração da manualidade). Três, o centro

12 Na conclusão deste capítulo, inserimos a imagem dessa logomarca e da ilustração que compunha a primeira camiseta do grupo.

óptico de cada letra ficaria em um *grid* de cinco colunas e três linhas, o que não funcionou em termos matemáticos (foram horas de ajuste manual de *Kerning* — os amantes de tipografia vão me entender).

Figura 1: Marca do grupo (In)Serto



Fonte: Luiz Fukushiro (2018). Imagem melhorada por inteligência artificial (*Google Gemini*).

A marca não teria uma cor oficial: a proposta inicial era, inclusive, que fosse utilizada como “máscara”, seja com uma imagem por trás ou seja com cada letra em uma cor diferente, a partir de seu contexto (dada a complexidade da proposta, acabou que sempre foi aplicada em preto). Nunca soube bem o quanto aceita foi a marca no grupo. Contentei-me em ver as questões técnicas: sobre a redução, era possível identificar facilmente as letras da marca, mesmo aplicada em diferentes tamanhos. E ver que seguiram utilizando aquele conjunto de letras nos materiais impressos, nas postagens em redes sociais e tudo que é produzido pelo (In)Serto. É, de certa forma, uma aceitação.

Algumas discussões teóricas em grupos de estudos depois, era hora de fazer uma nova Amostra. A Amostra (In)Serto era o maior evento do grupo, e também a chance de se fazer visto, ou, melhor dizendo, se “amos-trar” na universidade.

Fiquei responsável pela identidade visual e material de divulgação da segunda edição, que teria como tema “Identidades dissidentes, conservadorismo e política”, já sentindo no ar o Brasil que se formava com as eleições de 2018. Reações conservadoras à exposição *Queermuseu*, em Porto

Alegre, protestos contra o Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo, que sediara a performance de Wagner Schwartz, *La bête*, e o quiproquó causado por manifestantes no final de 2017 em frente ao Sesc Pompeia, também em São Paulo, contra Judith Butler, que participaria de um evento no local, davam o tom de como seria o debate para o pleito daquele ano. Nesta última, as imagens beiravam o cômico: um boneco com a cara de Butler era incendiado enquanto manifestantes seguravam cartazes associando-a à “ideologia de gênero” e gritavam “queimem a bruxa”.

A força dessas imagens foi o que inspirou os cartazes de divulgação da 2ª Amostra. As distorções que essas informações traziam foram traduzidas por meio da fotocópia e da sobreposição de imagens e texto. Havia algo de fantasmagórico no rosto de Butler distorcido no cartaz — o que era intencional — e que se tornou de certa forma premonitório dos anos conservadores que estavam por vir.

Figura 2: Cartaz da 2ª Amostra (In)Serto, 2018



Fonte: Arquivo próprio (2018). Imagem melhorada por inteligência artificial (Google Gemini).

As imagens não caíram no gosto do grupo, e não eram adequadas para o produto principal do (In)Serto: a camiseta. A camiseta era o elemento identificador do coletivo e também uma forma de angariar fundos para viabilizar o evento. O rosto deformado de Butler não era algo que as pessoas queriam botar em seu peito — o momento já era pessimista o bastante para que o elemento unificador fosse a turbulência causada pelo conservadorismo.

O contraponto era, então, criar uma imagem que representasse de forma afirmativa o (In)Serto. Mas como um paulista, descendente de imigrantes italianos e japoneses, que sentia dificuldades de se integrar à cultura local norte-mineira sem o seu pastel de feira, poderia ser o autor dessa imagem? Era hora de evocar o “vatapá, jacaré, vitória-régia”. O cacto voltou, o pequi foi evocado em forma de sua flor. O rosto de Butler, desfigurado, transformou-se em um rosto geometrizado, de número de lados e cores variadas. Não sei o quanto as pessoas sabem, mas cada elemento que está ali foi inspirado em um membro do (In)Serto à época. Formato do rosto, dos olhos, maquiagem, expressão, cor e estilo de cabelo. Essa colagem, ao ficar pronta, mostrou-se uma imagem forte, a ponto de eu mesmo me surpreender com o resultado. Como produto, a camiseta teve seu sucesso em vendas, e espero que porque o grupo tenha se sentido representado nela.

Figura 3: Ilustração para a camiseta da 2ª Amostra (In)Serto, 2018



Fonte: Arquivo próprio (2018). Imagem melhorada por inteligência artificial (*Google Gemini*).

Ainda em 2018, queríamos expandir as atividades do (In)Serto para além da discussão teórica dos grupos de estudo. A ideia era que a linguagem artística trouxesse em si formas de entendimento do mundo e de nele existir tão legítimas como aquelas estabelecidas pelos textos discutidos semanalmente. Criamos o Cine (In)Serto, e lembro-me de, em uma de suas edições, ter exibido o curta-metragem *Bailão*, de Marcelo Caetano, no rastro do então sucesso de seu primeiro longa *Corpo elétrico* e em resposta a uma discussão (e uma opinião etarista) no grupo sobre o envelhecimento dentro da comunidade gay.

Figura 4: Panfleto distribuído para o público durante a performance
Eu quero um presidente, 2018

Eu quero uma sapa para presidente. Eu quero uma pessoa com aids para presidente e eu quero uma bicha para vice-presidente e eu quero alguém sem convênio de saúde e eu quero alguém que cresceu em um lugar em que a terra é tão saturada de lixo tóxico que eles não puderam escolher não ter leucemia. Eu quero um presidente que fez um aborto aos dezesseis e eu quero um candidato que não seja o menos pior e eu quero um presidente que perdeu seu último amor para a aids, que ainda visualiza isso toda vez que se deitam para dormir, que seguraram seu amor em seus braços e sabiam que estavam morrendo. Eu quero um presidente sem ar condicionado, um presidente que ficou na fila do posto de saúde, do detran, da previdência e foi desempregado e demitido e assediado sexualmente e foi chamado de viado e deportado. Eu quero alguém que passou a noite em cana e teve uma cruz desenhada com fogo em seu quintal e sobreviveu ao estupro. Eu quero alguém que se apaixonou e foi magoado, que respeita o sexo, que tenha cometido erros e aprendido com eles. Eu quero uma mulher negra para presidente. Eu quero alguém com dentes ruins e uma atitude, alguém que comeu aquela nojenta comida de hospital, alguém que se traveste e tenha usado drogas e feito terapia. Eu quero alguém que tenha cometido desobediência civil. E eu quero saber por que isso não é possível. Eu quero saber por que nós começamos a aprender em algum momento que um presidente é sempre um palhaço. Sempre um João, nunca uma puta. Sempre um chefe, nunca um tralhador, sempre um mentiroso, sempre um ladrão e nunca pego.

"Eu quero um presidente..." ("I want a president...")
Zoe Leonard, 1992

performance "Eu quero uma sapa para presidente"
05-out-2018--Unimontes. Direção: Rafael Lorrán. Concepção e tradução: Luiz Fukushima. Elenco: Abner Nicolas, Alexis Kevin Santos, Daliana Antônio, Gildson Queiroz, Igor Miller, Larissa Ribeiro, Maurício Cardoso, Rafael Baioni, Renan Nascimento, Werick Vieira, Realização: (in)serto.

facebook.com/coletivoinserto instagram.com/insertocoletivo

(i N)
S e R
t o

Fonte: Arquivo próprio (2018).

Porém, meu desejo não era que o grupo apenas consumisse arte, mas que também a produzisse. Ao ver um vídeo de Mykki Blanco interpretando o texto *I want a president*, de Zoe Leonard, pensei numa performance que dialogaria com aquele tenso momento eleitoral. Traduzi o texto e convidei Rafael Lorrán, professor do curso de artes cênicas, para dirigir a empreitada. A ideia era “invadir” o espaço em frente à lanchonete durante o intervalo das aulas da noite para recitar o texto, sem aviso, e sair da mesma forma, como quem vociferava palavras de ordem e sai à espera de seu resultado.

A hesitação inicial se transformou em uma entrega, mesmo daqueles que não tinham experiência em teatro ou em artes performáticas. Foi bonito ver pessoas de diferentes graduações (e inclusive docentes, como Daliana Antonio e Rafael Baioni) participando dos ensaios e entregando-se aos exercícios e aos apontamentos de Rafael Lorrán.

No dia 5 de outubro de 2018, assim que a área de convivência se encheu, começa o toque de um tambor. Entra o grupo, carregando cadeiras e cubos de onde performariam. Isso deu o tom e convocou o silêncio curioso de quem estava presente. Então a primeira frase: “*Eu quero uma sapa para presidente*”. E seguem, até o fim. Algumas frases em coro. Outras entoadas como uma melodia. Havia até mesmo partes em solo. Até o derradeiro uníssono: “*sempre um ladrão, e nunca pego*”. E saem, sem reagir ao público, que aplaude, um pouco em choque pelo inusitado da ação, um outro tanto pelo conteúdo do texto. E quem participou, já na sala de onde saíram, voltava ao semblante costumeiro. Lembro de uma pessoa me dizer: “consequimos”. Será?

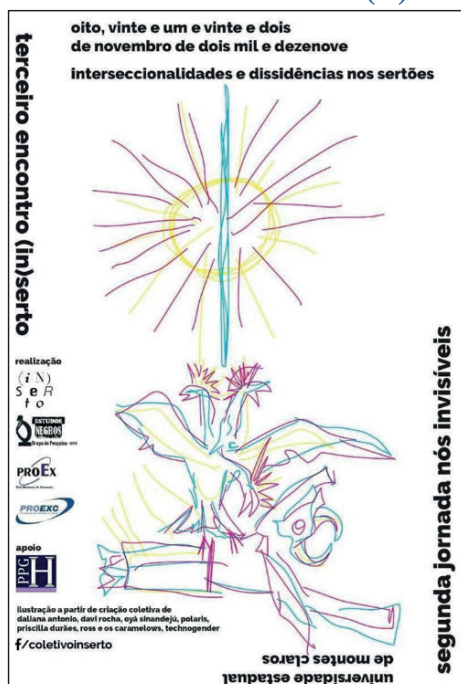
Passado o movimentado e difícil ano de 2018, era hora de aceitar o novo papel político do grupo no cenário pós-eleição. Pessoalmente, falhei em minha missão e decidi deixar Montes Claros. Não poderia mais assumir a responsabilidade sobre a visualidade do grupo, além de achar que a centralidade dessa função poderia viciar ou acabar fixando um determinado estilo a essa produção.

Após as experiências anteriores, ficou claro que o próximo passo era o de promover a “autonomia visual” do grupo, oferecendo ferramentas que poderiam ser úteis para a criação desses produtos, seja para divulgação, seja para identificação. Para o 3º Encontro (In)Serto (uma pena terem abandonado “Amostra” — aproveito e registro aqui a minha admiração a quem criou essa denominação), promovi uma oficina de identidade visual, em que fizemos exercícios coletivos de criação que serviriam de inspiração para a identidade visual do evento.

Foi feito uma espécie de “jogo do rabisco”, em que eu iniciava com alguns traços e propunha alguns desafios a partir do tema do evento, “Interseccionalidades e dissidências nos sertões”. Foram feitos vários exercícios em um grande papel no chão, no qual, em turnos, cada pessoa participava complementando a imagem. Nosso objetivo era, a partir dessas criações coletivas, compor uma imagem que seria o pôster do evento.

Porém, um desses desenhos acabou tão forte que se tornou o pôster em si. Tratava-se de um boi antropomorfizado, atacado na barriga por um pássaro de duas cabeças sob um sol escaldante dividido ao meio. Minha mente de designer gráfico logo associou o resultado ao pôster de Rogério Duarte para *Deus e o diabo na terra do sol*, filme de 1964, de Glauber Rocha. Para evitar minha interpretação sobre a ilustração (em uma versão, eu logo transformei os raios do sol em lâminas de uma serra circular tal qual Duarte; foi quando percebi que não poderia fazer muitas intervenções), apenas digitalizei a imagem feita a lápis de cor e refiz os traços, inclusive repetindo as cores utilizadas no original.

Figura 5: Cartaz do Terceiro Encontro (In)Serto, 2019.



Fonte: Arquivo próprio (2019).

A meu ver, esta é a imagem mais forte criada para e pelo (In)Serto. Rafael me confessou que várias pessoas a acharam feia, incômoda, sem sentido. Talvez seja meu espírito paulista pseudovanguardista que admire justamente a radicalidade a todo custo, mas, mais que isso, vejo ali a criação coletiva e o exercício de conciliação de várias pessoas e seus pontos de vista em compor algo que represente uma determinada coisa, mesmo que ainda mostre no resultado seu estado de rascunho. Talvez o exercício da identidade/alteridade e o de construção de uma coletividade/comunidade seja uma constante troca, dinâmica, que não chegue ao estado de arte-final. E que justamente esse processo é o que deve ser mostrado, em pôster e em identidade visual.

Eu posso não ter me encontrado no (In)Serto ou mesmo em Montes Claros, mas afirmo que esse momento da minha vida é muito importante na minha formação. Hoje, tendo como tema de pesquisa artistas nipo-brasileiros queer, não tem como não me remeter às discussões de textos e a nossos momentos coletivos de criação. E em seu sentido mais romântico, sinto que essa parada foi na verdade um grande movimento em minha jornada. A alteridade na alteridade, quando bem guiada, é um rico exercício de elaboração de si pelo não do outro. E hoje me sinto um pouco montes-clarense. E muito “inserto”.

Marcelo Brito

A criação do Projeto (In)serto coincide com meu retorno à Unimontes, após a graduação em Direito (2007) e mestrado no Programa de Desenvolvimento Social (PPGDS) (2016), por meio da aprovação no concurso público para o cargo de professor no curso de Direito. Recordo de ficar impressionado com o ambiente diverso e questionador proporcionado pelas (os) integrantes do Projeto e potencializado pelo coordenador e professor Rafael Baioni, cuja capacidade e senso crítico arrebatadores, tensionavam os paradigmas de gênero e sexualidade.

O Projeto (In)serto é um marco em minha vida, pois me possibilitou compartilhar escuta, experiências, conhecimento e teorias. Desde a minha

atuação como professor colaborador em 2017 até quando recebi o convite para ser coordenador do Projeto, são inúmeras as reflexões sobre as relações de poder e os mecanismos de controle do gênero e sexualidade, utilizando de variadas referências como Foucault, Butler, Preciado, Letícia Nascimento, Paco Vidarte, Jota Mombaça e Marta Rovai. Para além das teorias, o (In)serto me proporcionou a convivência com professoras (es) e pessoas acadêmicas que contribuíram para me transformar como professor, pesquisador e pessoa, em relações de acolhimento e afeto que se construíram nas diferenças e na alteridade.

Ao me aproximar do (In)serto, percebi que não se tratava apenas de um projeto de extensão voltado à discussão de gênero e sexualidade, mas de uma verdadeira experiência de presença e pertencimento. Ali, onde os corpos se encontravam e as vozes se faziam ouvir, descobri que a universidade podia ser atravessada por novos modos de existir, ensinar e resistir.

Os (as) estudantes não apenas ocupavam os espaços, mas os recriavam. A forma como se colocavam, com um orgulho que era ao mesmo tempo político e poético, a maneira como suas vozes e seus corpos reivindicavam o direito à existência, tudo aquilo funcionava como um espelho que me interpelava.

Observar a coragem com que tensionavam os paradigmas de gênero e sexualidade nos corredores, nas salas de aula e nos debates, provocou em mim um deslocamento profundo e a necessidade urgente de me posicionar enquanto professor LGBTQIAPN+. Se ser professor é, de algum modo, ocupar uma posição pública de fala, o (In)Serto me ensinou a fazê-lo com orgulho e responsabilidade, afirmando a visibilidade LGBTQIAPN+ como um ato pedagógico e existencial.

Assim, o (In)serto não apenas modificou minha trajetória profissional, mas deslocou os alicerces do meu próprio modo de ver, sentir, ensinar e existir. Tornou-se um território de escuta e criação, onde o afeto e o acolhimento se impõem como método e força política. Hoje, compreendo que minha presença na universidade é também uma forma de devolver ao espaço acadêmico a força transformadora que o (In)serto me ensinou a reconhecer – a força de existir em coletivo, com coragem, amor e pensamento crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tantas outras vozes poderiam acrescentar a este relato: Luiz, Sérgio, Pedro, Laíse, Sâmia, Júlio, Rossiny, Abner, Júlia, Davi, Larissa, Lara e muitos outros. A história está aí para ser feita.

Algumas coisas, porém, não podemos deixar de trazer, como o primeiro logotipo, o primeiro cartaz do grupo de estudos e uma imagem da primeira camiseta do grupo. Virginia não era designer, era estudante de história: “eu estava quebrando o galho de designer na época, mas fiquei mais do que satisfeita de passar isso pra alguém que realmente sabia”. De qualquer forma, seu trabalho nos ajudou muito nesses primeiros momentos do grupo.

Figura 6: Primeira logomarca do grupo



Fonte: Arquivo próprio (2017).

O primeiro cartaz foi feito com uma imagem de um banco de imagens gratuito. Ficamos encantadas com a ambiguidade de gênero da pessoa da foto. Mesmo com suas limitações, lembramos com carinho desses cartazes espalhados pela universidade, anunciando o primeiro livro que estudamos juntas: justo essa bomba desafiadora e deliciosa que é *Problemas de gênero*, de Judith Butler.

Figura 7: Primeiro cartaz do grupo de estudos do (In)Serto, 2017



Fonte: Arquivo próprio (2017).

A primeira camiseta do grupo foi feita também com a mediação de Virginia, que conseguiu a autorização do artista Julian Cosmo Kahali¹³, cujo trabalho conhecia pelo *Facebook*, para utilização de uma de suas ilustrações. A camiseta fez muito sucesso na universidade, e algumas pessoas desfilam até hoje com ela pelos corredores.

¹³ Não conseguimos encontrar o artista atualmente nas redes sociais, mas deixamos aqui novamente nosso agradecimento.

Figura 8: Daliana Antonio e Rafael Baioni (com a primeira camiseta do grupo), 2017



Fonte: Arquivo próprio (2017).

Estes foram alguns recortes das nossas experiências em nossos primeiros anos, de 2017 até 2019. Em 2020, o ano da pandemia de covid-19, atuamos principalmente com o grupo de estudos *on-line*, no canal do (In) Serto, na plataforma *YouTube*¹⁴. Em 2021, o professor Rafael se mudou para Berlim para realizar pesquisa de pós-doutorado, e só retornaria em 2024.

14 Disponível em: <https://www.youtube.com/@InsertoColetivo>. Acesso em: 8. jun. 2026.

Figura 9: Marcelo Brito (com a segunda camiseta do grupo), 2022



Fonte: Arquivo próprio (2022). Imagem melhorada por inteligência artificial (*Google Gemini*).

Neste período, o professor Marcelo Brito, do curso de Direito, que já fazia parte do grupo há um bom tempo, assume a coordenação oficial, sempre com a colaboração próxima da professora Daliana, da Sociologia, e que intenta, ativamente, a constituição de comuns, e de outras professoras e professores do grupo, como: Ana Carolina Ruas, da Psiquiatria, ajudando em projetos envolvendo saúde de pessoas LGBTQIAPN+; Heiberle Horácio (em memória), da Filosofia, trazendo sua colaboração sobre religião e outros regimes de conhecimento; e Mônica Amorim, da Pedagogia, com a gente em tantos projetos que envolvem as vivências das pessoas LGBTQIAPN+ e a educação.

Ao mesmo tempo, também ocorre uma “troca de geração” entre as estudantes do projeto, que passou a contar com a colaboração intensa de Pedro Augusto, Apoema Souza, Paulo Thiago, Gabriela Rocha, Matheus Silveira, Ana Clara, Bruna Vilasboas e de tantas outras pessoas. Muita coisa legal aconteceu desde então, mas essa é uma história para outro texto.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Ensaio sobre música brasileira*. São Paulo: I. Chiarato & Cia., 1928.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

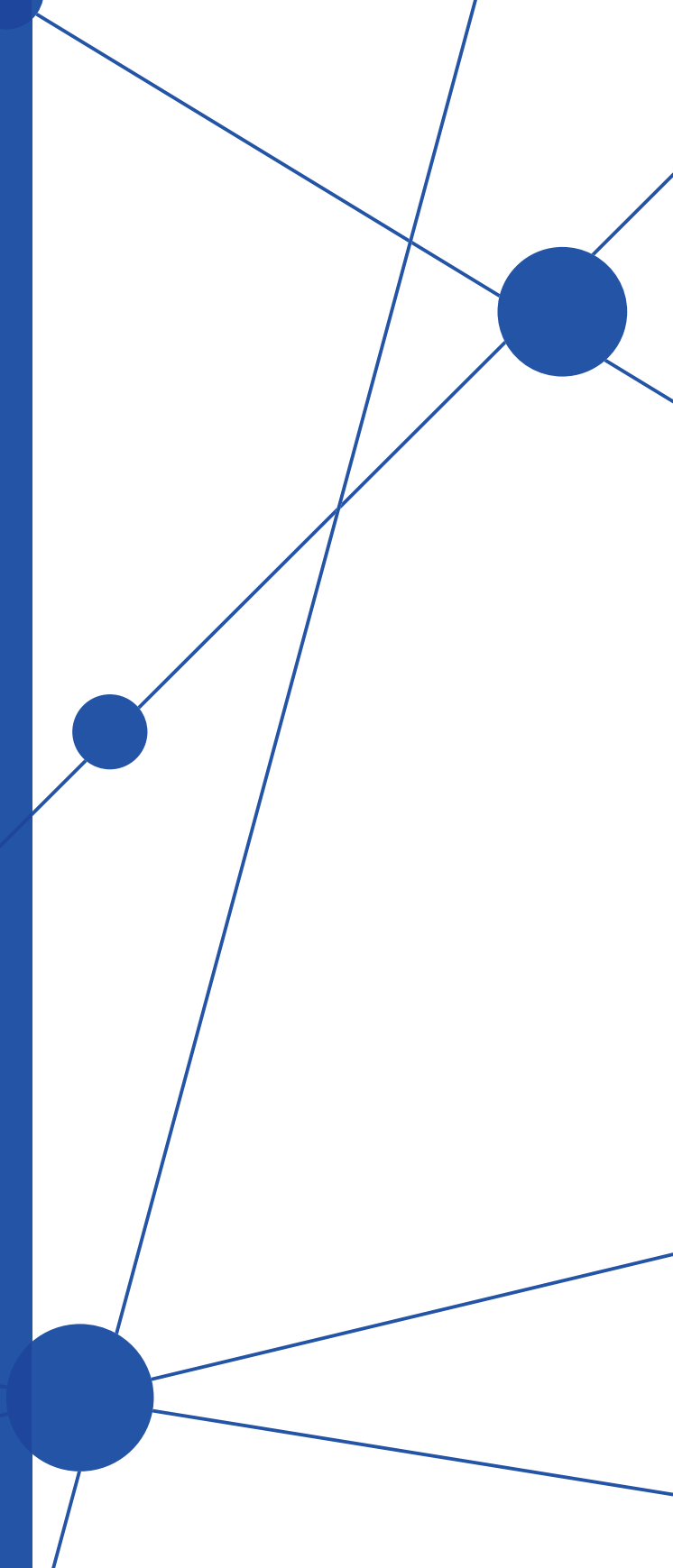
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PRECIADO, Paul B. *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SOBRE OS ORGANIZADORES



ROGÉRIO OTHON TEIXEIRA ALVES

Rogério Othon Teixeira Alves é Pró-Reitor de Extensão da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e professor do Departamento de Educação Física e do Desporto da instituição desde 2002. Graduado em Educação Física pela Unimontes, possui especialização em Educação Física Escolar, mestrado e doutorado em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).



Integra o corpo docente permanente do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/Unimontes), atuando na formação de professores, na produção científica e no fortalecimento das ações de ensino, pesquisa e extensão. Como organizador desta obra, reúne experiências, reflexões e perspectivas que reafirmam a extensão universitária como espaço privilegiado de diálogo, produção de saberes e construção coletiva do conhecimento.

136

MARCELO BRITO

Marcelo Brito É Pró-Reitor Adjunto de Extensão da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e professor efetivo do Curso de Direito da instituição, onde leciona as disciplinas de Direito Internacional Público e Direito Internacional Privado. Graduado em Direito pela Unimontes, concluiu o mestrado (2016) e o doutorado



(2020) em Desenvolvimento Social pela mesma universidade, consolidando uma trajetória acadêmica voltada à articulação entre o campo jurídico, os direitos humanos e as demandas sociais contemporâneas. Coordena o Projeto de Extensão (In)Serto – Núcleo pela Diversidade Sexual e de Gênero da Unimontes. Colabora com o Observatório de Violência de Gênero no Norte de Minas. Como organizador desta obra, reúne experiências e perspectivas que evidenciam o potencial transformador da extensão universitária, reafirmando seu papel como instrumento de formação cidadã, produção de saberes e compromisso com a justiça social.

A obra reúne relatos de extensão da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) que evidenciam a universidade como um espaço de diálogo entre o conhecimento acadêmico e a realidade social. As experiências apresentadas demonstram que a extensão constitui uma via de transformação mútua entre universidade e comunidade, conferindo sentido público ao ensino e à pesquisa e promovendo uma formação ética, humanizada e comprometida com as demandas sociais. Ao reunir relatos de coordenadores, bolsistas e parceiros, o livro reafirma a extensão como elemento essencial da formação acadêmica e busca inspirar estudantes e docentes a reconhecerem, no diálogo com a comunidade, o potencial transformador da educação e do conhecimento.